

346
~~XXXXXXXXXX~~

D. VIRGINIA DE CASTRO E ALMEIDA

Pela terra e pelo ar



LISBOA

Livraria Classica Editora

1911

Arch. de Oliveira
Cat. 295, n.º 541

5.50

2
6690



~~010~~
346

Pela terra e pelo ar

DA MESMA AUCTORA:

A FADA TENTADORA. Livro para creanças. Prefacio de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. 1 vol. illustrado	700
COMO DEVO GOVERNAR A MINHA CASA. Adaptação e modificação do livro italiano de G. F. Tamburini. 1 vol..	800
COMO DEVEMOS CRIAR E EDUCAR OS Nossos FILHOS. 1 vol. illustrado.	800
TERRA BEMDITA. 1 vol.	600
TRABALHO BEMDITO. 1 vol..	600
CAPITAL BEMDITO. 1 vol..	600

Para a "BIBLIOTHECA DOS MEUS FILHOS,,

CEU ABERTO. 1 vol. illustrado.	700
EM PLENO AZUL. 1 vol. illustrado	600
PELA TERRA E PELO AR (Noções de entomologia). 1 vol. illustrado.	

NO PRÉLO:

FÉ.

EM PREPARAÇÃO:

EDUCAÇÃO DE RAPARIGAS.
ESPERANÇA.

BIBLIOTHECA DOS MEUS FILHOS

D. VIRGINIA DE CASTRO E ALMEIDA

Pela terra e pelo ar

(NOÇÕES DE ENTOMOLOGIA)

LIVRO PARA CRIANÇAS

ILLUSTRAÇÕES DE JOÃO ALVES DE SÁ



LISBOA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C. TA

20 - Praça dos Restauradores - 20

1911



COMPRA

215559

α
66590

Composto e impresso na Typographia Santos
62, Rua das Flores, 64—Porto

PREFACIO

Era nos arredores de Saint-Leons, em plena paizagem agreste e escalvada do Aveyron.

Um dia quente de primavera.

Um rapazito, filho de camponezes, com as calças largas de burel presas pelos suspensorios que lhe riscavam a alvura da camisa, trepava a encosta da collina cujo topo coroado de arvores esgrouviadas, marcara até alli, o limite do seu horizonte.

O que haveria além d'aquelle renque de arvores? além d'aquella crista de outeiro?...

Fugindo á vigilancia materna, escapara-se; e com a coragem dos pequenos heroes aventureiros dos contos phantasticos, emprehendera a escalada, marinhandando de pés e mãos entre os pedregulhos, sobre a terra secca e ingrata, de rara vegetação, tisonada pelo sol...

A meio do caminho, parou, cheio de assombro. Sob uma grande pedra que lhe servia de abrigo,

acabava de ver um ninho onde jaziam seis ovos azues... azues de anil, azues do azul intenso do ceu!

Que maravilha!

O seu entusiasmo de descobridor de mundos cahiu, esmoreceu, perdeu-se, afundado na alegria do inesperado encontro.

Furtou um dos ovos, com fervor religioso, escondeu-o na mão envolvendo-o em musgo para que se não quebrasse; e voltou para casa sem outro pensamento senão a felicidade de possuir aquelle thesouro.

A' entrada da povoação, encontrou o sr. Prior.

«O que levas ahi?» perguntou-lhe o santo homem notando que o rapazito escondia qualquer coisa atraz das costas.

Teve de se confessar.

Vermelho, confuso, de olhos baixos, receando uma reprehensão, o nosso aventureiro contou a historia do ninho no chão, sob uma pedra, dos ovos que tinham a côr do ceu...

Trazia um d'elles... Eram tão lindos!

Deixara ficar os outros. Voltaria mais tarde quando os passaritos tivessem nascido; então iria buscar a ninhada.

O Prior poz-lhe a mão na cabeça e falou-lhe longamente...

D'este sermão germinaram duas ideas no cerebro do rapazito: era mal feito roubar os ninhos,

destruir os passaros que são a alegria dos campos e que ajudam os lavradores, limpando a terra dos insectos nocivos ás colheitas; era mal feito affligir as mães...

Falando do passaro que puzera aquelles ovos, o Prior chamara-lhe saxicola.

Saxicola?!...

O termo que o Prior pronunciara intrigou o rapazito; de pergunta em pergunta, de deducção em deducção, revelou-se-lhe um mundo novo: o das ervas e dos bichos designados pelos seus verdadeiros nomes.

.....
Outra vez, o mesmo rapazito, sempre á procura de sensações novas e cheio de curiosidade pelo desconhecido, trepou pelo muro de um açude e espreitou a agua estagnada por detraz da adufa. Viu um ser terrivel, que o arrepiou de medo...

Pareceu-lhe um filho dos dragões lendarios...

Era uma salamandra.

Mais abaixo, no canal escuro, assombreado pela vegetação das margens, descobriu uma população de peixes pequeninos de gravatas rubras...

E assim, de descoberta em descoberta, hoje um passaro, amanhã um cugumello, mais tarde uma planta, um insecto, (os insectos, os insectos sobretudo! Que prodigios!...) o nosso aventureiro desistindo de explorações longinquas, foi-se deixando

prender ao interesse apaixonado pelo mundo de maravilhas que o cercava.

O sr. Prior principiou a ensinar-lhe latim e a dizer-lhe os nomes d'aquelles entes que se agrupavam em classes, em generos, em familias, e que tinham a sua historia. . .

Passaram-se perto de oitenta annos.

Ha tres mezes, celebrou-se na pittoresca aldeia de Serignan, o jubileu do grande entomologista Henri Fabre a quem Darwin chamou «o inimitavel observador,» e que Rostand designa pelo nome de «Virgilio dos insectos.»

.....
Folheando a obra immensa de Henri Fabre que representa o trabalho perseverante de uma vida inteira, o fructo de uma intelligencia e de um estudo raros, aureolados pela mais doce poesia (uma poesia toda feita de bondade simples e sincera), lembrei-me de escrever para as creanças, um livro sobre os insectos.

E' um mundo novo que se abre á natural e insaciavel curiosidade do publico infantil, á sua sede ardente de maravilhoso; um mundo novo cuja existencia pôde verificar, repleto de surpresas, de encantos, de insinamentos proveitosos.

E, quem sabe?... talvez estas paginas, baseadas no trabalho de Henri Fabre, evocando o seu espirito luminoso, o façam pairar em volta do livro como uma encantação benefica, e vão accordar na

alma de algum leitor, a paixão de um estudo que fez do humilde camponez de Saint-Leons o sabio de Serignan, atravez de annos e annos de luctas, de pobreza, de obscuridade, sem um desanimo, vindo enriquecer a sciencia com tantas contribuições, e a bondade humana com um tão doce exemplo.

Funchal. — Julho de 1910.

CAPITULO I

Chegada da Violante. — A caça á cigarra. — A cantora que não canta com a bocca e que vê com cinco olhos.

A Mariasinha estava contentissima.

A sua grande amiga Violante tinha chegado de Lisboa e vinha passar um mez com ella.

O pae trouxera-a na vespera, e a pequena alegrava-se com a vista das plantas e dos animaes, com a liberdade de correr desafogadamente pelas sombras do jardim, de passear á vontade por toda a parte sem encontrar casas nem muros que lhe embargassem o caminho, de colher flores bravas aos braços, de descobrir insectos que nunca tinha visto.

Falava alto, ria por tudo ás gargalhadas; o ar fresco e puro do campo a que não estava habituada, causava-lhe uma especie de embriaguez.

De um dia para o outro parecia já mais corada, e os olhos brilhavam-lhe de saude.

Era em Agosto e fazia muito calor. Durante a

tarde inteira, na vespera, as duas amigas tinham explorado todas as dependencias da quinta.

A Violante assombrava-se deante de tudo como se andasse visitando um palacio encantado.

Os bois *ratinhos*, muito grandes e mansarrões, infundiam-lhe respeito. Pasmava da sua força ao puxarem a charrua que rasgava a terra secca e dura.

Os porcos de raça ingleza, enormes e gordos, roncando e erguendo para ella as cabeçorras horrosas, tinham-n'a feito gritar de medo como se fossem animaes ferozes, prestes a devoral-a.

O gallinheiro encantara-a, cheio de aves doiradas, prateadas, sarapintadas de côres diversas, pedrezes, umas grandes, outras pequenas, ostentando as exquisitices caracteristicas das differentes raças.

E os faisões com os seus capuzes de oiro e o seu peito de carmim! . . .

«Parecem principes encantados!» exclamava a Violante. «Tão bem vestidos! Com um fato tão rico!»

Á noitinha, as duas pequenas foram ver chegar as cabras da pastagem.

A Violante estava no setimo ceu. Abraçava e beijava os cabritinhos, acariciando o seu pêlo tão macio, as suas cabecinhas meigas onde luziam os olhos castanhos muito doces.

No dia seguinte ao almoço, a Violante não fa-

zia senão olhar pela janella, morta por se ver lá fóra outra vez.

«Ouves este barulho? O que é?» perguntou ella á Mariasinha, apenas sahiram para a varanda.

«Que barulho?»

«Esta coisa assim... trrr... trrr... sempre, sempre...»

«Ah! São as cigarras.»

«As cigarras? O que é? Onde estão? Não vejo nada!»

E a Violante olhava para todos os lados.

O ruido ora lhe parecia vir de perto, ora de longe. Julgava ouvil-o erguer-se do chão, e logo o sentia descer do alto das arvores.

«É um bicho?»

«É um bicho.»

«Muito grande? Mas eu não vejo... Onde? Como é?»

A Mariasinha que estava farta de ver e ouvir as cigarras e que não se importava já com ellas, sentia-se pouco disposta a explicações; queria arrastar a amiga para um canto do jardim onde fizera, sob a direcção do pae, uma hortasinha de bonecas, tão linda!

Mas a Violante não se distrahia facilmente de uma idea que lhe entrava assim na cabeça.

Queria ver uma cigarra. Devia ser um bicho muito extraordinario para fazer aquelle barulho que ella nunca ouvira.

Era quasi meio dia. O calor apertava tanto, o sol estava tão ardente, que os paes da Mariasinha não deixaram as duas pequenas sahir da varanda.

Porém o pae teve pena da Violante; estava tão desconsolada por não ver as cigarras, que levando-a pela mão, desceu os degraus, aproximou-se com ella de um platano, e principiou a procurar nos troncos, diligenciando descobrir a cantora.

Era muito difficil, explicava elle á pequena; a cigarra, da côr dos troncos, espalmava-se contra a sua casca e confundia-se com ella.

«É muito pequenina?» perguntava a Violante um pouco desapontada.

Lembrava-se das historias que lera nos seus livros, lá em Lisboa, e das que ouvira as creadas contar.

Ao escutar o ruido ensurdecador das cigarras, julgara que era a voz de um só animal e phantasiara-o enorme e differente de todos os que tinha visto; uma especie de dragão de formas desconhecidas, que podia produzir aquelle som mysterioso e continuo, sem nunca tomar a respiração.

E olhava com desconfiança para o pae da Mariasinha.

«É pequenina?» repetia ella. «Mas como pode ter esta voz tão forte?»

«Ah! não é só uma que faz este barulho!» respondeu o sr. Carvalho. «São centenas e centenas.»

A Violante estava cada vez mais admirada.

Centenas e centenas?!... E não se via nenhuma!...

«Olha, olha!» gritou de repente o seu companheiro.

Alli mesmo, muito perto, ao alcance da mão, a Violante viu um insecto grande e grosso, do feitio de uma mosca, com as azas um pouco derrubadas...

Teria uns cinco centímetros de comprimento; as patas, fortes e musculosas, munidas de garras na sua extremidade, fixavam-se ao tronco do plátano; todo o corpo se espalmava contra a casca da arvore; a sua immobildade era completa.

«Está morta?» perguntou a Violante.

«Isso sim! Está a cantar e a comer.»

«A cantar!... Mas o barulho que eu oiço, não parece vir d'aqui.»

E de repente poz-se a rir.

«Petas!» disse ella. «O sr. Carvalho diz que ella está a comer... Ninguem pode comer e cantar ao mesmo tempo.»

«É que ella não canta com a bocca» respondeu o sr. Carvalho.

A Violante olhou para elle, pasmada.

«Eu vou-te explicar tudo como é. Queres apanhar esta cigarra com a tua mão?»

A Violante approximou-se mais, e então percebeu que a cigarra estava a cantar; ouviu distin-

ctamente a sua voz. Mas no mesmo instante, o animalsinho calou-se.

«Estava a cantar, estava...» disse a pequena olhando para o seu companheiro... «Mas agora calou-se de repente.»

«É porque te viu.»

«Envergonhou-se?»

«Provavelmente teve medo; e decidiu-se a não fazer barulho, a ver se não davas com ella.»

«Mas como é que me viu, se está de costas para mim?»

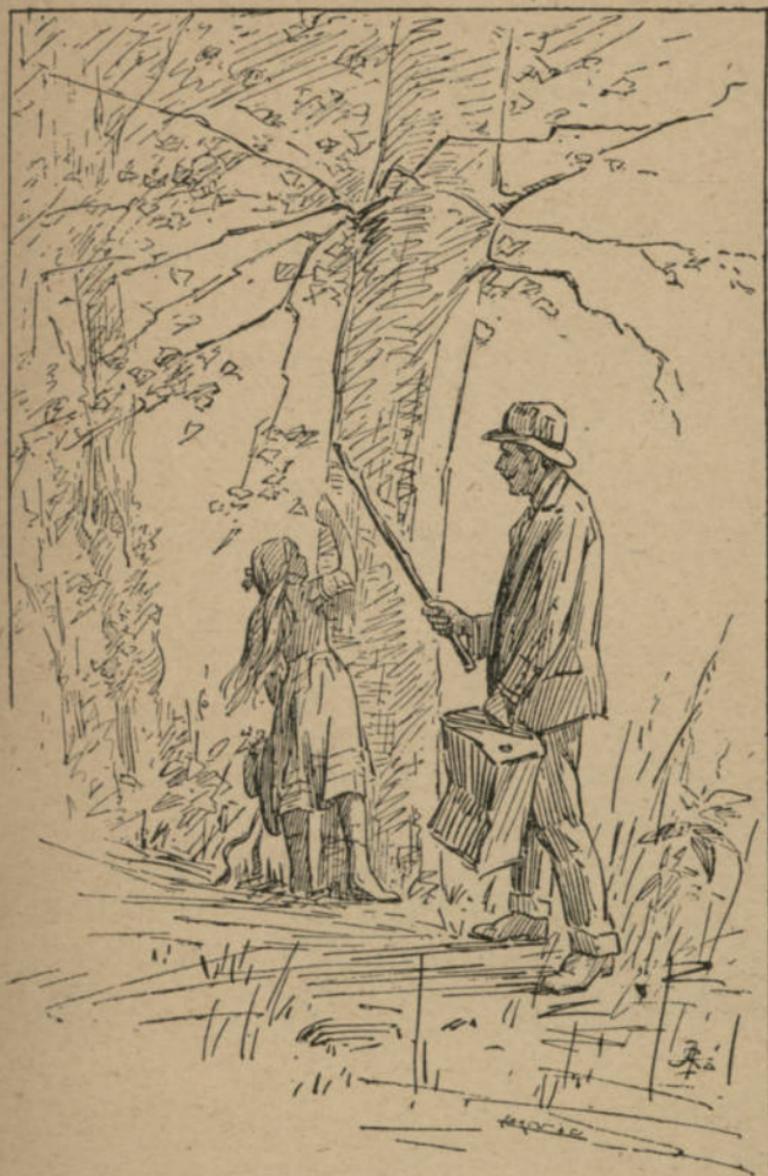
«Ah! se tu soubesses a vista que ella tem! Possue dois grandes olhos, facetados e salientes, que dão conta de tudo que se passa á direita e á esquerda; e além d'isso tem a cabeça munida de tres aparelhos que são como pequenos telescopios de rubis, que exploram tudo, por cima d'ella.»

«Que exquisitesito!» exclamou a Violante, que sentia crescer o seu desejo de examinar de perto aquelle animal que cantava sem ser com a bocca e que via com cinco olhos. Ia já apanhal-a, quando o sr. Carvalho lhe segurou no braço.

«Mas em compensação», disse elle «parece-me que é surda.»

Escondeu-se com a pequena por detraz do tronco da arvore, e immediatamente a cigarra recommçou a cantar.

Então o sr. Carvalho gritou, bateu as palmas,



Escondeu-se com a pequena por detraz do tronco da arvore,
e immediatamente a cigarra recommçou a cantar. (Pag. 16)

fez um grande barulho dando pancadas com um pau n'uma lata velha... e a cigarra sempre a cantar.



Fig. 1—Cigarra

A Violante estava muito divertida.

«Vês?» disse o seu companheiro. «Não se importou para nada com o ruído que fizemos. Ou é surda, ou o barulho não lhe mette medo.»

«Vamos apanhal-a!» implorou a Violante.

Deram volta á arvore.

A Violante estendeu o braço e pegou no insecto; mas ao sentir o estremeci-

mento d'aquelle corpo duro, todo vibrante de susto, encolheu-se bruscamente...

E a cigarra, abrindo as suas quatro azas, escapou-se com uma ligeireza de que ninguem a

teria julgado capaz momentos antes, regando a mão da Violante com um jacto de liquido.

« Oh! que porcalhona! » exclamou a pequena.
« Sujou-me toda! »

« É o que ellas fazem sempre quando fogem... » disse o sr. Carvalho, rindo. « És uma pateta! Tinha-a já agarrada, e deixaste-a escapar-se. Vamo-nos embora; faz muito calor. »

Mas a Violante não se conformava. Agora queria por força descobrir outra cigarra e levá-la consigo, para a ver bem e para o sr. Carvalho lhe explicar como cantava.

Recomeçaram a procurar.

Finalmente descobriram uma. Porém d'esta vez foi o sr. Carvalho quem a apanhou, fechando-a bem na mão.

Voltaram para a varanda onde os esperavam a Mariasinha e a mãe.

« Nem aqui se póde estar, » disse o sr. Carvalho. « Vamos para a sala, que deve lá fazer mais fresco. »

E então, installado defronte de uma janella com as pequenas, e segurando entre dois dedos a cigarra, principiou a explicar como ella cantava.

« Não canta com a bocca. » disse elle. « E de resto, bem vêes que não tem bocca, mas sim uma especie de bico. A cigarra não póde comer; reparam bem; não tem mandibulas como muitos ou-

tros insectos. O seu bico não se abre. É como um furador oco, por meio do qual perfura a casca das arvores e lhes suga a seiva gulosamente, o seu alimento, o liquido delicioso para ella como um xarope. Já vês, Violante, que não é por esta especie de tromba dura e tão delgadinha, que a cigarra póde lançar no ar a voz forte que ouviste.»

CAPITULO II

A fabula da cigarra e da formiga.—A caixa de musica.—A poedeira que põe quatrocentos ovos.

A Mariasinha interessava-se tanto como a sua amiga. Estava farta de ver e de ouvir as cigarras, mas nunca pensara n'ellas; e agora, ao escutar a explicação do pae, o insecto apparecia-lhe como um ente extraordinario, cheio de surpresas e de novidades.

«Mas, meu pae» observou ella «a fabula que eu apprendi no outro dia a respeito da cigarra, diz que ella pediu emprestados á formiga, alguns grãos do seu celleiro... Para qué queria ella os grãos se não tem bocca, e só póde chupar os liquidos das arvores?»

«Não me fales n'essa fabula!» exclamou o sr. Carvalho. «É muito bonita, mas não diz senão petas. Foi feita por um grande poeta francez conhecido no mundo todo, chamado La Fontaine, um homem de muito talento e muita arte, mas que não conhecia a cigarra.»

« Como é a fabula? » perguntou a Violante.
« Eu tambem apprendi lá no collegio, uma fabula de La Fontaine, mas não fala da cigarra; chama-se *O lobo e o cordeiro*. É muito triste; faz vontade de chorar. »

O sr. Carvalho pediu então á Mariasinha que recitasse á sua amiga, a fabula da cigarra.

Era a historia de uma cigarra e de uma formiga.

A formiga, muito prudente, muito ajuizada, muito trabalhadora, muito bôa pessoa, empregara todo o verão a juntar grãosinhos de trigo e tudo que podia arranjar de alimentos bons e substancias, para os armazenar no fundo dos seus celleiros, afim de ter estes bem recheadinhos de provisões para o inverno.

Entretanto a cigarra passara os mezes de calor á bôa vida, cantando, sem pensar no futuro.

Quando chegaram os frios, e que deixou de haver alimentos sobre a superficie da terra para a formiga e para a cigarra, a primeira não se ralou: tinha os celleiros abarrotados; estava rica; não morreria á fome.

A pobre cigarra não juntara nada; tiritava de frio e não encontrava alimento.

Veu bater á porta da formiga.

« Empresta-me alguma coisa, pelo amor de Deus; » disse ella « um pouco dos teus grãos de trigo, para eu não morrer... »

Mas a avarenta da formiga abanou-lhe a cabeça.

« Cantaste todo o verão, minha amiga? » respondeu ella cruelmente, em ar de troça. « Pois dança agora! »

« Coitada da cigarra! » exclamou a Violante afogueada de indignação. « A formiga é bem antipathica. »

E olhava com dó para o animalzinho que o sr. Carvalho segurava entre os dedos, e que esperneava com toda a força, diligenciando livrar-se da sua prisão.

A Violante achava-lhe um ar de bondade, com a sua cabeça lustrosa, os grandes olhos que pareciam umas contas, a tromba dura e comprida que lhe servia de bocca.

« E então como é que ella canta? » perguntou a Violante.

Por mais que remirasse o insecto, não podia descobrir aquelle mysterio.

O sr. Carvalho virou a cigarra de barriga para o ar, e com a ponta de um canivete muito fino, mostrou ás pequenas, abaixo do peito do insecto, logo a seguir ás suas patas posteriores, duas placas duras, sobrepondo-se ligeiramente.

« Aqui » disse elle « por detraz d'estas portas, é que está o segredo. »

Por meio do canivete, levantou com geito uma

d'aquellas placas; e as duas amigas puderam ver uma cavidade funda e oca.

« Mas não tem nada lá dentro! » exclamaram ambas, desapontadas.

Tinham esperado ver algum instrumento escondido.

A cavidade terminava de um lado por uma pellesita amarellada, fina e molle, e do outro por uma parede mais dura, muito delicada, irisada como uma bola de sabão.

« Isto é como o interior de um tambor » explicou o sr. Carvalho « onde o som é augmentado; serve apenas para dar mais força ao som. Mas a caixa de musica é lá mais dentro. Querem ver? »

E o sr. Carvalho dispunha-se a abrir o animal.

Mas as pequenas seguraram-lhe na mão.

« Não, não. . . » gritaram ellas. « Coitadinha da cigarra! Não lhe faça mal! . . . »

« Podia arrancar as placas e as duas pelles; a cigarra continuaria a cantar do mesmo modo » disse o sr. Carvalho. « A sua voz ficaria apenas mais fraca. Mas já que vocês não querem que eu abra a caixinha de segredo, vou ver se lhes explico este machinismo sem lh'o mostrar. »

E principiou a explicar.

As pequenas ouviam com a maior attenção.

O sr. Carvalho virou a cigarra do outro lado, e apontou nas costas do insecto, logo atraz do

ponto de partida das azas posteriores, uma ligeira saliencia oval, preta.

«Aqui dentro é que está o segredo;» disse elle «se abrissemos esta cobertura preta, veriamos uma pellesita secca, branca, abahulada para o lado de fóra como uma concha, e riscada de umas nervuras que são, por assim dizer, as molas que a fazem trabalhar. Imaginem vocês que esta pellesita secca, muito bem fixada em toda a volta, se agitava, se contrahia, se abahulava ora para cima, ora para baixo, impellida pela força das nervuras. O que succedia?»

A Mariasinha levantou-se n'um impeto de enthusiasmo que ia atirando com a meza ao chão.

Poz-se a bater as palmas e a saltar.

«Já entendo!» gritou ella. «Quando, no anno passado, fomos uma vez á feira de Alcantara, a minha mãe deu-me um bonito muito engraçado. Era uma coisinha de metal que se apertava entre os dedos e se largava logo; fazia assim: tric-trac!... Não é d'este modo que a cigarra canta?»

O pae começou a rir.

«Que explicação tão ratona!» disse elle. «A Violante não percebeu nada.»

A Violante olhava para a Mariasinha com os olhos muito espantados, como se ella tivesse en-doidecido de repente.

«A tua amiga refere-se a um brinquedo que tu estás decerto farta de conhecer,» continuou o

sr. Carvalho dirigindo-se á Violante. «É uma folhasita de metal, elastica, que se aperta entre os dedos para a fazer curvar com um estalo, e que, apenas se larga, volta ao seu primeiro estado com outro estalo.»

«Já sei!» exclamou a Violante por seu turno, toda contente por entender. «E a tal pelle secca da cigarra é como a folhasita de metal que dá estalos ao abahular-se para um lado, ao abahular-se para o outro.»

«Pois é isso mesmo», observou o sr. Carvalho. «E como a cigarra, por meio das nervuras em que te falei e que servem de mólãs ao seu apparelho, póde imprimir a essa pelle abahulada, um movimento muito rapido e continuo, nós, em lugar de ouvirmos os estalos, ouvimos apenas o zumbido que resulta dá successão precipitada dos estalos, como um rufo de tambor; entendes?»

«Entendo tão bem!» disse a Violante encantada.

«Esse rufo *faz echo* n'aquelle espaço vazio, debaixo das duas placas que levantámos ainda agora com a ponta do canivete.» concluiu o sr. Carvalho.

N'este momento abriu-se a porta da sala; e a Leonor, a mãe da Mariasinha, que se tinha retirado pouco depois d'elles entrarem em casa, appareceu, chamando a filha para a lição.

«Oh! minha mãe!» implorou a pequena.

«Deixe-me ficar só mais um bocadinho para ouvir a historia da cigarra!»

A Mariasinha prendera-se de repente á cigarra com um interesse apaixonado. Aquelle insecto que nunca lhe tinha chamado a attenção porque olhava para elle sem intelligencia, transformara-se agora n'um ser maravilhoso porque o estudava e o entendia.

Mas a mãe não desistia da lição.

«Não te desconsoles...» disse a Violante abraçando e beijando a amiga que se retirava com os olhos cheios de lagrimas. «Deixa estar que eu depois te conto.»

O sr. Carvalho acrescentou:

«O dever antes de tudo, minha filha. São as tuas horas de estudar, vaes estudar. Quanto mais souberes, mais prazer acharás em viver. Quem não sabe é como quem não vê. O saber é uma varinha de condão que transforma tudo e dá encanto e valor ao que, sem elle, nos parece vulgar e insignificante. O que te succedeu com a cigarra... Era para ti um animalsinho qualquer, sem interesse, e de repente, apenas começaste a descobrir os seus segredos, olhas para ella como para um prodigio. Aproveita tudo que poderes aprender. O teu esforço de agora abrir-te-ha caminhos novos e lindos que nem suspeitas e que te darão tanta felicidade!»

A Mariasinha enxugou as lagrimas, abraçou

o pae sorrindo, e foi dar um grande beijo á Leonor, como se assim quizesse agradecer a ambos a diligencia que faziam com as suas lições, para a instruirem e lhe mostrarem os taes *caminhos novos e lindos* em que o pae falara.

Apenas as duas sahiram, a Violante pediu ao sr. Carvalho para deixar fugir a cigarra.

Não precisavam mais d'ella; e a pobresinha estava alli tão infeliz, toda assustada, esperneando entre os dedos que a aprisionavam!

O sr. Carvalho levantou-se, e approximando-se da janella, abriu a mão onde segurava o insecto.

A cigarra, estonteada um momento, estendeu as azas e deu um vôo curto e pesado, cahindo no parapeito da janella onde ficou immovel, toda banhada de sol.

Nas azas transparentes viam-se-lhe as nervuras como fios de chumbo n'um vitral; o dorso brilhava, coberto pela sua pennugem prateada; a cabeça dura e larga ladeada pelos dois grandes olhos e enfeitada pelas duas antenas curtas, parecia um capacete de cavalleiro antigo.

«Morreu?» perguntou a Violante.

«Não,» respondeu o sr. Carvalho. «Está entorpecida do susto e de se ter encontrado tanto tempo apertada e n'uma posição contrafeita. Vae ganhar forças n'um instante, ao calor do sol que ella adora.»

Mas como a immobilidade da cigarra se prolongasse, a Violante não se conteve; estendeu o braço para ella, com a tenção de lhe tocar, experimentando se ainda estaria viva.

Porém ao ver aquella sombra que se aproximava, a cigarra abriu as azas e lançou-se n'um vigoroso vôo pelo espaço fóra, esguichando sobre a mão da Violante, como despedida, um jacto de liquido.

« Malcreada! » gritou a pequena toda offendida. « Parece que tem uma fonte lá dentro!... »

« E que fonte! » acrescentou o sr. Carvalho rindo. « Se tu soubesses!... »

Os olhos da Violante luziram de curiosidade.

« Diga, diga... Conte o que é! »

O sr. Carvalho fechou as persianas porque o sol ia entrando pela sala dentro, enchendo a casa de calor.

E os dois foram sentar-se no sofá.

« Está-se melhor assim » disse elle.

Com effeito, estava-se muito bem. As almofadas do sofá eram macias e a meia luz espalhada não feria a vista. Atravez das persianas cerradas, entrava o ar perfumado do campo.

« Conte lá... » insistiu a Violante.

« É tão extraordinaria a historia dos insectos, Violante, que se eu começar a dizer-t'a, vaes imaginar que te estou contando petas. Olha a cigarra que viste agora de tão perto, e que só pelo seu

canto e pelo seu aparelho de musica te maravilhous! E não sabes nada ainda. . . »

As palavras do sr. Carvalho soavam no silencio da sala. A Violante, sempre tão desinquieta, estava agora immovel, tal era a attenção e o prazer com que ouvia o seu companheiro.

Á medida que elle ia falando, era como se um mundo novo se abrisse deante do olhar da pequena, que nunca soubera coisa alguma da vida mysteriosa dos insectos que nos rodeam.

O sr. Carvalho falava, falava. . .

Aquella cigarra que tinham observado, não era uma femea. As femeas possuem na ponta do abdomen, uma especie de unha aguçada, oca e comprida, que enterram na casca dos ramos baixos dos arbustos, depositando n'esses buracos, os ovos.

Cada femea faz assim uns poucos de buracos, e em cada um, vae largando um certo numero de ovos.

«E que trabalhão!» dizia o sr. Carvalho. «As ninhadas das cigarras não são como as das gallinhas, Violante. A cigarra põe a seguir, de uma vez, de trezentos a quatrocentos ovos! . . . »

CAPITULO III

O anão atrevido. — O gymnasta que faz habilidades na ponta da corda. — Os gyrinos. — A mineira.

A Violante olhou, muito admirada, para o seu companheiro, e depois, desatou a rir.

«O sr. Carvalho está a caçar commigo! Então se de todos esses ovos nascessem cigarras... seriam tantas, tantas!...»

«Morrem muitas. Quando souberes as aventuras pelas quaes teem de passar antes de serem insectos perfeitos, já não te admiras assim.»

«As aventuras?» perguntou a Violante que parecia querer engulir o sr. Carvalho com os olhos, tal era a sua curiosidade.

Então elle principiou a contar a historia do nascimento e da vida da cigarra.

Tem muitos perigos com que lutar, coitada!

E esses perigos começam ainda antes do germen se desenvolver dentro dos ovos.

Quando a femea está a pôr, agarrada ao seu

tronco de arbusto, muito concentrada na bem dita obra de reprodução, perfurando cuidadosamente a casca da planta, com o furador que se encontra na extremidade do seu abdomen (e pelo qual sahem os ovos que deposita no fundo dos buracos praticados), ha um inimigo que a espreita, sem ella dar por isso; uma especie de mosquito pequenissimo, preto e feio, um verdadeiro anão ao lado da cigarra.

Colloca-se atraz d'ella, espiando-lhe os movimentos; e apenas ella retira o seu furador do buraco onde deixou uns dez ovos, e subindo um pouco, principia a abrir um novo poço para continuar a postura, o mosquito apodera-se do logar que ella acaba de abandonar, e deposita os seus proprios ovos sobre os dez da cigarra.

Esses germens, que se desenvolvem muito depressa, produzem o insecto; e este apenas nascido, alimenta-se dos ovos da cigarra, destruindo assim uma grande parte da ninhada.

« Já vêes, » continuou o sr. Carvalho « que, se a cigarra não puzesse trezentos ovos e mais, logo com este primeiro ataque se poderiam perder todos. Assim, como são muitos, sempre escapam alguns. »

A Violante indignava-se.

Que mosquito tão mau! Pobre cigarra, bonacheirona e grande, cumprindo tão conscienciosamente com o seu dever, e atraz d'ella aquelle pygmeu impertinente, abusando da sua bôa fé!

O sr. Carvalho continuou a falar.

No fim de tres mezes, pouco mais ou menos, apparecem á entrada dos poços, os animaesinhos sahidos dos ovos da cigarra.

«Sr. Carvalho,» perguntou a Violante, «porque diz: *os animaesinhos sahidos dos ovos da cigarra?* Então não são cigarras pequeninas?»

«São uns entes que hão-de vir a ser cigarras, mas que por emquanto, são tão differentes d'ellas como a noite do dia.»

«Meu Deus!» exclamou a Violante. «Como tudo isso é curioso!»

E cada vez escutava com um interesse maior.

Esses bichinhos sahidos dos ovos, parecem peixes muito, muito pequeninos; mais pequeninos do que uma pulga.

Dos dois lados da cabeça, teem dois grandes pontos pretos, que são os olhos.

A duas patinhas da frente estão unidas, colladas uma á outra, e figuram uma barbatana.

As outras quatro patas nem se vêem, assim como as antennas, envolvidas ainda n'uma especie de sacco que cobre o animal.

Meia hora depois, rasga-se esse sacco; e o bichinho apparece, do feitio de uma pulga, primeiro branco, depois ligeiramente amarellado.

As antennas agitam-se, as patinhas mexem-se, experimentam as suas forças; a extremidade do

abdomen está presa ainda ao sacco que se alonga e se transforma n'um fio comprido...

O animalsinho deixa-se cair e fica suspenso no ar por esse fio, banhando-se com delicia na luz do sol, baloiçado pela briza, esperneando como um gymnasta no circo a fazer habilidades na ponta de uma corda.

A Violante poz-se a rir.

«Como eu gostava de ver!» disse ella com os olhos brilhantes. «Deve ser tão engraçado!»

«Se os teus paes derem licença» respondeu o sr. Carvalho «vem cá em Outubro; é o mez em que isto succede. E então verás tudo commigo.»

«E ficam assim pendurados, muito tempo?» perguntou a pequena.

«Conforme. Alguns baloizam-se e fazem gymnastica durante meia hora, outros durante umas poucas de horas; ás vezes o divertimento dura até ao dia seguinte.»

E o sr. Carvalho proseguiu com a sua historia.

Finalmente a larva (chama-se *larva* a este primeiro estado dos insectos) desprende-se do fio e cahe no chão.

Coitada! Tão delicada, tão tenrinha ainda! Quantos perigos e difficuldades a esperam!

Agora é que principiam os seus trabalhos e os seus cuidados:

Póde cair n'um mau terreno, n'uma rocha

dura ou na areia onde não encontra alimento; póde ir ter a uma poça e morrer afogada; póde encontrar insectos avidos e crueis que a devorem; póde ser a presa de um passaro que por acaso a veja. . .

A creaturinha precisa de uma terra molle que possa escavar com os membros ainda tão hesitantes e tão fracos, porque o seu desejo é esconder-se pelo chão abaixo, enterrar-se o mais fundo possível, afim de procurar um abrigo contra o frio, o vento, as geadas e as chuvas do inverno que se approxima a toda a pressa, e ao qual ella, tão pequenina e tão delicada, não resistiria sósinha e desamparada na superficie do solo.

Morrem grandes quantidades de larvas emquanto procuram um terreno proprio, assim expostas a tantos perigos e sem meios de defeza, pobresinhas!

Os tresentos ou quatrocentos ovos da ninhada reduzem-se a bem poucas larvas que teem a fortuna de conseguir abrigar-se na terra. Se a cigarra não fosse tão productiva e não vencesse, pelo numero tão elevado dos seus ovos, estas difficuldades e perigos, dentro em pouco se lhe acabaria a raça. Mas a natureza é tão cuidadosa!

Quando finalmente a larva encontra o terreno que lhe convém, começa logo a escaval-o com as garras das suas patas deanteiras.

E que bella trabalhadora! Em vinte e quatro

horas consegue enterrar-se a uma profundidade de dez centímetros!

D'aqui por diante, lá está na terra, abrigada e livre de perigos.

Não se sabe ao certo como lá vive e se alimenta. É tão pequenina! Os sábios que teem querido estudá-la n'esta phase da sua existencia, difficilmente a podem descobrir e surprehender-lhe os segredos.

Imagina-se que se sustenta das raízes que encontra e que vae sugando no seu caminho.

E cresce, cresce, lá debaixo da terra. . .

« Chega a parecer peta, » disse a Violante.

E accrescentou olhando o sr. Carvalho com uma certa desconfiança:

« Não está a caçoar commigo? Pois a cigarra que eu vi ainda agora, com azas e tão grande, voando tão bem, regalando-se com o calor do sol e cantando com tanta força, foi primeiro esse bichinho do tamanho e do feitio de uma pulga e que só queria esconder-se pela terra abaixo? »

« Eu nunca digo petas, minha filha » respondeu o sr. Carvalho muito sério.

A pequena insistiu:

« Mas eu sempre ouvi dizer (a minha mãe tem-me explicado tantas vezes! . . .) que as historias de fadas e de bichos que se transformam em principes e princezas, são mentiras. E o que o sr. Car-

valho está contando é tão parecido com essas historias!...»

«O que eu te estou contando, Violante, é a verdade. O homem e todos os animaes que nascem e se criam como elle: os macacos, os cães, os cavallos, os gatos, os bois, todos os mammiferos emfim, veem a este mundo, pequeninos mas com as mesmas formas que hão-de conservar durante a vida toda, e estão sujeitos ás mesmas condições de existencia, que não mudam, que não podem mudar.»

O sr. Carvalho calou-se um momento, procurando a melhor maneira de convencer a Violante e de pôr um pouco de ordem n'aquella cabecinha onde o mundo novo dos insectos fazia tantas confusões.

«Escuta;» disse elle por fim «as gallinhas põem ovos; os pintos não nascem como nós ou como os gatos e os cães, não é verdade? A gallinha installa-se em cima dos ovos durante vinte e um dias, dando-lhes o calor, necessario ao desenvolvimento do germen que a pouco e pouco se transforma no pinto; e finalmente este quebra a casca e sahe cá para fóra, vivo e esperto.»

«Sim senhor» respondeu a Violante. «Isso entendo muito bem.»

«Entendes muito bem porque tens visto sempre, e por isso te não parece extraordinario. Mas agora vou dizer-te uma coisa parecida e que tal-

vez se te afigure já menos natural... simplesmente por ser uma novidade para ti.»

«O que é?»

«As rãs também põem ovos. Esses ovos vão crescendo, sósinhos, mudam de forma, alongam-se, alargam para o lado da cabeça, nadam como peixes, sem pernas nem braços; são os *gyrinos* que ainda hontem viste no tanque; depois nascem os braços, depois as pernas... Continuam a ter cauda algum tempo; depois a cauda desaparece e a rãzinha muito pequenina ainda, está perfeita. Vae então crescendo, crescendo, até ficar do seu tamanho regular.»

A Violante abria muito os olhos.

Bem percebia agora que o sr. Carvalho falava a serio e lhe dizia a verdade.

E ficava calada, a scismar n'aquellas coisas que pareciam milagres.

Depois de um momento de silencio, perguntou:

«E a cigarra? Ficou debaixo da terra. E agora? Como sahe de lá e que mais lhe acontece?»

E o sr. Carvalho foi contando.

Coitada da cigarra! Fica debaixo do chão quatro annos.

Quatro annos! Abrindo galerias, vivendo no escuro, sem ver o sol, respirando apenas o ar que encontra n'aquella profundidade, coado atravez da terra...

E assim vae crescendo, vae-se desenvolvendo,

até que se sente com forças de reaparecer á luz para gosar da liberdade e ser feliz algum tempo.

Já está grande e encontra-se a uma profundidade de quasi meio metro.

Começa então a trabalhar no canal que lhe ha-de dar sahida.

Podia ir furando a terra como já tem feito, abrindo caminho para deante e lançando para traz a terra que escava, deixando apenas logar bastante para se mexer.

Mas isso agora não lhe convém. Quer um tunel comprido, livre, solido, onde ella possa subir e descer á sua vontade; ir até quasi á superficie do solo ver se o tempo lhe permittirá sair sem perigo, se não ha muito frio, muito vento ou chuva, lá fóra, e, no caso affirmativo, voltar para o fundo e esperar.

Como ha-de ella abrir esse tunel, se não tem espaço algum para deitar a terra que vae escavando?

O que ha-de ella fazer d'aquella terra toda, se não tem um só orificio por onde a lance fóra?

A natureza ajuda-a. Deu-lhe dentro do corpo um reservatorio de liquido, alimentado certamente pelo succo das raizes que a larva encontra no seu caminho e que chupa avidamente.

E vae expellindo esse liquido aos poucos e poucos, e com elle vae amassando a terra que, molhada, occupa muito menos espaço porque se

introduz nas paredes porosas e seccas; empurra aquella argamassa para os lados, aperta-a e fixa-a; as paredes do canal formam-se, deixando o tunel vazio, a fim de que a sua habitante o possa percorrer á vontade em todo o comprimento.

As idéas turvavam-se no cerebro da Violante, cançada do esforço que fazia para entender, para acreditar em todos aquelles milagres.

Já não sabia bem se estava n'este mundo ou n'outro, desconhecido, cheio de coisas inverosímeis e inesperadas.

Então a cigarra pensava? Trabalhava com intelligencia, como um homem? Sósinha e tendo crescido debaixo da terra, no escuro, sem ninguém que a ensinasse, adivinhava assim o que devia fazer?

«Se a minha mãe e o meu pae me tivessem abandonado á nascença, eu morria, morria com certeza...» pensava a Violante lembrando-se do irmãozinho que nascera no anno passado e que ella vira tão inconsciente, rodeado de cuidadôs como se fosse uma flor delicada que a minima aragem desfolhasse. «Não sabia andar, não sabia comer, não sabia livrar-me dos perigos...»

E com a cabeça turva, cheia de idéas que se atropelavam e se confundiam, perguntou com uma voz enfraquecida por aquelle entorpecimento que a tomava toda e parecia envolvel-a n'um nevoeiro:

« E depois ? »

O sr. Carvalho ia falando sempre.

A larva trabalhava semanas, mezes talvez, com uma coragem, com uma paciência !

Agora está a obra prompta. Uma pequena camada de terra apenas, separa a larva da liberdade.

O tunel é vertical, curvando-se levemente aqui e além, para evitar uma raiz grossa, uma pedra . . .

No fundo alarga-se um pouco. Ahi é a sala onde a cigarra espera, onde descansa, onde vem dar uma raiz de que se alimenta e lhe fornece o liquido de que tanto precisa.

De vez em quando sobe, vem cá, acima e presente, atravez da camadinha de terra, se o dia está quente, bonito, se chegou finalmente a hora tão desejada . . .

Se adivinha humidade, ventania, chuva, torna a descer e espera ainda.

Finalmente percebe que o ar está morno, que o sol brilha . . .

Principia a escavar a porção de terra que a separa ainda da luz. Amassa, aliza os muros, rompe a ultima camada, e apparece á superficie do solo.

Pobre mineira ! Como vem suja e feia da sua longa prisão e do seu penoso trabalho !

Toda maculada de lama, as garras empasta-

das de terra molhada... O seu aspecto é nojento.

A porta da galeria por onde acaba de sair, está alli, redonda, liza, sem vestigios de entulho nas bordas, como se fosse feita por uma verruma da grossura de um dedo.

CAPITULO IV

Transformação. — O sonho

Mas como é que d'este bicho tão feio e sujo, poderá surgir a cigarra que vôa, com as azas transparentes, a bella e forte cabeça lustrosa, as costas cobertas de pennugem prateada?

Apenas sahe da sua galeria, a larva começa a andar da um lado para o outro como quem procura qualquer coisa.

Encontra por fim o tronco de um arbusto, o caule de uma erva.

Trepa por elle acima, agárria-se-lhe com toda a força.

Um momento depois a pelle da larva principia a rachar-se-lhe ao comprido, pelas costas abaixo.

Sob aquella carapaça fendida por um golpe que se abre e se prolonga cada vez mais, vae surgindo o corpo da cigarra, de um verde pallido, esbranquiçado aqui e além, com algumas sombras acastanhadas em alguns pontos.

Agita-se, faz os maiores esforços para se livrar da sua farda de larva, d'aquelle fato de operario mineiro, tão feio e tão sujo.

Acaba por se despir completamente; e alli fica a nossa princeza, apenas ligada á velha carapaça, pelas garras das suas patas da frente, baloiçada pela briza, banhada pelo sol, olhando para o mundo de luz e de côres que a rodea e onde, d'aqui por deante, vae viver.

Passam-se duas horas.

A cigarra continua verde e com um ar ainda fraco, ainda delicado.

Depois começa a escurecer, a mudar de côr; as azas, ao principio molhadas, entorpecidas, molles, enrijam, endireitam-se.

Bastou meia hora para que tomasse o seu aspecto definitivo (o que a Violante conhece), de insecto perfeito, vigoroso, proporcionado.

«O que me dizes a isto, Violante?» perguntou o sr. Carvalho, suspendendo um momento a sua narrativa. «Não te parecem interessantes as aventuras da cigarra?»

Mas a Violante não respondeu.

Escutava sempre, queria ouvir mais.

E o sr. Carvalho foi contandô a vida da cigarra, cá fóra, ao ar livre.

Então a pouco e pouco a Violante deixou de entender distinctamente as palavras que elle dizia.

Espalhou-se no ar uma côr suave, azulada...

A voz do sr. Carvalho apagava-se, tornava-se dôce, melodiosa como uma orchestra ouvida a distancia...

A Violante imaginava-se n'outro mundo; pareceu-lhe que se levantava, impellida por uma força e uma vontade que não eram as suas.

Sentia-se sem peso; leve, leve, como uma pena, como um farrapo de nuvem...

Sahiu para a varanda; os pés nem lhe tocavam no chão.

Desceu os degraus. Achou-se debaixo do platanô onde apanhara a cigarra.

Os raios do sol, ardentes como fogo, desciam a prumo do ceu, filtravam-se atravez da folhagem das arvores, desenhavam no chão arabescos de luz, espalhavam no ar um calor suffoçante.

As cigarras cantavam perdidamente.

O som produzido pelo seu poderoso aparelho musical, multiplicava-se milhares e milhares de vezes. O barulho secco e enervante enchia a atmospheria, como se mais nenhum ruido podesse ser ouvido atravez d'aquelle.

A Violante recordou-se da fabula que a Mariasinha recitara na sala.

Levantou a voz e repetiu os primeiros versos que lhe tinham ficado na lembrança.

Mas logo foi interrompida por uma vozita de falsete, entrecortada e offegante.

« Cala-te, cala-te! » dizia a tal voz. « Não me

offendas! Sempre essa maldita fabula que me des-acredita e me calumnia! Ha tantos annos, ha tantos annos julgada mal pelos homens, que se fiam nas mentiras dos poetas e que não se dão ao trabalho de estudar a minha vida! A virtude da formiga!... É fresca, a tal virtude! Uma interesseira, uma avarenta, uma ladra!...»

Mas uma gargalhada repenicada como um trilo, como o telintar precipitado de um guizo, veio cortar este discurso; e logo falou uma voz aguda e antipathica:

«Fala par'ahi, minha gigante! Nem mandibulas tens, nem uma arma de defeza! Em lugar de bocca, tens um canudo. E queres que te respeitem!»

A Violante olhava para todos os lados e não via ninguém.

Parecia-lhe que as vozes vinham do alto.

Quiz erguer a cabeça, mas custou-lhe muito. Sentia de repente em cima de si, um peso enorme...

«Olha para mim, olha, Violante,» tornou a primeira voz «tu que pertences á raça humana. É bom que vejas... para ires contar, e para que os teus semelhantes me façam justiça.»

Então a Violante viu uma cigarra poisada no tronco do platano, no mesmo sitio onde o sr. Carvalho apanhara a outra, horas antes.

A cigarra, bem agarrada, achatada, furara com



Então pouco e pouco a Violante deixou de entender distintamente as palavras que elle dizia. (Pag. 44)

o bico a casca da arvore e sugava com ardor a seiva, o liquido assucarado que ia saboreando com delicia.

Em torno d'ella agrupava-se uma desinquieta multidão de insectos mais pequenos: moscas, vespas, e outros. Sobretudo formigas.

Rodeavam-n'a attrahidos pelo perfume do xarope, avidos, cheios de cubiça. Alguns tinham-se abeirado do orificio praticado pelo bico da cigarra, e aproveitavam as gottinhas do precioso liquido que se escapavam.

As formigas eram as mais atrevidas. Algumas trepavam-lhe pelas costas, outras puxavam-lhe pelas pernas; mettiam-se-lhe por debaixo do corpo, afim de alcançarem a melhor fonte do xarope. Uma chegava a ter a audacia de lhe agarrar com as mandibulas no bico, tentando tiral-a do orificio!...

A cigarra via tudo com os seus olhos redondos e bons.

Não se agitava, não assustava nem perseguia os importunos; deixava-os aproveitar o que podiam dos restos do seu banquete.

Quando sentia debaixo do corpo as formigas, erguia-se um pouco para lhes deixar o caminho mais livre.

« Vês? Vês, Violante? » dizia a voz de canna rachada da cigarra. « Vês como elles me tratam? A formiga, sobretudo. As vespas, as moscas, os

outros... nem se fala n'elles. Coitados! São uns bohemios, uns estroinas, que acodem ao cheiro do jantar, seja onde fôr, seja como fôr! Não me incommodam. Mas esta atrevida que até me vem puxar pelo bico afim de poder beber no poço que eu furei com o meu esforço, com o meu trabalho!»

A formiga que falara e que era justamente a que se agarrara ao bico da cigarra, desatou a rir.

«Pódes fazer queixa, podes dizer o que quizes!...» gritou ella. «Os homens nunca te hão-de acreditar. Estão de tal maneira convencidos das minhas virtudes! Economia, previdencia, sensatez... Sou bôa administradora, bôa mãe... Nada me falta. E ha-de ser sempre assim, fica sabendo, porque os homens são uns patetas; em se lhes mettendo uma idéa errada na cabeça, nunca mais de lá sahe. Fazem-me os mais rasgados elogios, e o seu maior desejo seria que as mulheres se pacessem commigo!»

E a formiga interrompeu-se para dar outra gargalhada tão prolongada e tão invencivel, que durante muito tempo nem poudé continuar a falar.

A cigarra remirava-a, pasmada, com os seus grandes olhos mansarrões.

«E eu em paga, invado as casas dos homens» tornou a formiga entrecortando o discurso com farrapos do seu riso interminavel «e roubo-lhes o assucar, e os dôces, e as fructas, e as coisas de

mais estimação das suas sobremezas... E não se importam... Acham-me sempre virtuosa...»

A cigarra disse com tristeza :

«E eu que não lhes faço mal, que não lhes estrago nada, que até canto, divertindo-os durante as horas de calor, sou tão injustamente julgada... Accusam-me de estroinice, de maluqueira, de imprevidencia, de não pensar em coisas serias... Eu! que sou tão pacata e que me não metto senão com a minha vida! Até dizem lá n'essa fabula, que fui pedir grãos de trigo á formiga... Eu nunca pedi nada a ninguem, e muito menos á formiga. E para que havia eu de querer o trigo, se não tenho bocca e só posso alimentar-me com o succo das arvores que chupo?! Mas os homens não se importam. Só reparam nos formigueiros e não me procuram a mim. Os homens gostam mais de olhar para o chão, do que de levantar a vista para o ceu!...»

Emquanto ella falava, ia continuando o concerto das outras cigarras pelos troncos das arvores; e os insectos pequeninos augmentavam de numero em volta d'ella, e agitavam-se cheios de cubiça, com estremecimentos de azas e correrias, empurrando-se uns aos outros para aproveitarem as gottinhas que a cigarra deixava generosamente entornar do seu poço.

E a formiga era sempre a mais activa, a mais impertinente, a mais grosseira, a mais an-

tipathica na sua avidez, sem respeito, sem maneiras. . .

A cigarra continuou com melancholia :

« Accusada de pedir emprestimos á formiga ! . . . Parece impossivel quanto os homens são injustos ! Eu que lhe dou tudo a ella ! Olha, Violante, como a formiga me trata ! . . . E não descansará emquanto me não puzer d'aqui para fóra, precipitando-se então sobre o meu poço e gosando como uma preguiçosa, do trabalho que eu fiz. Verás ! Tudo petas, Violante ! Dizem, que apenas chega o inverno, eu que não pensei no futuro e que me acho sem celleiro, lhe vou bater á porta. No inverno ! Mas eu morro em meados de Setembro ! A minha vida á luz do sol dura apenas seis semanas ! D'aqui a um mez, o meu cadáver cahe da arvore onde canto. E então, emquanto eu sou deseccada pelo sol e esmigalhada pelos pés dos que passam, a formiga precipita-se, cobre-me das suas legiões que me despedaçam, e levam para os seus celleiros, os meus restos. Eu é que a sustento ; não é ella a mim ! »

A Violante cheia, de compaixão, ia falar, ia prometter á cigarra que contaria a todos a sua historia, afim de que os homens não continuassem a julgal-a tão injustamente.

Mas a cigarra interrompeu-a :

« Falam do meu canto como de um crime. Dizem que canto em lugar de trabalhar. Mas

ninguem pensa que passo quatro annos debaixo do chão, sósinha e triste, a furar a terra, sem ar, sem luz!... E finalmente quando chego a ver o sol, a respirar o perfume das plantas, a gosar do ar livre, a minha felicidade dura apenas seis semanas! Canto, é verdade... É como uma embriaguez que me vem da claridade bemdita, da belleza e das côres, do calor luminoso do sol. Canto a minha alegria de viver... É o meu hymno á natureza, a minha acção de graças pela esmola de ar puro, livre e brilhante que ella me dá... Será um crime?»

A Violante ia responder com enthusiasmo, quando a cigarra, affrontada pela multidão de insectos que a rodeavam, e atormentada pela formiga que a incommodava, puxando-lhe e mordendo-lhe as patas e o bico, abriu as azas bruscamente e abandonou o poço, lançando ao fugir, um jacto de liquido sobre os seus inimigos.

Do poço assim descoberto, sahiu o xarope em abundancia, e os vorazes insectos com a formiga á frente, precipitaram-se sobre o thesouro...

«Violante!» disse de repente a voz do sr. Carvalho.

E a Violante estremeceu, olhou em volta de si, assombrada.

A arvore desaparecera, e a luz do sol, e o calor...

A atmospherá deixou de ter a côr azulada.

A Violante encontrava-se sentada no sofá da sala, junto do sr. Carvalho.

Este poz-se a rir.

«Dormiste?» perguntou elle.

A Violante corou, toda envergonhada.

Ao som da voz do seu companheiro, a pouco e pouco deixara-se vencer pelo somno e sonhára...

Mas fôra um sonho verdadeiro, porque átravez d'aquella somnolencia, d'aquelle entorpecimento, a Violante vira as imagens e as scenas que o sr. Carvalho lhe ia descrevendo.

E o sr. Carvalho nunca mentia.

CAPITULO V

À procura da bondade.—As apparencias enganam. — Habitação dos novos hospedes.

Passaram-se dois ou tres dias e a Violante estava cada vez mais contente. A pouco e pouco ia-se familiarizando com aquella vida tão differente da que estava habituada a levar em Lisboa. E quanto mais se familiarizava, mais feliz se sentia.

Tudo lhe parecia cheio de bondade; eram bons os bois de trabalho com os seus grandes olhos tristes e meigos; os cães de guarda tão bravos e ferozes para os estranhos e tão humildes e festeiros para as pessoas de casa; era bom o burro que acarretava da horta a agua e as hortaliças, com as cangalhas carregadas e coberto de moscas, mas sempre paciente e manso.

Até na gente do campo, que a Violante via passar á tardinha, depois do sol posto, de volta do seu fatigante dia de trabalho, até n'esses, ella

achava o olhar de bondade que nunca vira nas pessoas da cidade, sempre atarefadas e com um ar de não se importarem umas com as outras...

A Violante não tinha descoberto isto sózinha; fôra a Leonor quem lh'o fizera notar.

«Repara bem, minha filha,» dissera-lhe aquella santa senhora «como tudo em volta de nós está cheio de bondade!»

Fôra n'uma tarde em que se encontravam todos sentados na eira.

As duas pequenas estavam cançadíssimas de se reboarem sobre as camisas do milho e de saltar e mergulhar fingindo que andavam tomando banhos do mar.

Tinha sido tão divertido!

Mas a Leonor chamara-as finalmente para junto de si.

«Soceguem agora um bocadinho...» dissera ella «Póde-lhes fazer mal tanta canceira e a poeirada das camisas de milho a entrar-lhes na garganta...»

E as pequenas tinham vindo sentar-se ao seu lado, ao principio caladas e tristonhas, com pena de largarem assim aquella brincadeira que lhes estava dando tanto prazer. Mas depois começaram a conversar com a Leonor e a pouco e pouco fôra-lhes passando a febre de desinquietação.

«Então, Violante, continuas a gostar muito de tudo isto?» perguntou a Leonor.

« Se continuo!... Eu não queria ir-me embora nunca... nunca... »

« Coitada da minha flôrsinha de estufa! É bom o ar livre, não é verdade? »

Lá no meio da eira os trabalhadores batiam as massarocas. As pancadas compassadas dos manguaes ouviam-se por cima das cantigas das mulheres que descamisavam, sentadas no chão, em volta do monte de massarocas ainda vestidas com o seu fato de palha.

O sol desaparecia a pouco e pouco no horizonte; e dos campos vinha um socego, uma paz!

« Ha tanta bondade no ar que se respira aqui! » dissera então a Leonor. « Parece que tudo está cheio de bondade em volta de nós: o ceu que dá o sol e a chuva tão precisos ás colheitas; a terra que lhes dá o sangue, para que se fortaleçam, e cresçam e fructifiquem; os homens que trabalham com tanta coragem e tanta fé; os animaes que nos ajudam tanto!... Até as arvores estão cheias de bondade, estendendo os seus grandes braços revestidos de folhagem que nos alegra a vista e nos abriga... »

E desde essa conversa, a Violante via tudo com uns olhos diferentes, procurando sempre a bondade...

A Leonor sorria de tanto enthusiasmo.

E como aquella idéa na pequena, se fosse transformando em mania, a Leonor por fim disse-lhe:

« Sabes onde has-de procurar a bondade, minha filha, para teres a certeza de a veres d'ahi por deante em todas as coisas... mesmo na cidade? »

« Onde, onde, sr.^a D. Leonor? »

« No teu coração. »

A pequena baixou os olhos e ficou pensativa. No dia seguinte foram dar um grande passeio.

A Violante e a Mariasinha corriam adeante, chilreando como dois pardaes e baixando-se a cada instante para observarem um insecto, ou apanharem uma flôr ou uma planta, ou um calhausito roliço e côr de rosa que apparecia entre o matto aspero da charneca.

De repente a Violante parou e chamou a sua amiga.

« Mariasinha! Anda cá depressa! Queres ver? Que bicho tão exquisito! »

A Mariasinha acudiu logo.

« É uma louva-a-Deus, » disse ella.

E logo, voltando para traz, foi a correr ter com os paes que seguiam mais devagar.

« Meu pae, está alli uma louva-a-Deus! Tu disseste hontem que havias de apanhar algumas... »

Com effeito, na vespera ao serão, o sr. Carvalho, que desde a aventura da cigarra, falava sempre dos insectos á Violante, declarara que a louva-a-Deus era muito interessante e tinha uma historia ainda mais curiosa do que a da cigarra.

E promettera apanhar algumas, para a Violante ver de perto os seus costumes, a sua vida, pois se davam perfeitamente assim presas.

«Uma louva-a-Deus?» perguntou o sr. Carvalho apressando o passo e seguindo a Mariasinha que lhe pegara na mão e o arrastava para junto da Violante.

«Oh! sr. Carvalho!» exclamou esta, apenas elle se approximou. «Que bichinho tão sympathico! Tem um ar de gente, de bôa pessoa! Olhe como a cabecinha é linda e meiga! E as mãos postas, como se estivesse a rezar!»

«Descobriste a bondade na louva-a-Deus?» perguntou o sr. Carvalho, rindo.

Agora todos faziam sempre troça da Violante por causa da sua mania da bondade.

Mas ao ouvir a pergunta do sr. Carvalho, a pequena afogueou-se toda.

«D'esta vez não mereço que façam troça,» disse ella. «Não ha decerto insecto algum melhor do que este. Vê-se logo. Basta olhar para elle...»

«Está bom, Violante, não te zangues,» respondeu o sr. Carvalho. «O nosso estudo da louva-a-Deus vae-te ensinar duas coisas.»

«Que coisas?»

«Primeiro, a vida do insecto que é interessantissima; e segundo... que nem sempre devemos fiar-nos nas apparencias.»

A Violante que era muito curiosa, ficou no ar:

« Porquê? Porquê?... »

Mas a Mariasinha principiou a gritar n'este instante:

« A louva-a-Deus vae-se embora! A louva-a-Deus vae fugir!... »

E o sr. Carvalho abaixou-se a toda a pressa.

« Eu é que a quero apanhar! » acudiu a Violante. « Esta não é decerto malcreada como a cigarra... »

Mas o sr. Carvalho segurou-lhe o braço.

« Não lhe toque! » disse elle. « Podia magoar-te. »

E estendendo a mão, pegou com geito no animalsinho que logo, revirando-se, lhe agarrou n'um dedo com as tenazes eriçadas de espinhos das suas fortes patas deanteiras.

« Vês? » disse o sr. Carvalho enquanto com a outra mão desapertava as tenazes, mostrando á Violante a marca dos espinhos que lhe ficara na pelle. « São temiveis! »

E pegando no lenço, embrulhou n'elle cuidadosamente a prisioneira.

N'essa tarde ainda apanharam mais quatro.

E alem d'isso, uns poucos de gafanhotos, que o sr. Carvalho pediu ás pequenas para caçarem sem nunca lhes querer dizer para que fim os destinava.

A captura d'esses, não era difficil; e os pobresinhos não se defendiam, não faziam mal nenhum.

As pequenas divertiam-se correndo atraz d'elles, gritando a cada salto que os insectos davam para lhes fugir, firmando-se nas pernas muito compridas e musculosas, e abrindo no ar as azas vermelhas ou azues...

Alem d'estes insectos, o sr. Carvalho apanhou na charneca, umas pedras chatas e rugosas e uns ramos seccos de tomilho.

A Violante perguntava para que iam servir aquellas coisas.

Mas o pae da Mariasinha ria com um ar de mysterio e respondia sempre:

« Verás, verás... »

Quando chegaram a casa, ainda não era sol posto; e houve tempo de arranjar as habitações dos novos hospedes antes da noite.

Foram logo para o escriptorio, vasta sala de trabalho, tendo ao centro uma grande meza carregada de livros e de papeis.

O sr. Carvalho pediu á Leonor que lhe trouxesse umas travessas cheias de terra, e umas redes de arame, d'aquellas que se usam para livrar a carne das moscas no verão.

E d'ahi a pouco a Leonor voltava com uma criada, trazendo ambas os objectos pedidos e collocando-os sobre a meza, onde entretanto o sr. Carvalho fizera logar, arrumando mais os livros, afim de deixar espaço desafogado.

« O que vae fazer com tudo isso ? » perguntavam as duas pequenas.

« Estou armando um theatro que nos vae divertir muito. Um theatro onde não haverá a representação da Verdade, mas sim a Verdade; onde os actores não farão caras e gestos fingidos. . . »

« Os actores ? ! »

« Os actores estão aqui. . . »

E o sr. Carvalho que dispozera as travessas cheias de terra sobre a meza, espetando em cada uma um ramo secco de tomilho, e pondo em cima da terra uma das pedras rugosas e chatas que trouxera da charneca, foi buscar a um canto, o seu chapéu.

Dentro do chapéu, cuidadosamente tapado com um lenço, estavam as louva-a-Deus e os gafanhotos.

O sr. Carvalho retirou o lenço devagarinho.

Os bichos, assustados, conservavam-se immoveis, agarrados ao fundo e aos lados da sua prisão, e não tentaram fugir.

« E agora ? » perguntou a Mariasinha.

« Vaes ver, » respondeu o pae. « Primeiro vamos installar os noivos. »

« Quaes são os noivos ? »

« Olha. . . »

E o sr. Carvalho embrulhando a mão no lenço, pegou cuidadosamente n'uma louva-a-Deus, das maiores, que se conservava a um canto com o

busto airoso ligeiramente erguido, e *as mãos postas*, como dizia a Violante.

«Coitadinha!» exclamou a pequena. «Tão bonita e com um ar de santa! Parece mesmo que está a pedir misericórdia!...»

«Um ar de santa?!» repetiu o sr. Carvalho, rindo «Has-de apprender a conhecer esta santidade, deixa estar!...»

«O sr. Carvalho fala sempre d'estes pobres bichinhos, tão sympathicos, como se fossem uns monstros. Lá por elles se defenderem quando os agarram...»

«Não é só isso!...» observou a Mariasinha que acabava de surprehender os paes trocando um olhar de intelligencia e rindo entre si.

«Mas então o que é?» perguntou a Violante cheia de curiosidade.

«Verás, verás!...» respondeu a Leonor.

E logo sahiu do escriptorio para ir tratar do governo da casa, deixando o marido com as duas pequenas.

CAPITULO VI

Um noivo de triste figura. — As tenazes da louva-a-Deus. — Umas azas que não servem para voar.

O sr. Carvalho collocou a louva-a-Deus sobre uma das travessas e tapou esta com uma rede de arame.

« O meu pae falou em noivos. . . » disse a Mariasinha. « Mas eu não vejo por emquanto senão uma louva-a-Deus. »

« Devagar se vae ao longe; não tenhas pressa. »

E o sr. Carvalho procurava com attenção dentro do chapéu.

Finalmente descobriu o que queria; uma louva-a-Deus muito mais pequena e magra do que a primeira.

Era a única assim, d'aquelle tamanho; chegava a parecer de outra raça.

A Violante lembrou-se de que lá na charneca, o sr. Carvalho ao apanhar aquelle bicho, ficara todo contente, como se tivesse feito uma captura rara e preciosa.

A Violante perguntou a razão d'isto.

« É que este é o macho; é o noivo; são muito mais difficeis de encontrar do que as femeas. Bem vê; em toda a tarde apanhámos apenas um, enquanto não nos custou nada a achar as femeas. »

As pequenas olhavam attentamente para os dois bichinhos installados agora na sua jaula.

E admiravam-se:

« Então aquillo é que é o macho? Tão magrinho, tão pequeno, tão fraquito? Parece um João Ninguem!... »

Entre os outros animaes seus conhecidos, não era assim. Os machos pareciam sempre mais fortes, mais robustos, maiores...

« Não compares nunca os insectos com os outros animaes, » respondeu o sr. Carvalho. « São tão differentes! Outros costumes, outras formas, outra vida! Isto é um mundo novo, minha filha, um mundo completamente diverso do que tu conheces. »

Entretanto elle apanhava dentro do chapéu dois gafanhotos, e introduzia-os sob a rede, na companhia dos *noivos*.

« Isto é outro par de noivos? » perguntou a Violante.

« Não » respondeu o sr. Carvalho.

E logo acrescentou:

« Coitados! Coitados!... »

« Porque tem tanto dó dos gafanhotos? Elles não parecem tristes. »

E a Violante comparando-os ás louva-a-Deus, teve um receio :

« São tão grandes e fortes e gordos!... » disse ella. « Não será perigoso ficarem aqui com as louva-a-Deus? Podem fazer-lhes mal. »

O sr. Carvalho olhou para ella com um ar ração.

« Não te afflijas... » disse elle. « Deixa estar que não ha perigo!... »

Os quatro bichos, debaixo da rede, não estavam ainda familiarizados com a sua prisão. Conservavam-se immoveis, com um ar desconfiado; e quando se mexiam, os seus movimentos eram vagarosos e cheios de precauções.

O sr. Carvalho procedia agora ao trabalho de introduzir duas louva-a-Deus debaixo de outra rede, onde egualmente collocara o ramo de tomilho e a pedra.

« Então ellas comem o tomilho secco? » perguntou a Mariasinha.

« Ellas não comem ervas. »

« Oh! meu pae! Coitadas! Então vão morrer á fome. Não teem mais nada... »

« Não te afflijas... » repetiu o sr. Carvalho com a mesma expressão ratona de ainda agora.

« Ellas lá se governam. »

« Mas como? » perguntou a Violante que se

sentia cada vez mais attrahida pela sympathia que lhe inspiravam os bichinhos verdes tão lindos, tão elegantes e tão bons.

« Como? » disse elle principiando a rir da curiosidade das pequenas. « Comendo! »

« Mas comendo o quê? »

O sr. Carvalho que desejava que as pequenas alcançassem pela sua propria observação, a chave d'aquelle segredo, soltou um assobio prolongado, com um ar mysterioso que deixou as duas amigas ainda mais perplexas.

Metteu tambem dois gafanhotos na segunda gaiola; e na terceira alojou a ultima louva-a-Deus e o ultimo gafanhoto.

« Prompto! » disse elle esfregando as mãos com satisfação. « O palco está armado, os actores estão em scena... Agora é abrir os olhos e ver o espectáculo! »

As pequenas remiravam as gaiolas.

Mas o espectáculo por emquanto não era interessante.

Os bichos, pouco ou nada se mexiam; estavam estranhos, e ainda atordoados da viagem no fundo do chapeu, e da sua brusca mudança de vida.

A Leonor veiu chamal-os para a ceia.

Quando voltaram, já de luz accesa, nada tinha mudado. E as pequenas foram deitar-se bastante desapontadas.

No dia seguinte, logo pela manhã, as duas amigas, apenas acabadas de vestir, correram para o escriptorio.

Encontraram o sr. Carvalho sentado á meza, rodeado de papeis e de livros, trabalhando.

Depois de lhe dar os bons dias, precipitaram-se para a correnteza das tres gaiolas que se alinhavam do outro lado da meza.

Tudo na mesma.

Porém os insectos agora mexiam-se mais; passeavam no seu dominio com o ar de visitarem a nova installação.

A Mariasinha e a Violante não queriam fazer perguntas ao sr. Carvalho. Sabiam que era a sua hora de trabalhar; e que essa hora devia ser respeitada.

Contentavam-se portanto de dar parte baixinho, uma á outra, das suas observações.

«Estão hoje muito mais espertos,» dizia a Mariasinha.

«Os noivos não fazem nenhum caso um do outro.»

«Esta que ficou sósinha, não parece muito satisfeita com a companhia dos gafanhotos. Olha como se esconde junto ao ramo de tomilho como se os espreitasse...»

«Coitados! Naturalmente estão todos com fome. O meu pae não lhes deu nada para comer...»

« Olha as duas companheiras, aqui na segunda gaiola, viradas para nós, de mãos postas, parece que estão pedindo alguma coisinha pelo amor de Deus... »

« Estão mas é a rezar... »

« O meu pae diz que são mais interessantes do que a cigarra. Mas eu não acho. Não cantam, não fazem nada... »

« Eu gosto mais d'ellas do que da cigarra » declarou sentenciosamente a Violante « são mais bonitas. Olha, vêes? Teem o pescoço comprido como se fossem gente; e viram a cabecinha para um lado e para o outro... e teem uns olhos tão meigos, um ar tão bonzinho!... »

« São muito exquisitas, Violante. Repara: uma barriga tão cheia, tão comprida, e depois uma cintura de vespa e um corpo tão delgado que chega a parecer um tronquinho de matto... »

« Sempre devem ter força n'aquellas patas da frente! As outras quatro patas são finas e nada teem de extraordinario. Mas aquellas... »

E a Violante admirava os complicados membros deanteiros que á primeira vista, pareciam uns braços compridos, sempre dispostos a unir-se erguidos na posição de rezar.

« Sempre a rezar!... » dizia a Mariasinha um pouco desdenhosa. « São umas beatas. A minha mãe diz que a gente não deve gostar de quem está constantemente a fazer lamuria e a pedir coisas... »

Mas a Violante não a ouvia. Toda ella era olhos para as patas deanteiras das louva-a-Deus.

O sr. Carvalho levantou-se, deu volta á meza, e veiu para junto das pequenas.

«Repara bem n'estes braços, Violante,» disse elle, puxando uma cadeira e installando-se de frente das gaiolas. «Mas não é preciso chamar-te a attenção para elles; já te deram na vista. Ainda bem; isso prova que és observadora, qualidade indispensavel para quem se interessa pelo mundo dos insectos.»

A Violante corou de prazer ao ouvir este elogio.

«Tens razão de admirar as patas deanteiras da louva-a-Deus,» continuou elle. «E' o mais importante do seu corpo. Repara; dividem-se em tres partes: primeiro, as ancas, compridas e fortes alavancas que atiram para deante com a terrivel armadilha...»

«Terrivel?!» interrompeu a Violante, rindo.

Não podia achar terrivel coisa alguma que se relacionasse com aquelle bichinho que lhe parecia tão innocente.

O sr. Carvalho bateu-lhe no hombro.

«Vamos a ver se logo ainda fazes a mesma idéa d'esta figurona!»

Depois, continuou com a sua explicação:

«No fim da anca, vem a coxa, ainda mais comprida, rija e musculosa, guarnecida na sua

face inferior por uma dupla correnteza de dentes aguçados como espinhos; finalmente a perna, que é também uma dupla serra cujos dentes se alternam com os da coxa quando estas duas partes se unem. A coxa e a perna formam assim uma arma poderosa, uma tenaz forte, que sabe agarrar e apertar, cravando no inimigo as lanças aguçadas dos seus dentes. Bem viste hontem como o meu dedo ficou marcado. Se eu em logar de abrir as tenazes com a outra mão, puxasse o dedo, tinha ficado com um bom arranhão!...

«Mas nada d'isso quer dizer que ella seja má,» observou a Violante olhando justamente para uma louva-a-Deus que parecia fital-a, de cabecinha ao lado, com um ar quasi humano de intelligencia e de bondade. «Tem aquella arma para se defender...»

O sr. Carvalho sorriu e encolheu os hombros.

«Ella vò?» perguntou a Mariasinha que reparava nas azas do animal.

«Não. As azas não lhe servem para voar. São veus de bruxa com que mette medo ás suas victimas.»

As duas pequenas, muito admiradas com esta resposta, queriam que o sr. Carvalho lhes explicasse melhor a sua ultima phrase.

Mas ouviu-se a sineta do almoço, e a conversa ficou por aqui.

CAPITULO VII

Um phantasma. — Os cannibaes

O sr. Carvalho deixara abertas as janellas do escriptorio, de maneira que ao voltarem, depois do almoço, uma toalha de sol ardente entrava pelo quarto dentro, cobrindo a meza de trabalho, inundando as tres gaiolas.

Fazia um calor de rachar.

«Oh! meu pae!» exclamou a Mariasinha, apenas abriram a porta. «Olhe o sol... É preciso fechar já as janellas...»

A Mariasinha sabia que o pae era muito cuidadoso com o calor; e que no escriptorio conservava durante as horas mais quentes, as persianas sempre cerradas.

Mas d'esta vez, o pae mudara de idéa.

«Deixa estar» disse elle, «É preciso que o sol entre, para alegrar os nossos hospedes. Gostam de calor; e quanto mais intenso elle fôr, mais intensa tambem será a vida nas tres gaiolas...»

Mas um grito da Violante que lhes passara adiante e se debruçava sobre as gaiolas, veio interrompê-lo.

« Oh! meu Deus! » exclamava ella toda afflicta e corada de emoção.

O sr. Carvalho e a Mariasinha aproximaram-se a toda a pressa.

« O que foi? O que foi? »

« Onde está a louva-a-Deus? É outro bicho... Um bicho que mette medo!... »

« Parece um phantasma!... »

A louva-a-Deus transformara-se. Já não era o bichinho innocente que tão bem conquistara a Violante com os seus ares modestos e devotos.

As pequenas tinham razão; mettia medo.

Bem firme nas suas quatro patas trazeiras, levantara o busto quasi verticalmente, n'uma posição orgulhosa de desafio.

Os elytros afastados para os lados como uns remos largos, deixavam a passagem livre ás azas que se abriam (dois grandes resplendores) erguidas, estendidas em toda a sua belleza, ostentando o fino tecido transparente, orlado de verde pallido, leve como um manto de phantasma.

As patas da frente, as terriveis armas, abriam-se em cruz e mostravam as axilas guarnecidas de correntezas de perolas e de uma mancha negra marcada ao centro por um ponto branco, que parecia um signal de bruxedo.

As pequenas estavam petrificadas de espanto.

«Escuta!» disse a Mariasinha. «Ouves? Faz um barulho assim: puf! puf!... como um perú...»

A barriga toda revirada para cima, roçava nas azas aos safanões curtos e rapidos, que produziam aquelle ruido.



Fig. 2—Louva-a-Deus

«Mas para que faz ella isto?» perguntou a Violante. «Está zangada?»

«Não», respondeu o sr. Carvalho. «Quer assustar o gafanhoto, magnetizal-o de pavor...»

Então as pequenas repararam no gafanhoto

que até alli nem sequer tinham visto, de tal maneira estavam occupadas pela transformação da louva-a-Deus.

O gafanhoto encontrava-se defronte d'ella muito perto; movia-se lentamente, como que a medo. Elle tão desembaraçado, tão prompto a saltar, apoiando-se nas suas longas pernas trazeiras que o empurram para o ar como se fossem mólas de aço, agora parecia entrevadinho.

As pequenas, passado o primeiro momento de surpresa, acharam a scena tão ratona que não puderam deixar de rir.

« Bem dizia o meu pae, que iam ter uma representação ! » exclamou a Mariasinha.

« Porque é que o gafanhoto não foge, se tem medo ? » perguntou a Violante.

« Está fascinado, » respondeu o sr. Carvalho. « Nunca ouviste dizer que as serpentes fascinam os passaros ? que se põem a olhar para elles fixamente, e que os pobresinhos aterrados, attrahidos por aquella força do olhar a que não podem fugir, acabam por se lhes vir metter na bocca ? »

« Pois sim. Mas o gafanhoto não é a mesma coisa. É grande e forte, maior do que a louva-a-Deus... Então porque ha-de elle... »

A Violante não acabou a phrase.

A louva-a-Deus estendera bruscamente as suas tenazes, filara o gafanhoto pelo meio do corpo e puxara-o a si.

Houve um instante de confusão; o pobre gafanhoto esperneava desesperadamente, dava coices bravios, tentava morder a sua inimiga...

Mas o terrível tornilho apertava-o sem piedade, os dentes aguçados das serras entravam-lhe na carne...

As duas pequenas e o sr. Carvalho, seguiam as peripecias da lucta com um interesse apaixonado.

«Vae fugir e vae matal-a, coitadinha!» gritava a Violante ainda fiel á sua fé na bondade e na fragilidade da louva-a-Deus.

«Já d'alli não sae vivo,» declarou o sr. Carvalho.

A louva-a-Deus ferrara-lhe agora a bocca na nuca e mordia, mordia...

Instantes depois, as pernas do gafanhoto principiaram a agitar-se com menos força; depois estremeciam apenas; o pobre animal acabou por ficar immovel.

«Está morto?» perguntou a Mariasinha.

«Acabou-se,» disse o sr. Carvalho. «Aquelle já não torna a saltar.»

A Mariasinha estava indignada:

«Parece impossivel!» repetia ella toda vermelha. «Feia louva-a-Deus! Um pobre bichinho que não fazia mal a ninguem, que não a atacava...»

A Violante não dizia nada. Estava triste.

Como se enganara! E que fingida era a

louva-a-Deus, com os seus ares humildes e devotos!

Arrependia-se de a ter defendido. Que hypocrita! Repugnava-lhe agora aquelle animal que principiara por encantal-a.

Pensava na cigarra com saudades.

Nunca mais se deixaria levar assim a julgar fosse o que fosse, sob o impulso de uma primeira impressão.

A Mariasinha interrompeu o curso das suas reflexões:

«Que está a louva-a-Deus fazendo agora?» perguntou ella sem despegar os olhos do grupo formado pela louva-a-Deus e pelo gafanhoto morto. «Porque o tem assim abraçado ainda, se já conseguiu dar cabo d'elle?»

«Está a comel-o,» respondeu socegradamente o sr. Carvalho.

As duas pequenas tiveram um estremecimento de surpresa e de horror.

«A comel-o?!» exclamou a Violante. «Então este bicho não se sustenta do succo das arvores e das flores como a cigarra e a borboleta? Come os outros bichos? e assim... ainda quasi vivos?!...»

«Então, Violante, não sabes que ha insectos carnivoros?»

E sem esperar a resposta da Violante, o sr. Carvalho continuou:

« Mas isto não é nada ainda... Se a louva-a-Deus ficasse por aqui! »

« Então que mais horrores é que ella faz! »

« Verás. Eu não quero dizer-te nada. Irás aprendendo com o testemunho dos teus olhos. »

Agora via-se perfeitamente a boca da louva-a-Deus, devorando com soffreguidão a cabeça da sua presa.

« Fica pr'alli horas a comer e a digerir a sua victima... » disse o sr. Carvalho que não podia deixar de falar da louva-a-Deus sem um certo desprezo. « E o que me dizes, Violante, do tal bichinho sympathico e innocente? »

« É um monstro! Já não gosto d'elle. »

Não olharam mais para aquella gaiola. Já não tinha interesse; e fazia afflicção ver a voracidade da louva-a-Deus, encarniçando-se sobre o cadaver do pobre gafanhoto.

« Vamos agora espreitar um pouco o que se passa na segunda gaiola, » propoz o sr. Carvalho.

E debruçaram-se os tres sobre a redê* de arame debaixo da qual estavam as duas louva-a-Deus e os dois gafanhotos.

« As duas irmãs estão á bulha! » gritou a Mariasinha fóra de si. « Que bichos tão maus. Nem uns com os outros se dão bem!... »

As duas combatentes, com os bustos erguidos a prumo, abraçavam-se estreitamente com os seus

horriveis harpeos dentados, estrebuxando, torcendo-se, mordendo-se com furia.

O sangue já corria.

« Sr. Carvalho » perguntou a Violante. « Mas porque é que estes dois animaes são assim tão maus um para o outro? Aquella, da primeira gaiola, ainda tinha desculpa: matava para comer. Mas estas... se tivessem fome, lá estavam os gafanhotos. Imagino que é furia que teem, desejo de se matarem uma á outra... Mas não acredito que se queiram devorar entre si!... »

Com effeito lá andavam os dois gafanhotos na gaiola, indifferentes ao que se passava, sem que ninguem se mettesse com elles.

A lucta durou pouco.

Uma das louva-a-Deus principiou a enfraquecer, e em breve morria, filada pela bocca da sua inimiga que lhe devorava a nuca ás dentadas.

« Olha, Violante, » disse o sr. Carvalho. « Olha o que a tua protegida está fazendo. A louva-a-Deus vencida tem a sorte do gafanhoto; vae passar para a barriga da sua companheira. »

Com effeito, as pequenas assombradas, viram que a vencedora immobilizando-se, comia com sofreguidão a sua irmã, principiando o festim pela cabeça da infeliz.

« Protegida! » exclamou a Violante lembrando-se das ultimas palavras do sr. Carvalho. « Eu já

não quero saber d'ella para nada. Monstro! Enganou-me bem!»

« Não lhe queiras tanto mal... » interrompeu o sr. Carvalho. « No meio de tudo apprendeste com ella uma grande lição. »

« Que lição? »

« Que não devemos sempre fiar-nos nas apparencias... »

E logo espreitando a terceira gaiola, mudou de conversa:

« Em casa dos noivos, por emquanto, as coisas vão melhor. Tudo está em paz. »

E acrescentou entre dentes:

« Não durará muito. »

O noivo, magrinho e pequeno, passeava devagar em volta da pretendida, tão gorda e tão grande que mais parecia ser sua mãe. Estava parada, de mãos postas, de cabecinha á banda; guardava o seu ar modesto de pessoa devota e innocente.

E elle passava e tornava a passar, olhando-a com ternura, voltando e inclinando para o seu lado a cabeça expressiva...

« Tudo isso é muito bonito, sim senhor, » disse a Mariasinha ameaçando-os com um dedo. « Mas quem fez aquillo? »

E apontava para um canto da gaiola onde jazia o cadaver de um dos gafanhotos já com a cabeça e metade do corpo devorados.

CAPITULO VIII

Metamorphose dos insectos.—Miss Mac Duff
e o seu viveiro de feras.

A Violante queria passar a tarde no escriptorio a olhar para as tres gaiolas, de tal maneira a interessava aquelle estudo.

Mas nem o sr. Carvalho nem a Leonor lhe deram licença para ficar assim mettida n'um quarto, em lugar de ir dar um bom passeio pelo campo, tomar o ar fresco da tarde, depois das longas horas de calor.

A Violante em breve se consolou do seu desgosto de não ficar em casa.

Apenas sahia o portão do jardim e se encontrava no pinhal e depois na charneca, não havia prazer algum para ella, que se comparasse áquella liberdade de correr por toda a parte, de experimentar caminhos novos, de descobrir surpresas a cada passo.

Assim esqueceu o seu desgosto, mas não o in-

teresse que a prendia ao que estaria succedendo debaixo das redes de arame, lá no escriptorio.

Desde que pela primeira vez ouvira cantar a cigarra, a observara e lhe escutara a historia, o mundo dos insectos não lhe sahira mais do pensamento.

Todos os serões se installava junto do sr. Carvalho e lhe fazia perguntas sem fim.

Elle gostava de lhe explicar tudo; ia buscar livros com gravuras onde vinham as tranformações dos insectos e o retrato de muitos que a Violante não conhecia.

Até a Mariasinha acabara por se enthusiasmar. Mettia-se em brios; não queria ficar atraz da Violante, e apprendia tanto como ella.

O sr. Carvalho dizia ás duas pequenas:

« Tantas coisas extraordinarias e maravilhosas que se passam á roda de nós! Temos a obrigação de abrir os olhos e de fazer todas as diligencias de entender. São livros cheios de ensinamentos que é preciso aprender a ler:»

E as duas pequenas interessavam-se cada vez mais; sobretudo a Violante.

N'aquella tarde, a conversa versou apenas sobre insectos, porque as pequenas não podiam esquecer-se das terriveis louva-a-Deus que tinham ficado no escriptorio.

« Ellas tambem põem ovos, sr. Carvalho? »

« Todos os insectos põem ovos. Do ovo sahe

a larva; a larva transforma-se em crysalida, e a crysalida em insecto perfeito.»

Iam andando devagar pela margem de um ribeiro de onde um homem tirava agua com a cegonha de rega, entornando o balde na regueira que ia dar aos canteiros de couves e feijoeiros.

O sr. Carvalho apontou para umas poucas de borboletas brancas que pareciam andar brincando no ar.

«Que lindas, não é verdade? Pois antes de serem estes animaesinhos tão ligeiros e graciosos, foram as lagartas da couve, nojentas, que a cosinheira te mostrou no outro dia, lembra-te?»

A Violante já principiava a entender todas aquellas coisas.

«Pois é,» respondeu ella com um certo ar importante «a lagarta da couve é a larva que sahe dos ovos d'esta borboleta, não é assim?»

«É isso mesmo; muito bem! E agora diz-me: o animalsinho passa logo de larva a borboleta?»

A Mariasinha acudiu:

«A larva sahe do ovo; e depois alimenta-se da folha da couve; vae crescendo, sempre com o seu feitio nojento de lagarta; finalmente parece que morre, e fica assim algum tempo, muito dura e quieta; uma mumia, uma coisa secca, sem aspecto de vida; depois, rebenta a pelle que a cobre, e sahe a borboleta!»

O sr. Carvalho estava admirado do desembaraço da Mariasinha.

Mas a pequena olhou para a Leonor e ambas se pozeram a rir.

De manhã, á hora da lição, o dictado da Mariasinha fora justamente sobre as metamorphoses dos insectos.

« Sabes o que são as metamorphoses dos insectos, Violante? »

« Parece-me que sim; são as differentes mudanças pelas quaes passa o insecto desde o ovo... O sr. Carvalho já tinha explicado. »

Agora iam na charneca, e a Mariasinha e a Violante corriam de um lado para o outro procurando insectos.

Cada vez que viam uma louva-a-Deus, era uma gritaria:

« Olha a tua beata! » exclamava a Mariasinha. « E lá está de mãos postas, com o seu ar sympathico e impostor, a ver se nos engana! »

A Violante debruçava-se sobre o animalsinho; ainda lhe parecia mentira que elle fosse o monstro que vira de manhã praticar tantas atrocidades.

Iam a meio do seu passeio, em plena charneca; e as pequenas levavam já um grande braçado de flores e uma caixinha com varios insectos para estudarem ao serão com o sr. Carvalho.

De repente ouviram um tropel de cavallos, e voltando-se, viram uma amazona que galopava

a uma certa distancia, seguida por um criado montado tambem.

« É a Miss Mac Duff! » exclamou a Leonor.
« Não sabia que já por cá estava! »

« Eu tambem não tinha a menor idéa da sua chegada! » acrescentou o sr. Carvalho.

Entretanto a Miss Mac Duff já os reconhecera e dirigia-se para elles sopeando o cavallo que mascava o freio com um grande telintar do ferro nos dentes e saccudia a cabeça salpicando-se todo com a espuma que lhe sahia da bocca.

A Miss Mac Duff tirou o chapéu alto e agitou-o n'um grande gesto do seu braço muito magro e comprido, manifestando assim a alegria que tinha de ver aquelles visinhos.

« Ora ainda bem que os encontro! » exclamou ella no seu portuguez muito atrapalhado.

E debruçando-se sobre o pescoço do cavallo, descobria entre os beiços delgados, a fileira côr de marfim dos dentes compridos, e distribuia vigorosos *shake-hands* que lhe sacudiam o arca-boiço magro e ossudo.

« *Aoh! so pleased! . . .* »

« Não sabiamos que já tinha chegado, » disse a Leonor. « Ainda ha poucos dias passámos pela sua casa e vimos tudo fechado. »

« Cheguei hontem. »

« E já hoje anda tratando do viveiro, aposto! » observou o sr. Carvalho.

A Miss Mac Duff poz-se muito seria.

«Nem mais nem menos. Venho d'alli, d'aquelle povoado, onde fui contractar caçadores.»

E de repente, inclinou a cabeça para o lado e sorriu com um ar entendido.

A Violante não tirava os olhos d'ella; era muito alta e magra; usava o cabello branco, em franja na testa e cortado abaixo das orelhas, *á pagina*, como as creanças. Oculos de oiro, o nariz comprido e aquillino, os olhos muito azues.

Se não fosse a saia de amazona, a Violante, imaginaria que a Miss Mac Duff era um homem.

Entretanto a ingleza ia conversando com a Leonor e com o sr. Carvalho.

«Já appareceu algum este anno?»

«Por emquanto ainda não ouvi dizer.»

«Pois tenho o meu viveiro preparado; quero ver se já amanhã começo a povoal-o...»

«Já arranjou caçadores?»

«Oh! não faltam!...»

«Appareça lá na quinta, Miss Mac Duff; dá-nos sempre muito prazer.»

«Obrigada. Tenho muito que fazer... Venham vocês quando quizerem...»

E apontando para as pequenas com a ponta da vergasta, acrescentou:

«...Mostrar as feras ás meninas...»

E despedindo-se, afastou-se a galope, com os



De repente ouviram um tropel de cavallos, e voltando-se, viram uma amazona que galopava a uma certa distancia, seguida por um creado montado tambem. (Pag. 86)

seus cabellos brancos de neve e ondeados, voando-lhe em volta da cabeça.

«Que pessoa tão exquisita!» exclamou a Violante. «Que feras são aquellas em que falou? E o viveiro? Viveiro de quê? E para que são os caçadores?...»

A curiosidade da Violante era tão grande que as perguntas lhe acudiam em catadupas, sahindo-lhe da bocca umas atraz das outras, sem esperar sequer as respostas.

«Um viveiro de feras, nem mais nem menos,» interrompeu o sr. Carvalho. «Esta senhora vem aqui passar uns mezes de verão, n'uma quinta que arrendou perto da nossa; e entretem-se a criar... adivinha o quê?»

A Violante encolheu os hombros.

«Como hei-de adivinhar? Um viveiro de feras é uma peta, porque eu sei muito bem que aqui não ha feras. É uma brincadeira qualquer, que eu não entendo...»

«É um viveiro a valer...» repetiu o sr. Carvalho «de animaes muito perigosos.»

«De animaes muito perigosos?» perguntou a Violante, pasmada. «Mas ella disse que os mandava caçar aqui. Então ha animaes perigosos n'estes campos?»

A Mariasinha não se poude conter mais tempo:

«São lacraus, pateta!» gritou ella. «São lacraus!»

Mas a Violante não adeantou grande coisa com a explicação.

«Lacraus!» repetia a pequena. «Mas o que é isso? É como um urso, ou como um lobo, ou como um javali?...»

E como o dia ia declinando e o crepusculo se estendesse já pela charneca, a pequena lisboeta olhava com desconfiança e receio para a extensão solitaria que os rodeava, para a sombra rara de alguma arvore alongando-se com ares sinistros...

«Não tenhas medo» disse o sr. Carvalho. «O lacrau não é grande; não o verias de longe. Póde ser que n'este momento esteja algum ao nosso lado, escondido no matto. Não nos fará mal, porque estamos calçados...»

«Ah!» exclamou a Violante com um suspiro de alivio. «É algum insecto!...»

CAPITULO XIX

Descripção dos insectos. — Uma Barba Azul.

Voltaram para casa já de noite.

O sr. Carvalho disse que era melhor não se visitarem as gaiolas do escriptorio, senão no dia seguinte; e as pequenas convenceram-se facilmente porque estavam muito entretidas com as explicações que o sr. Carvalho e a Leonor lhes faziam a respeito da Miss Mac Duff e das suas *feras*.

A Miss Mac Duff gostava immenso de observar e estudar os lacraus; apenas chegava ao campo, offerecia logo bons premios a quem lhe trouxesse lacraus vivos e perfeitos.

Não lhe faltavam assim habitantes para o viveiro que preparava com tanto amor e sobre o qual se debruçava horas e horas, n'uma contemplação sem fim.

A Violante queria que lhe descrevessem um lacrau e não descançou emquanto o sr. Carvalho lhe não mostrou um no seu livro de zoologia.

Além d'isso, tinham trazido varios insectos da charneca, e collocando-os em cima da meza do serão, cobertos de uma rede de arame para não fugirem, as pequenas pediam ao sr. Carvalho que lhes dissesse o nome de cada um e procurasse o retrato d'elles no seu livro. . .

« Reparem bem, » dizia elle examinando com as pequenas, os bichinhos que passeavam, atarefando-se de um lado para o outro debaixo da rede. « Estes insectos que são tão differentes uns dos outros, teem no emtanto pontos de contacto, traços communs, que os ligam n'uma especie de irmandade. Olhem: aqui está um gafanhoto, um escaravelho, um grillo, uma formiga, uma abelha. São bem diversos á primeira vista. Mas agora, queres ver como todos se parecem ? »

« O grillo por exemplo: » continuou o sr. Carvalho retirando este insecto de debaixo da rede e segurando-o cuidadosamente entre dois dedos. « tem seis patas. Todos os insectos teem seis patas como o grillo. O grillo divide-se em tres partes: cabeça, torax, e abdomen. Vês bem, Violante ? »

E o sr. Carvalho virava o grillo de barriga para o ar e mostrava as differentes partes do insecto apontando-as com um palito.

« O thorax divide-se por seu turno em tres secções: a primeira, logo a seguir á cabeça, é o *prothorax* de onde nascem as patas anteriores;

a segunda é o *mesothorax* de onde nasce o segundo par de patas, e ás vezes um par de azas (quando o insecto tem azas, como agora succede com o nosso grillo); finalmente a terceira secção do thorax é chamada *metathorax*; d'ahi nasce o terceiro par de patas e o segundo par de azas quando o insecto as tem.»

As pequenas observavam cuidadosamente os outros insectos que se encontravam debaixo da rede e verificavam, com gritos de prazer, que todos elles possuíam os característicos que o sr. Carvalho ia descrevendo no grillo.

«Agora, minhas filhas, vamos observar a cabeça do grillo. Aqui temos dois olhos grandes, de muitas facetas, duas antennas, que são estes cornichinhos delicados que vocês encontrarão na cabeça de todos os insectos, e que lhes servem para apalpar. O tacto n'estes bichinhos é um sentido muito desenvolvido. Além dos olhos e das antennas, aqui estão as mandibulas, especie de torquez, funcionando horizontalmente, e que servem não só para agarrar nos alimentos e leval-os á bocca, como tambem de armas de ataque e defeza.»

«Nem todos os insectos teem mandibulas» declarou a Violante que se lembrava do bico da cigarra.

«Tens razão,» respondeu o sr. Carvalho sorrindo todo satisfeito por ver como a Violante observava bem e não esquecia.

E apontando o abdomen do grillo ia continuando com a sua explicação:

«O abdomen é composto de dez arcos ou aneis, vês? Às vezes são mais, outras vezes menos, porém o seu numero nunca se afasta muito de dez. Alguns insectos possuem na extremidade do abdomen uma especie de espinho ou unha que interiormente se liga a uma glandula de veneno, de maneira que essa unha é uma arma terrivel; outros teem no logar da tal unha, um aparelho em forma de pinça, que lhes serve de arma de combate.»

«Como a bicha-cadella!» gritou a Mariasinha, toda contente de poder tambem mostrar que entendia e aproveitava as explicações.

«Outros» acrescentou a Violante que não se queria deixar ficar para traz «que teem na ponta do abdomen, uma especie de furador ôco por dentro, que enterram no tronco de um arbusto, depositando os ovos no fundo d'este poço.»

«Sim senhor!» disse o sr. Carvalho esfregando as mãos depois de tornar a pôr o grillo debaixo da rede. «Vejo que te lembras ainda da cigarra que assim põe os seus ovos. Mas não é só o tronco dos arbustos onde as femeas espetam o seu furador (como tu dizes) para lá depositarem as ninhadas. Algumas furam o chão e largam-n'as debaixo da terra, outras mergulham a sua agulha ôca na polpa macia de um fructo...»

«Agora é que eu já entendo uma coisa que

sempre me tem feito muita confusão!» disse a Mariasinha. «Às vezes vejo uma ameixa que me parece bôa, sã... Tem apenas um buraquinho que mal se vê, como a ponta de um alfinete. Dou uma dentada na ameixa; e de repente sahem-me lá de dentro umas lagartas grandes e nojentas! Eu scismava: mas por onde é que ellas entraram?»

«Pois é;» respondeu a Violante «foi a mãe d'ellas que enterrou a sua agulha ôca na ameixa e largou lá dentro os ovos de onde sahiram as larvas...»

Na manhã seguinte, apenas as pequenas acabaram de se vestir, dirigiram-se ao escriptorio.

O sr. Carvalho esperava-as á porta, e logo perceberam na cara d'elle, que havia por lá grandes novidades.

«Venham cá... A Violante vae ver a que ponto chega a ferocidade da sua protegida, da louva-a-Deus, tão sympathica, tão meiga, tão bôa-sinha!...»

A Violante e a Mariasinha debruçaram-se com elle sobre a terceira gaiola, a dos noivos.

«Mas onde está o noivo?» perguntou a Mariasinha.

«A louva-a-Deus casou com elle...» respondeu o sr. Carvalho «e depois papou-o todo. Olha, vê? Ainda está a acabar de o soborear. Só lhe deixou as azas. É costume d'ellas; casam-

se, e depois... záz! devoram o marido. Chegam a devorar assim em menos de tres semanas, sete maridos!»

«São peiores que o Barba Azul!» exclamou a Violante cheia de indignação e vexada por ter defendido aquelles monstros. «Ao menos o Barba Azul não devorava as mulheres, não era como os selvagens que comem gente, os cannibaes de Africa!»

«E não é porque tivesse fome...» acrescentou a Mariasinha.

E mostrava o gafanhoto meio devorado, como o tinham visto na vespera, e o outro ainda vivo e governando a sua vida, indifferente ao drama que acabava de se passar ao seu lado, entre os dois noivos.

«É uma terrivel caçadora!» exclamou o sr. Carvalho. «Não tem o sentimento da familia; apenas casa, deixa de conhecer o marido e papa-o achando-o um delicioso piteu. Passa a vida emboscada, á espera de presa; e tudo lhe serve, até os outros insectos da sua raça, irmãs, parentes, nada resiste ao seu appetite, ao seu cannibalismo; nenhum escrupulo a embaraça. É temivel.»

Mas a Violante que espreitava a segunda gaiola (onde uma das louva-a-Deus devorara a sua companheira) endireitou-se de repente e exclamou apontando para o insecto:

«Oh! sr. Carvalho! o que é isto? O que está ella fazendo?»

«Tens sorte...» disse elle depois de observar a louva-a-Deus. «Está fazendo o seu ninho.»

«O seu ninho!?» exclamaram ao mesmo tempo as duas pequenas cheias de admiração.

CAPITULO X

Um ninho de espuma.—O sr. Carvalho principia a historia do pelopeu

A louva-a-Deus tinha-se agarrado ás malhas da rede de arame e assim mesmo, suspensa, de barriga para o ar, procedia á construcção do seu ninho.

«Um ninho de espuma!» exclamou a Violante, custando-lhe a acreditar nas palavras do sr. Carvalho.

Pela abertura terminal do abdómen da louva-a-Deus, sahia continuamente um liquido pegajoso que logo se transformava em espuma de um branco sujo, parecida com a espuma do sabão.

E era tanta, que a extremidade do abdómen desaparecia quasi por completo entre ella, tornando-se difficil seguir-lhe os movimentos.

«Que exquisito, meu pae!» gritou a Mariasinha que introduzira pelas malhas da rede a ponta de um palito. «Olhe, ha um instante, a espuma



agarrava-se ao palito, como se fosse colla; e agora está dura, secca, o palito não entra.»

«É que se torna solidá ao ar, n'um instante. Endurece para poder resistir ao tempo... Os ovos ficam ahi durante nove mezes! Querem ver como ella trabalha?»

O sr. Carvalho levantou com geito a rede de arame e voltou-a para que se pudesse ver bem a louva-a-Deus.

Pegou n'uma lente que estava em cima da meza e deu-a ás pequenas que examinaram com ella o insecto.

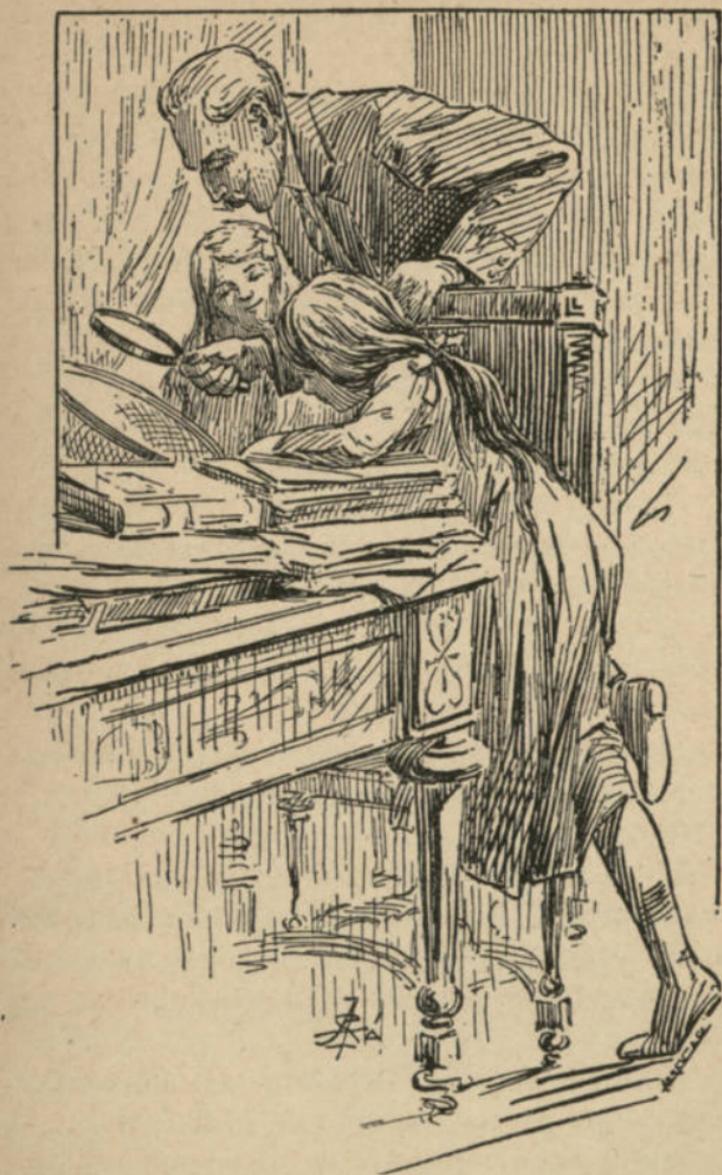
Depois, com uma pinça muito fina, levantou cuidadosamente as azas da louva-a-Deus.

O insecto estava tão absorto, que não dava por coisa alguma, não se interrompia, não se assustava.

Na extremidade do abdomen, a abertura por onde jorrava continuamente o liquido viscoso, era constituida por uma comprida fenda formando de cada lado uma especie de colher, que n'um movimento rapido, ora unindo-se ora afastando-se, batiam o liquido á medida que sahia, fazendo-o espumar.

«É como uma machina de bater claras d'ovos!» observou a Violante rindo.

De bocado a bocado, de dentro da fenda entreaberta, sahia como um estylete que mergulhava na espuma.



Pegou n'uma lente que estava em cima da meza e deu-a ás pequenas que examinaram com ella o insecto. (Pag. 102)

«O que é aquillo?» perguntou a Mariasinha.

«Aquillo é o *oviducto*, aquelle aparelho que as femeas de certos insectos teem, o *furador* da cigarra, lembras-te? a agulha ôca com que furam a terra, ou um tronco, ou a polpa de um fructo, e atravez do qual fazem passar os ovos e os depositam no poço assim aberto.»

«Já entendo...» disse a Violante. «A louva-a-Deus em logar de furar a terra ou um tronco, mergulha os seus ovos n'esta espuma.»

«É isso mesmo.» respondeu o sr. Carvalho. «Depois, a espuma endurece e os ovos ficam bem protegidos até á sahida das larvas.»

«Ó meu pae.» exclamou a Mariasinha. «O ninho já está maior do que a barriga da louva-a-Deus!»

«O que o faz crescer assim é o ar misturando-se no liquido batido que vae sahindo.»

«E quando isto secca,» perguntou a Violante «o ar fica sempre lá dentro preso na espuma?»

«Pois fica. E é esse ar, que formando uma parede protectora em volta dos ovos, lhes conserva o calor necessario ao nascimento das larvas.»

«Não entendo, sr. Carvalho.» declarou a Violante depois de um momento de silencio.

«Ha corpos» disse o sr. Carvalho «que se deixam atravessar muito facilmente pelo calor, como o ferro e a prata, por exemplo; outros que

lhe resistem mais, como a lã, a cortiça. Não sei se tu já apprendeste isto, Violante.»

«Eu já apprendi com a minha mãe,» acudiu a Mariasinha.

«E eu lá no collegio.» accrescentou a Violante.

«Bem. Pois o ar é um corpo que resiste muito ao calor, que se deixa difficilmente atravessar por elle.»

«Ah! já percebo!» gritou a Violante «o calor contido dentro d'este ninho, conserva-se mesmo atravez do inverno, porque o ar preso nas bolhas de espuma o não deixa fugir; e assim os ovos se podem chocar á vontade.»

O sr. Carvalho sorriu todo contente por ver como a Violante entendia as suas explicações.

A Mariasinha observava a louva-a-Deus admirando-se de lhe ver o thorax e a cabeça immoveis, emquanto o abdomen se agitava n'aquelle intenso trabalho da construcção do ninho.

«Parece que não é nada com ella!» disse a pequena.

«Nem uma só vez virou a cabeça, nem mexeu com as patas» accrescentou a Violante. «Não se importa para nada com o que se está passando lá atraz d'ella. É como se fosse outro bicho que estivesse tratando d'aquelle serviço.»

«Mas por onde sahem as larvas?» perguntou a Mariasinha que não tirava os olhos d'aquelle bolo de espuma oval, estriado transversalmente de ondulações e que ia crescendo, crescendo...

«Eu depois te explicarei, em a louva-a-Deus acabando a sua obra. Não leva menos de duas horas bem contadas n'este serviço, e temos tempo de ir almoçar. Isto é uma coisa rara, ella fazer o ninho agora. Quasi sempre o faz de noite. Vocês tiveram sorte.»

Apenas elle acabou de falar, ouviu-se a sineta a chamar para o almoço. Á meza, a Violante que estava calada, a scismar, disse de repente:

«Sr. Carvalho, acha que a Louva-a-Deus percebe o que faz, e arranja toda aquella espuma pensando que o ar não deixará fugir o calor preciso aos ovos?»

O sr. Carvalho e a Leonor puzeram-se a rir.

«Para te dizer a verdade, minha filha,» respondeu elle, «não acredito que a louva-a-Deus tenha tanta sabedoria e tanta intelligencia. Ha muitos insectos que fazem coisas extraordinarias; se fossemos a dar a esses actos a significação de um raciocinio superior, igual ao nosso, teriamos muitas vezes de nos considerar menos espertos do que elles. Não, Violante, a força que dirige os insectos, não é a intelligencia, é o instincto. E para te dar uma prova do que affirmo, vou contar-te e á Mariasinha, uma historia.»

O almoço tinha acabado.

Levantaram-se todos.

«Vamos espreitar a louva-a-Deus?» propoz a Mariasinha.

«Não vale a pena.» respondeu o sr. Carvalho. «O seu trabalho deve estar na mesma, pouco mais ou menos. D'aqui a uma hora iremos ver.»

«Eu entretanto quero ouvir a historia.» declarou a Violante.

«Então vamos para a sala, que na varanda faz agora muito calor.» observou a Leonor. «E como não tenho coisa alguma que fazer n'este momento, quero tambem ouvir a historia.»

Entraram na sala onde estava muito fresco; installaram-se as tres em volta do sr. Carvalho que principiou assim:

«Ha um insecto chamado pelopeu, parecido com uma vespa, mas maior, com uma cintura miucomprida e delgada, e todo elle colorido de um tom avermelhado escuro como as borras do vinho...»

«Parece-me que já tenho visto.» interrompeu a Mariasinha » Não era esse bicho que no anno passado, o Pedro mettia debaixo de um copo, juntamente com uma aranha, para os fazer brigar?»

«Quem é o Pedro?» perguntou a Violante.

«É o meu primo que deve chegar ahi, um d'estes dias.»

«E elle é grande ou pequeno?»

«Tem treze annos. Mas apezar de ser muito crescido e de estar muito adeantado nos seus estudos, brinca tal qual como se fosse pequeno.»

A Violante levantou-se e deu dois saltos.

«Não o conheço mas vae ser divertido. E elle

gosta assim d'estas historias de bichos, como nós?»

«Gosta immenso. Tem sempre gaiolas com todos os bichos que pode apanhar.»

«Então já não querem ouvir a historia do pelopeu?» perguntou a Leonor que sorria d'aquelle entusiasmo da Violante.

«Queremos! Queremos!...»

E as duas installaram-se novamente deante do sr. Carvalho, muito serias e attentas.

«Pois o pelopeu» continuou este «faz o seu ninho de um modo muito extraordinario.

«Escolhe primeiro o logar mais favoravel para a sua construcção; e esse logar é sempre dentro das nossas habitações, e sempre o mais proximo possivel da lareira, do fogão, muitas vezes dentro da propria chaminé, de tal maneira gosta e precisa do calor.

«A sua paixão pelo calor é tão grande, que chega a construir o ninho entre as nuvens de fumo escapadas da lareira ou das fornalhas, sem se importar, resistindo a tudo.

«Os seus materiaes são muito simples; limitam-se a um pouco de lama.

«Se ha perto um ribeirito, aproveita a terra humida das suas margens, aquelle lodo fino que borda os cursos de agua onde a corrente é fraca.

«Se não ha ribeirinhos, qualquer regueira de

horta lhe serve, qualquer lameiro junto de uma fonte, qualquer charco. . .

«Poisa ao de leve, com as suas pernas altas e delgadas, as azas e o corpo esbelto bem erguidos para se não sujarem; e com as mandibulas agarra na porção de lama que lhe convém, amassa-a e leva-a.

«É robusto. De cada vez, o material assim transportado, tem o tamanho de uma ervilha.»

«Já vejo que não são só as andorinhas que fazem o ninho com lama.» observou a Mariasinha.

«Então as andorinhas fazem o ninho com lama?» perguntou a Violante muito admirada.

«Pois já se vê que sim. Tal qual como o pe-

lôpeu. Vão-n'a buscar á margem de uma ribeira, a um charco, seja onde fôr; amassam com bico umas bolinhas como ervilhas, e depois vão-n'as collocando no logar onde querem fazer o ninho. . . »

«E ainda teem outra parecença com o pelopeu.» disse a Leonor.

«Qual é, mãesinha?»



Fig. 3 — Ninho de pelopeu

«E' procurarem a nossa companhia, construir sempre os seus ninhos junto das nossas habitações. Nunca deixo que um creado toque n'um ninho de andorinha ou de pelopeu. Acho que é mal feito; um abuso de confiança. Coitados dos pobres bichinhos que veem assim construir os seus ninhos e pôr os seus ovos ao abrigo da nossa casa, fiados na nossa protecção! Quando chega o tempo de principiarem os seus trabalhos, vejo-os andar n'aquella azafama debaixo do telheiro da varanda, entrando pelas janellas, e tenho sempre uma grande alegria como á chegada de bons amigos que assim veem annualmente visitar-nos.»

As pequenas escutavam a Leonor com attenção. Era sempre tão bom, tão meigo, tudo quanto ella dizia! Havia tanto amor n'aquelle coração, que até chegava aos animaesinhos mais humildes como o pelopeu!

Depois de um momento de silencio, a Violante voltou-se para o sr. Carvalho e perguntou:

«E depois?»

CAPITULO XI

O ninho do pelopeu.—A intelligencia dos insectos

« O ninho do pelopeu é constituido por uma agglomeração de vasos ou cellulas cylindricas, alargando-se ligeiramente para a base e unidos entre si, formando uma ou mais correntezas, conforme a postura é menor ou maior.

« Ha ninhos que constam de quinze vasos; outros de dez; ás vezes de dois ou tres apenas.

« Á medida que os vasos estão promptos, o pelopeu principia a sua caça ás aranhas pequenas, destinadas a guarnecer o celleiro da futura larva.

« Apenas apanhada a primeira aranha e guardada morta no fundo do vaso, o pelopeu deposita-lhe sobre o ventre um ovo, e continua a caçar aranhas e a encher com ellas o vaso até ás bordas. Tapa então o orificio com um pouco de terra amassada, e começa o mesmo trabalho para o segundo vaso, e assim successivamente.

«Quando os vasos ou cellulas estão todos promptos, tendo cada um o seu ovo e o seu recheio de aranhas mortas, e todos bem cobertos com a tampa de lama, o pelopeu vae buscar mais argamassa e, para consolidar a sua obra, fixa ao acaso bólas e pedaços de lama sobre as correntezas de cellulas, que assim perdem toda a symetria e belleza, ficando o ninho com um aspecto feio, como um pedaço de barro que fosse atirado contra a parede.»

«Pouco importa o aspecto;» disse a Leonor devagarinho «o que importa é a vida e a subsistencia asseguradas á larva que vae nascer.»

«O sr. Carvalho» observou a Violante «prometteu que nos explicava a differença entre a intelligencia e o instincto. Mas por emquanto, não percebo...»

O sr. Carvalho sorriu.

«Não sejas impaciente;» disse elle «lá chegaremos. Para entenderes bem a minha explicação, era preciso conheceres primeiro a vida e o trabalho do pelopeu. Por tudo que acabo de contar, qual é a tua impressão sobre a intelligencia d'este insecto? Não o achas muito esperto, pensando em tudo, organizando os seus celleiros para a larva, construindo as cellulas confortaveis e cheias de provisões, escolhendo um logar quente e bem situado para a installação do seu ninho...»

«É espartissimo.» declarou a Violante.

« Parece gente. » acrescentou a Mariasinha.

« Vejo que estão ambas de acordo ; » disse o sr. Carvalho, sorrindo « e que teem do pelopeu a idea que eu tinha, antes de proceder a uma certa experiencia que veiu deitar por terra as minhas illusões. »

« Que experiencia ? » perguntaram as duas pequenas, com muita curiosidade.

A Leonor poz-se a rir ; lembrava-se d'aquelle estudo do marido e de se ter interessado por elle, assim como do muito que se divertira com o resultado.

O sr. Carvalho continuou :

« Imaginem vocês que uma vez espreitei o pelopeu no seu trabalho. Tinha uma grande admiração por aquelle bichinho e queria ver até que ponto ia o seu raciocinio.

« Apenas terminou a primeira cellula do ninho, foi logo caçar uma aranha, collocou-a no fundo, depositou-lhe na barriga o ovo, e partiu novamente á procura de mais victimas com que abastecer o celleiro da futura larva.

« Ora, logo que elle se retirou, eu approximei-me munido de uma pinça, e retirei cuidadosamente da cellula, a aranha e o ovo.

« Coitado do pelopeu ! » exclamaram as pequenas, cheias de compaixão. « Isso foi mal feito ! »

« Esperem . . . » acudiu a Leonor « Não o lamentem antes de tempo. »

« Quando o pelopeu voltou com uma nova presa » proseguiu o sr. Carvalho « olhou para dentro da cellula, e tranquillamente, sem parecer admirado, collocou-lhe no fundo vasio, a segunda aranha.»

« E poz-lhe outro ovo em cima da barriga, aposto! » gritou a Violante.

« Qual! » respondeu a sr. Carvalho « Ageitou a aranha no fundo da cellula, e abalou, na sua faina de caçar mais.»

« E o que fez o sr. Carvalho? »

« Eu? Fui outra vez com a minha pinça e tirei para fóra a segunda aranha.»

« E o pelopeu? »

« O pelopeu voltou com a terceira aranha, e pol-a no fundo da cellula outra vez. . . »

As pequenas desataram a rir.

Iam-se interessando cada vez mais pela historia que principiavam a achar muito comica.

« Durante dois dias continuou esta brincadeira.» disse o sr. Carvalho « O pelopeu a trazer aranhas, e eu a tira-las.

« Trouxe vinte.

« No fim do segundo dia, achou que já tinha trazido bastantes provisões e. . . adivinham o que elle fez? »

As pequenos acudiram com alvitres variados:

« Poz outro ovo! »

«Abandonou aquella cellulã e principiou outra.»

«Foi-se embora. Não quiz continuar o ninho alli...»

«Nada d'isso» respondeu o sr. Carvalho. «Qualquer d'esses procedimentos necessita um pouco de intelligencia, de raciocinio; e nem uma coisa nem outra existe no pobre cerebro tão rudimentar do insecto.

«O pelopeu, depois de pôr o seu ovo que desapareceu, depois de acarretar vinte aranhas destinadas á alimentação de uma larva que nunca existiria, depois de vêr, como resultado do seu trabalho, a cellula vazia, foi serenamente buscar um pedaço de lama, e tapou-a com geito, tal qual como se contivesse o ovo e estivesse cheia de provisões.»

As pequenas olharam uma para a outra, pasmadas.

Depois, a Violante perguntou á Leonor:

«O sr. Carvalho está a fallar serio, ou está a brincar connosco?»

«Muito serio, minha filha. Tudo isto se passou assim tal qual.»

A Mariasinha que estivera a scismar, calada, disse de repente:

«E todos os insectos são assim, não é verdade, meu pae? Fazem os ninhos, põem os ovos, parece ás vezes que teem ideas muito extraordi-

narias, mas... não são ideas. Elles não teem ideas.»

O sr. Carvalho fez uma festa na cabeça da filha.

«É isso mesmo. Não teem ideas; não teem intelligencia. Tem instincto. O instincto é que os leva a fazer as suas construcções, por vezes tão maravilhosas, a resolver problemas difficeis. Mas o cerebro não intervem. Realizam esses milagres como a sua bocca mastiga, como o seu estomago digere, como se dá o phenomeno da sua circulação, sem que em qualquer d'estes prodigios caiba uma parte á vontade, á razão.»

«Por isso a louva-a-Deus, ainda agora lá no escriptorio» accrescentou a Violante «emquanto o seu abdomen deitava e batia em espuma aquelle liquido, e ia pondo os ovos n'aquelle ninho tão extraordinario, nem olhava para traz, nem se mexia... como se não fosse nada com ella.»

«Provavelmente» disse a Leonor «se á medida que a espuma se formava, nós lh'a fossemos tirando, o insecto continuaria o seu trabalho na mesma, e a pôr os ovos, tal qual como se o ninho lá estivesse».

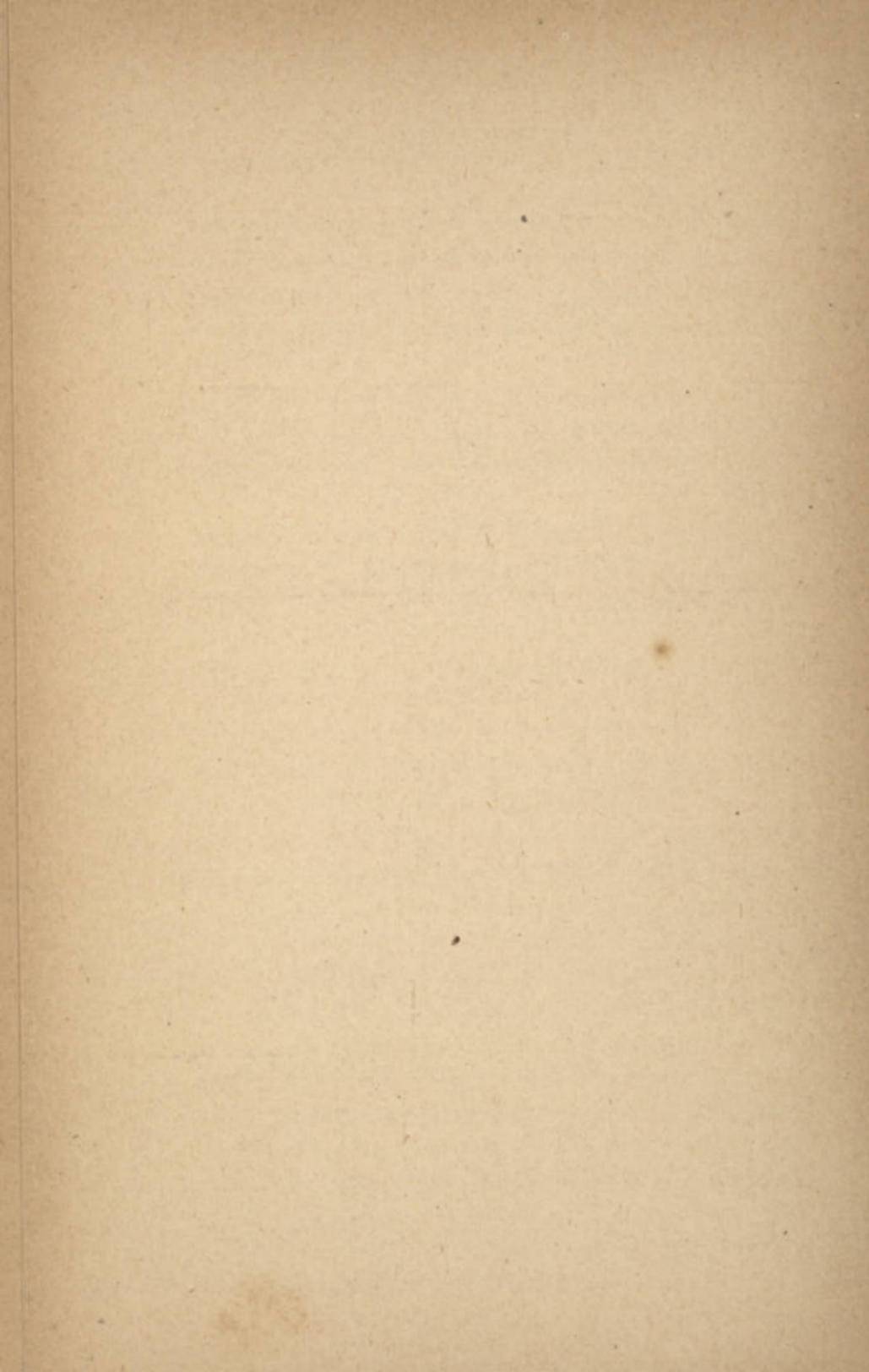
«Sim, provavelmente succederia isso» respondeu o sr. Carvalho. «Todas as experiencias que tenho feito para verificar a intelligencia dos insectos, me teem demonstrado que essa intelligencia não existe. Seja o que fôr que se lhes apresente, differente dos seus habitos, não é capaz de os

obrigar a uma modificação no trabalho ou nos processos. Não teem intelligencia; teem só instinto. Mas o instinto é extraordinario e por vezes, á primeira vista, chega a enganar, de tal maneira se parece com a razão!»

«E a louva-a-Deus?» perguntou a Mariasinha. «Já deve ter a obra quasi acabada».

«Vamos ver» respondeu o sr. Carvalho levantando-se.

E enquanto a Leonor ia tratar dos arranjos da casa, o sr. Carvalho e as pequenas, dirigiram-se para o escriptorio.



CAPITULO XII

A obra da louva-a-Deus. — O roubo da Josepha Pequena.

A louva-a-Deus terminava o seu trabalho.

Atraz de si estendia-se o ninho já prompto, com a espuma solidificada e de um branco cinzento, que a pouco e pouco tomaria a linda côr doirada dos bagos de trigo maduro.

A construcção, oblonga, adelgaçava para o extremo, terminando por uma pequena cauda ou appendice, curvo como uma espora.

« Como este ninho está bem feito! » exclamou o sr. Carvalho « Por vezes, quando o insecto tem de se sujeitar a condições menos favoraveis, o ninho resente-se, apresentando formas defeituosas, porque a louva-a-Deus tem em vista sobretudo, não a belleza, mas sim a solidez. É preciso que o berço onde vão nascer as larvas, fique bem fixado á pedra, ao ramo, á casca de arvore, ao pedaço de

muro, sobre o qual é edificado. E é realmente extraordinario como consegue, de um pouco de espuma, fazer um ninho confortavel e resistente, ca-

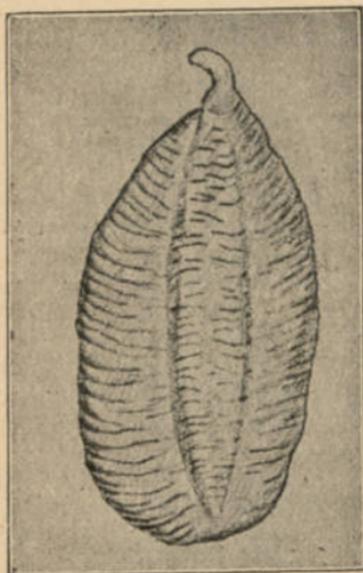


Fig. 4—Ninho da louva-a-Deus

paz de atravessar um espaço de nove mezes, exposto a todas as intemperies.»

E o sr. Carvalho continuava a observar o ninho da louva-a-Deus e a fazer notar todas as suas curiosidades á Mariasinha e á Violante.

«Reparem n'esta fachada de uma côr mais clara que percorre o ninho de extremo a extremo e que tem uma estrutura differente do resto.»

«Parece uma tirinha feita de escamas.» disse a Mariasinha.

«Não; as taboinhas de uma persiana.» atalhou a Violante. «Como é que a louva-a-Deus pode fazer esta parte differente do resto? Eu cá vi-a sempre deitar a mesma espuma e mexer-se do mesmo modo.»

«São mysterios que ninguem foi ainda capaz de descobrir.» respondeu o sr. Carvalho «Por en-

tre aquellas taboinhas ou escamas, como vocês dizem, é que sahem depois as larvas.»

As pequenas debruçavam-se, reparando com mais attenção.

« Bem veem, » continuou o sr. Carvalho « em todo o resto do ninho, não se encontra senão a mesma superficie rugosa e dura, sem orificio algum, e rija demais para poder ser furada pelo animalsinho ainda tão tenro ao sahir do ovo. Agora aqui, por esta facha, é outra coisa. Estas laminas continuam lá por dentro até chegarem junto dos ovos; e as larvas, trepando entre ellas, chegam cá fóra sem difficuldade. . . »

A louva-a-Deus terminara definitivamente o seu trabalho.

« Olha, já acabou! » disse a Violante « O que irá fazer agora? »

E as duas pequenas observavam o insecto com muita curiosidade, esperando vel-o manifestar de um modo qualquer, um sentimento de cuidado ou de amor maternal.

Mas a louva-a-Deus retirou-se com indifferença para o outro lado da gaiola, sem conceder mais um olhar sequer, á obra complicada que acabava de executar e que encerrava o fructo das suas entranhas, a esperança do futuro da sua raça.

Um dos gafanhotos approximou-se do ninho. andou em volta d'elle, acabou por se lhe empolei-

rar em cima, sem que a louva-a-Deus desse o mais leve signal de inquietação ou de raiva.

A Mariasinha e a Violante não cabiam em si de espanto.

« Esqueceu-se » explicou o sr. Carvalho « tem uma cabeça de alhos chôchos. »

« Não é isso, » respondeu a Violante « Não é esquecimento. É que não tem coração. Devora as irmãs e o marido e não tem amor aos filhos. »

E a pequena acrescentava com desprezo :

« Ah ! feio bicho ! feio bicho ! »

O sr. Carvalho bateu-lhe ligeiramente no hombro e sorriu.

« Então, Violante, não sejas exaggerada, nem vás além do que deves ir, na tua indignação. N'este mundo devemos sempre fazer a diligencia de dar a cada coisa o seu justo valor. »

« Não entendo sr. Carvalho. »

« Se eu deixar aqui, em cima da mesa, uma libra em oiro, e passar uma creança de tres annos que a leve, essa acção terá o mesmo valor do que se fosse praticada por ti, por exemplo ? »

« Não senhor. » respondeu promptamente a Violante « A creancinha levava a libra para brincar, sem perceber o mal que fazia ; e eu... era diferente. »

« Porquê ? »

« Eu entendo muito bem, sr. Carvalho ; » disse

a Violante, depois de uma ligeira hesitação «mas não sei explicar.»

«É muito simples; a creança não sabia o que fazia, e tu sabias. A mesma acção era innocente praticada pela creança, e criminosa praticada por ti; porque a creança não tem como tu a intelligencia e o raciocinio desenvolvidos; não tem portanto a responsabilidade do que faz, quer seja bem ou mal.»

As duas pequenas bebiam as palavras do sr. Carvalho.

«Gosto muito que vocês deem attenção ao que lhes estou dizendo» continuou este. «Para a gente ser boa, a principal coisa é entender isto: dar ás acções de cada um o valor que podem e devem ter; e nunca julgar o procedimento dos outros pela medida do que nós fariamos em frente de eguaes circumstancias. Isso dá logo injustiça e maldade. A Violante, apenas viu a louva-a-Deus, sympathisou com ella, achou-a boa, meiga, intelligente, porque a julgou pela sua attitude e pela sua expressão, como se ella fosse um ser humano. A Violante julgou a louva-a-Deus atravez de si mesma e enganou-se. Agora accusa-a de ferocidade, de egoismo, das peiores qualidades, e é injusta outra vez, porque um insecto não pode ser julgado pelas nossas leis, nem conhece o bem e o mal...»

O sr. Carvalho interrompeu-se, porque ao le-

vantar os olhos, encontrou os da Mariasinha cheios de lagrimas.

«O que é isso, minha filha?» perguntou elle, pondo-lhe a mão na cabeça e obrigando-a a erguer a cara para elle.

«Não é nada... não é nada...» balbuciava a pequena, tentando sorrir entre os soluços que a mais e mais lhe contrahiam a garganta.

A Violante aproximou-se da amiga e abraçou-a.

«Se queres dizer alguma coisa ao teu pae, que eu não oiça,» declarou ella «não te importes; eu não me zango. Vou um bocadinho lá fóra.»

«Não... não...» respondeu logo a Mariasinha «o que eu tenho para dizer, não é segredo... e é até bom que oiças tambem... para meu castigo.»

Mas apesar d'esta introducção a Mariasinha não se resolvia a falar, e só depois de muitas hesitações, principiou:

«O meu pae lembra-se quando, no outro dia, a Josepha Pequena, a filha do João Abobora, foi apanhada, lá em cima no celleiro, a roubar uma mão cheia de feijão?»

«Lembro-me, sim» disse o sr. Carvalho, que não sabia de todo onde a filha queria chegar.

A Mariasinha falava de olhos no chão e tão baixo, que mal se lhe ouvia a voz.

«Fui eu que a denunciei» continuou ella depois de um silencio. «A porta do celleiro estava

aberta; andava gente a entrar e a sair porque era dia de se pagarem as comedorias. Eu fui lá para pedir ao capataz um salamim de favas para torrar... Vi entrar a Josepha Pequena, esgueirar-se por detraz das mulheres, abaixar-se e, depressa, deitar dois ou trez punhados de feijão para dentro do bolso da saia...»

A Mariasinha interrompeu-se de novo e corou intensamente.

«Toquei no braço do capataz, apontei para a pequena... No mesmo instante me arrependi. O capataz deu um berro, agarrou a Josepha por um braço chamando-lhe ladra, bateu-lhe á bruta pelos hombros, pela cabeça, despejou-lhe a algibeira... Meia duzia de feijões! E uma vergonha d'aquellas!...»

«Mas qual foi a tua idea quando a denunciaste?» perguntou o sr. Carvalho.

«Pensei que a minha mãe lhe faz tanto bem e a toda a familia, e que a Josepha pagava esse bem roubando assim... Foi o desejo de a ver castigada... Achei-a má...»

«É mal feito, minha filha».

«Eu sei... e por isso me ralo. Comparei a Josepha a mim, tal qual como a Violante comparou a si a louva-a-Deus... E não deve ser. O bem e o mal... é diferente para cada um de nós... E entendi isso tão bem agora, quando o meu pae explicou!»

« Com effeito, Mariasinha, se tu roubasses eras muito mais culpada do que a Josepha. A Josepha, pensando-se bem, nem era culpada. Tão pobresinha, tão miseravel, tão selvagem! Com a mãe entrevada, passando fome, sem ninguem que lhe ensine seja o que fôr!... E aquella mão cheia de feijões que não fazia falta a ninguem, ia ser um jantarão para a pobre entrevada... »

A Mariasinha chorava agora a valer.

« Culpada fui eu... muito mais culpada » repetia ella « muito mais selvagem, sem coração... »

A Violante olhava, ora para a amiga, ora para o sr. Carvalho, ora para a Louva-a-Deus, e scismava em muitas coisas que se lhe atropelavam na cabeça em confusão.

CAPITULO XIII

As larvas da louva-a-Deus.—A Josepha Pequena é mordida por um lacrau.

O sr. Carvalho tratou de consolar a Mariasinha.

«Então, agora não te afflijas mais.» disse elle acariciando-a «Sabes o que tu vaes fazer? Logo, ou amanhã, ou quando puderes, pedes á tua mãe um litro de feijão, enches com elle um saquinho, e vaes lá abaixo á ribeira, entregal-o á Josepha. E assim remedeias o mal. E agora, não penses mais n'isso.»

A Mariasinha sorriu entre lagrimas; porem logo abanou a cabeça:

«Sim, vou fazer isso. Mas não serve de nada. Porque, ainda que eu desse á Josepha muito feijão, muito, muito... A vergonha e as pancadas que ella soffreu por minha causa, ninguem lh'as tira...»

O sr. Carvalho tratou de mudar de conversa.

«Então, Violante, tu és sempre tão curiosa, não me perguntas coisa alguma a respeito d'estes ovos que aqui estão guardados no ninho da louva-a-Deus, nem das larvas que vão nascer?»

«Eu gostava bem de as ver nascer, mas já tirei d'ahi o sentido, porque o sr. Carvalho disse que ellas só appareciam lá para Junho do anno que vem... E para esse tempo não estou cá.»

«Lá isso é verdade. E d'ahi sabe Deus o destino d'este ninho. Assim como a cigarra, tambem a louva-a-Deus ainda no ovo, já tem inimigos que a perseguem. O que vale, é que põe taes quantidades de ovos, que sempre alguns acabam por escapar.»

«Quantos ovos estão alli dentro, meu pae?»

«Devem estar de tresentos a quatrocentos. Mas a louva-a-Deus faz dois e trez ninhos cada anno; os dois primeiros de igual tamanho, e o terceiro um pouco mais pequeno. De maneira que cada louva-a-Deus põe annualmente, em media, um milhar de ovos.»

«O quê? pois tambem ha algum insecto atrevido que põe os ovos alli, n'aquelle ninho, para que as suas larvas se alimentem dos ovos da louva-a-Deus?»

«Justamente; um insecto pequenino... um intruso, que dá cabo de ninhadas inteiras. Depois, quando as larvas da louva-a-Deus saem e apparecem por estas aberturas do ninho, onde despem a

sua primeira tunica, são assaltadas por legiões de formigas que as devoram ás centenas. Mas isto dura pouco; assim que o ar e a luz as enrijam, principiam logo a passear de um lado para o outro com desembaraço, com os braços encolhidos sobre o peito como quem se prepara para as futuras proezas, e então já as formigas a respeitam. Mas apparece-lhe outra inimiga, a lagartixa, que tem por ellas uma grande guloseima; vae passando, e com a ponta da linguinha comprida, apanha á direita, apanha á esquerda. . . »

«Coitadas!» exclamou a Mariasinha «sempre tem muitos perigos a vencer antes de se criarem!»

«Não tenhas dó!» respondeu a Violante «deixa estar que ellas vingam-se bem. Apenas crescem, passam a vida a caçar, emboscadas por detrás dos ramos de tomilho e outros arbustos, saltando sobre tudo que lhes passa ao alcance, mascarando-se de phantasmas para metterem medo ás suas victimas, que, paralygadas de espanto se deixam agarrar pelas tenazes dos seus braços fortissimos. . . »

A Violante foi interrompida pela Leonor que abriu precipitadamente a porta do escriptorio e chamou o marido, pedindo-lhe que viesse acudir a uma pobre creança que fôra mordida por um lacrau.

O sr. Carvalho sahiu a toda a pressa seguido pelas duas pequenas.

Na varanda estava a pobre Josepha Pequena, que o pae, o João Abobora, trouxera em cima de um jumento para a vir mostrar ao sr. Carvalho, a ver se este lhe dava algum remedio que a aliviasse.

«A cachopa tinha ido á macella hoje de manhã...» dizia o homem «e vae, deu-lhe lá o somno no campo e deixou-se dormir... Isto é o que ella diz. E vae se não quando, sentiu uma picada por cima do joelho, nem que fosse uma agulha em braza! Foi logo com a mão e deu com o lacrau... Ainda o vi, que ella matou-o com o tamanco... O escommungado era maior que o meu dedo!»

A rapariga, entretanto, estendida n'um sofá de vimes, torcia-se e gemia de dôr, com a cara toda molhada de lagrimas e de suores frios.

«Mas é preciso fazer alguma coisa a esta creança,» disse a Leonor, que levantara a saia da pequena, não sem difficuldade porque a rapariga era selvagem, e gritava e defendia-se quando lhe queriam tocar.

«Saberá V. Ex.^a que, quando dei com ella e a levei para casa, já não se tinha de pé,» continuava o pae. «E a inchação tem ido sempre a mais. As vizinhas fizeram-lhe já umas poucas de mézinhas: elle foi azeite quente e fumo de alecrim, e enxundia de gallinha e lá uns cosimentos de ervas e raizes; mas a cachopa, sempre a peor. A inchação fez-lhe crescer aquella perna que parece um barril;

e tem subido, subido... Já lhe passa para cima da cintura... E dôres então, nem se fala! Ainda ella aqui, está envergonhada, mas lá em casa berava, que se ouvia desde o cimo do oiteiro...»

«Está bom, está bom... Pegue na sua filha. Vamos deital-a n'uma cama bôa e fresca, tirar-lhe esta roupa toda que a aperta e a incommoda...»

O João Abobora approximou-se da filha, emquanto a Leonor entrava para casa e abria a porta do quarto de hospedes, onde estava uma cama já feita.

Mas a rapariga não queria que lhe tocassem; desatou a gritar como se intentassem matal-a.

«Largue-me! Largue-me! Ai, a minha rica perna! Ai, que eu morro! Ai, minha mãe!...»

O pae hesitava, olhava para a pequena e coçava a cabeça, perplexo, emquanto duas lagrimas lhe bailavam nos olhos.

«Como o outro, sr. Carvalho...» balbuciou elle «É talvez melhor eu tornar a levar a cachopa. Está estranha... Este mal ninguem lh'o tira senão o tempo; eu bem sei, que tambem já fui mordido...»

«Você parece-me ainda mais creança do que a sua filha.» respondeu o sr. Carvalho «Ande, anime-se! Não vê que é para bem d'ella? A picada do lacrau pôde ser mais seria n'uma creança do que n'um homem.»

A Mariasinha e a Violante queriam chegar-se

á doente; mas esta apenas as via, gritava mais ainda, enrodilhava-se toda nos farrapos e escondia a cara.

Por fim o pae lá lhe pegou á força e levou-a para o quarto de hospedes, onde a Leonor abrira a cama, estendendo sobre ella uma camisa de dormir da Mariasinha.

Tiveram de sahir todos do quarto, menos o João Abobora e a Leonor, para que a rapariga consentisse que lhe tocassem; e durante o tempo que a Leonor levou a despil-a e a deital-a, os gritos da infeliz eram tão fortes e agudos que se ouviam pela casa toda.

A Violante e a Mariasinha tinham ido com o sr. Carvalho ao escriptorio; ahi, defronte do armario onde elle guardava a sua pharmacia caseira, ajudavam-n'o a tirar de lá as coisas precisas: uma bacia de ferro esmaltado, um pacote de algodão hydrophilo, uma garrafa de agua destillada, um frasco...»

«A Josepha vae morrer, meu pae?» perguntou a Mariasinha com a voz tremula.

«Imagino que não. O veneno do lacrau não costuma ser mortal. Já por varias vezes, tenho visto trabalhadores mordidos; soffrem muito durante vinte e quatro horas, mas depois aquillo passa. Estou convencido de que succederá o mesmo com a Josepha.»

«Faz-me tanta pena pensar que a denunciiei!

Um peso tão grande no coração! Até me parece que ella olha para mim com medo...»

«Que ideas!» exclamou a Violante que estava tão impressionada como a amiga, mas que se queria fazer forte para a animar. «Ella olha assim para todos, coitada! Não pensa senão nas suas dores...»

Os preparativos do sr. Carvalho estavam terminados.

Acompanhado pelas duas pequenas que o ajudavam a levar todos aquelles petrechos, sahiu do escriptorio e dirigiu-se ao quarto de hospedes de onde partiam os gritos da Josepha.

No corredor encontraram o pobre pae encostado á porta e lavado em lagrimas.

«Então, João! O que é isso? Coragem, homem!»

«Ah! sr. Carvalho!» respondeu o desgraçado «É que para mim, tudo que é mau se chega! De seis filhos que tinha, só me ficou esta... uns levados pela doença, outros por desastres... A mulher entrevada sem me poder ajudar... E eu comido de sezões vae em trez annos, quasi sem poder ganhar senão de tarde em tarde... O lacrau nunca matou ninguem... mas a mim tudo que é mau se chega... e nem me admiro se me levar a cachopa... O que quer, sr. Carvalho?... a Josepha... é um escaravelhosito negro que não presta para nada... mas assim mesmo lhe tenho amisade...»

«Então!... Não seja creança! Deixe-me passar, ande! Amanhã a Josepha está ahi sã como um pero!»

E o sr. Carvalho entrou no quarto com a Violante, enquanto a Mariasinha, depois de hesitar um momento se atirou ao pescoço do João Abobora e desatou a chorar com elle, nem que a Josepha fosse sua irmã.

CAPITULO XIV

Educação da Josepha. — Diferença entre o homem e a louva-a-Deus.

Ao serão, estavam todos reunidos em volta da meza, na sala.

A inchação da Josepha, que era terrível quando se principiara a fazer a applicação de compressas de uma solução amoniacal, passando já para cima da cintura da pobre rapariga e chegando-lhe ás costellas, acabara por parar, e agora parecia querer diminuir.

As dôres tambem tinham cedido mais; e a Josepha deixara de gritar.

O sr. Carvalho dera-lhe um calmante que a tinha socegado muito; e n'aquelle momento estava dormindo.

Ao anoitecer o João Abobora partira para dar á pobre entrevada, melhores noticias da filha; e deixara-a em paz, já convencido de que ella lhe não morria.

Pelo seu lado, a Josepha perdera aquelle medo *dos senhores*; ao ver-se tão bem tratada e rodeada de carinhos como nunca tivera na sua vida, ia tomando confiança, já falava, queixava-se, pedia qualquer coisa.

Ao vel-a mais socegada, a Mariasinha aproveitara um momento em que estavam sós as duas, para lhe pedir perdão.

Mas a Josepha não a entendeu.

Disse logo muito depressa que não roubara feijão nenhum.

E por mais que a Mariasinha lhe pedisse para não mentir, nunca sahiu d'alli; que não roubara, que não era ladra.

E tratava de mudar de conversa, fazia-se muito amiga da Mariasinha, pedindo-lhe brinquedos e guloseimas...

Ao serão a Mariasinha contou tudo isto.

A Leonor respondeu:

«É que a Josepha é muito differente de ti, minha filha. Não sente as coisas do mesmo modo. É um animalsinho bravio, selvagem. O que se passou com ella não a feriu, não a envergonhou, não a fez soffrer. Não se arrependeu porque nem chegou a sentir que a sua acção era má. Muitas vezes as creanças como a Josepha, sem instrucção nem educação de especie alguma, vão crescendo e vão-se desenvolvendo, sempre na mesma ignorancia; e quando chegam a ser grandes, podem-se tornar

em ladrões e em assassinos, sem terem realmente a responsabilidade do mal que fazem. O que é preciso, é que todos aquelles que teem alguma educação e a felicidade de comprehenderem o bem e o mal, ensinem o que sabem ás pobres creanças como a Josepha, em logar de as castigar mais tarde por crimes que um pouco de caridade e de paciencia podiam ter evitado!...»

A Mariasinha e a Violante ouviam a Leonor apaixonadamente.

Nos seus corações que uma educação modelar e excellentes exémplos e lições, tornavam bons e sensiveis, nascia o grande desejo de salvarem a Josepha, de lhe ensinarem o verdadeiro caminho que a pobresinha ignorava.

Falou-se muito tempo da Josepha e fizeram-se varios projectos de futuro, promettendo o sr. Carvalho que havia de ver se conseguia metter a rapariguinha n'um bom asylo que havia na villa alli proximo, e onde aprenderia a lêr e a escrever, e a sentir no seu coração de gazella assustadiça e brava, qualquer coisa de mais meigo e dôce, onde alvorecesse a noção do bem...

Na tarde seguinte, já a Josepha não tinha dôres; e a inchação desaparecera quasi por completo.

Passou o resto d'esse dia brincando com a Mariasinha e com a Violante, enquanto a Leonor, ajudada pelas criadas, talhava e cosia um enxo-

valsito para a pobre pequena, feito de fazendas que mandara comprar de manhã na villa.

Eram seis camisas, tres saias de baixo, dois coletes, tres vestidos, dois lenços para a cabeça. . .

A Josepha, ao ver aquellas maravilhas que se estavam preparando, ella que nunca se vestira senão de farrapos, bemdizia de si para si o mordedura do lacrau.

Cada vez que a Leonor a chamava para lhe provar um vestido, a rapariga remirava-se toda e achava-se igual a uma princeza.

Na segunda manhã, como a pequena estivesse já bôa, a Leonor deu-lhe um grande banho, lavou-lhe a cabeça que mettia medo tal era a porcaria em que estava, cortou-lhe o cabello, penteou-a.

E com muita doçura e muito geito, ia-a ensinando, ia-lhe dizendo coisas que a pobre Josepha mal entendia porque nunca as ouvira na sua vida.

« É tão bom o asseio, minha filha! Quando a gente ao levantar-se de manhã, se lava muito bem lavada, até se sente mais feliz, mais leve, com mais coragem para trabalhar. . . »

E fazia-a assistir á *toilette* da Mariasinha e da Violante.

Conservou-a em casa uma semana inteira. Ensinou-a a varrer, a lavar roupa; a Josepha acompanhava e ajudava as criadas nas limpezas da casa, nos arranjos da cosinha e lavagem das loiças.

Chamava-a para junto de si e ia-lhe explicando coisas de costura, obrigando-a a dar alguns pontos e a auxiliá-la na obra do seu proprio enxoval.

As duas amigas mostravam á Josepha os seus livros cheios de gravuras, e explicavam-lhe as historias moraes apontando-lhe as differentes illustrações.

A Josepha era selvagem mas muito intelligente. Todos aquelles ensinamentos cahiam n'um bom terreno. Eram como sementes que levam tempo a germinar e, que, espalhadas no solo, nem se vêem durante semanas e semanas, acabando no emtanto por furar a terra com as suas folhinhas novas á medida que as raizes se desenvolvem e vão sugando as seivas da vida. . .

Quando a Josepha voltou para casa dos paes, ia outra. A mãe, entrevadinha, até chorou de alegria ao vel-a tão asseada, bem penteada e arranjada.

E d'ahi por deante, a Violante e a Mariasinha não a perderam mais de vista; iam visitá-la muitas vezes; davam-lhe lições de leitura e de costura e ajudavam-n'a quanto podiam nas limpezas da casa que agora até parecia mais nova e mais rica.

A Leonor mandava-a chamar para ella vir á quinta fazer differentes serviços, e pagava-lhe o seu trabalho.

A pequena andava por todos os quartos onde não se fechava coisa alguma.

A Leonor dizia-lhe:

«Vês como tenho confiança em ti? És uma rapariga seria. Agora que sabes e que entendes, *tenho a certeza* que não és capaz de furtar cinco reis seja a quem fôr.»

A Josepha corava de prazer; e nunca se deu pela falta do objecto mais insignificante.

«Vês, minha filha?» dizia a Leonor á Mariasinha «A maior parte da gente que pratica o mal, não o pratica por maldade, mas sim por ignorancia, por não ter quem lhe ensine o bem. A differença que nós fazemos dos animaes inferiores, é a capacidade que temos de comprehender e de nos aperfeiçoar. Por muito que nós quizessemos ensinar á louva-a-Deus a ser boa e generosa, nunca o conseguiríamos; falta-lhe a consciencia. Mas os seres humanos, bem dirigidos desde pequenos, aprendem a bondade, como a Josepha.»

A Mariasinha e a Violante escutavam a Leonor com devoção.

Era tão bom ouvil-a falar, ouvil-a dizer tão docemente as coisas justas e bôas!

CAPITULO XV

As ruínas da Miss Mac Duff.—Um monstro.

Agora que estava passada a commoção da aventura da Josepha, e que a vida da casa retomara a sua regularidade de sempre, as pequenas um momento esquecidas do seu enthusiasmo pelos insectos, voltavam a elle com um novo ardor.

« Quando é que nós vamos visitar a Miss Mac Duff? » perguntou a Violante uma vez ao serão.

« Quando vocês quizerem, » respondeu o sr. Carvalho. « Eu estava á espera que socegassem, que a Josepha voltasse para a sua casa, e que tudo entrasse aqui nos seus eixos. »

« Então vamos amanhã, sim? » propoz a Mariasinha. « Estou com tanto empenho de ver um lacrau! O bicho que mordeu a Josepha e que a fez soffrer tanto! »

« Eu tambem gostava tanto de ver! » acrescentou a Violante.

E no dia seguinte, depois do jantar, partiu a familia pelo pinhal fóra, armados todos dos seus bordõesinhos de passeantes, caminho da quinta das Rosas, a propriedade alugada pela ingleza, a uma meia legua da casa do sr. Carvalho.

A tarde estava linda; e era uma fortuna terem de seguir a estrada do pinhal sempre assombreada, porque o sol conservava-se ainda muito quente e brilhante.

A quinta que a ingleza habitava era um antigo solar quasi arruinado.

A hera trepava por toda a parte, cobria todas as paredes.

Em volta da habitação havia outras construcções que d'antes eram accommodações agricolas: curraes, abegoarias, cavallariças, arrecadações. Mas agora tudo isso se encontrava deserto, vazio, abandonado.

Os muros cahiam aos bocados, todos rachados, gretados, cobertos de musgos; os tectos abatidos, accumulavam no interior, montões de caliça, madeiras carcomidas, pedregulhos, telhas e tijolos quebrados.

As silvas cresciam por toda a parte, vigorosas e bravias, abrigando covis de ratazanas, de lagartos, de cobras, de toda a qualidade de insectos.

O jardim mettia dó, com o seu buxo desgrenhado que invadia os caminhos, e os seus cantei-

ros cheios de erva e de cactos e piteiras, nascidos por alli ao acaso.

O repuxo do tanque, partido, cahira para o lado e enferrujava-se dentro da agua esverdeada onde se criavam horrorosas salamandras.

A Miss Mac Duff não se importava. Até gostava d'aquellas ruinas; achava-as poeticas. Passava tardes inteiras sentada nos cantos mais desolados, deante do seu cavalete, a fazer aguarellas d'aquellas devastações.

«É lindo! É pittoresco!» dizia ella com enthusiasmo. «Farta de jardins bem tratados e de quintas modelos, estou eu na minha terra. Isto é que é novo para mim e encantador!»

A casa de habitação por dentro estava muito bem arranjada e confortavel. O resto... era assim mesmo que ella o queria, e pagava um dinheirão de aluguel com a condição de que ninguem mexesse nas ruinas.

Quando os visitantes chegaram ao grande pateo de entrada, silencioso e deserto, coberto de erva e inundado de sol, logo lhes deu na vista uma especie de gaiola envidraçada de pouco mais de um metro de comprido, que se erguia no meio do largo, como uma meza, sobre uns pés altos, feitos de quatro barrotes.

«Alli está a jaula das feras,» disse o sr. Carvalho.

Mas as pequenas não tiveram tempo de se approximar.

No alto da escadaria que dava entrada ao solar, lá no fundo do pateo, appareceu a ingleza, toda risonha, mostrando a longa dentuça côr de marfim, e agitando os braços compridos e magros em signal de regosijo e de boas-vindas.

« Ah!... Até que emfim vieram! Ainda bem! Ainda bem! Tenho-os esperado todas as tardes. »

E distribuia *shake-hands* para a direita e para a esquerda com tanta força, que o seu cabello curto e ondeado, estremecia todo e levantava-se-lhe dos dois lados da cabeça como as azas de uma pomba branca.

Estava toda vestida de verde, com uma saia muito estreita e curta, botas altas e jaquetão, colete e colarinho como um homem.

« Nós sabemos que a Miss Mac Duff é sempre tão amavel!... » respondeu a Leonor. « Se não fosse tão longe e não fizesse tanto calor, havíamos de vir mais vezes. »

« É porque são corajosos. Mais nenhum visinho me visita e a gente do campo foge de mim e diz que sou feiticeira! »

E a Miss Mac Duff escancarava n'um riso silencioso a bocca de beiços delgados, e franzia os olhinhos claros por detraz dos oculos redondos.

« Ninguém entende o meu amor pelos bichos perigosos; » continuava ella « e eu gosto de me rodear d'elles. Olhe, alli é o meu viveiro de lacraus e lá no jardim tenho outro, de viboras.

Quando a criação nova está já crescida, dou-lhe a liberdade e os bichos espalham-se por ahi por essas ruínas, por esses canteiros abandonados, e fervilham em volta de mim. É bom saber que pululam por toda a parte onde passo... É bom o estremecimento do perigo... A vida tem mais valor e sabe melhor quando sentimos que está presa por um fio... Gosto de saber quando vou andando por ahi, sósinha, que entre as pedras velhas, as silvas e os cactos, se escondem ás centenas os olhinhos pretos e espertos das viboras e a unha recurvada e venenosa dos lacraus...»

As pequenas fitavam a ingleza com admiração e pavor. Achavam-n'a parecida com uma domadora de feras e julgavam ver-lhe passar nos olhos verdes, lampejos diabolicos.

A Violante chegou-se para a Leonor e agarrou-lhe na mão, aconchegando-se-lhe contra as saias.

«E tem muitos lacraus este anno, Miss Mac Duff?» perguntou o sr. Carvalho. «Confesso-lhe que trago aqui duas curiosas que estão morrendo por ver as suas feras.»

A ingleza voltou-se para as pequenas e acariciou-as ao de leve nas bochechas com os dedos ossudos e delgados, frios de neve.

«Um viveiro esplendido!» exclamou ella. «Vão ficar satisfeitas.»

E ia já encaminhar-se para a jaula, quando mudou de idéa.

«Mas vocês devem estar fatigados, cheios de calor...» disse ella. «Entrem um momento para descansar e tomar algum refresco.»

Todos responderam que não estavam fatigados, e que preferiam ver immediatamente os lacraus.

E então ella conduziu-os junto da grande gaiola envidraçada.

As pequenas approximaram-se com um certo receio.

Ambas se lembravam com pavor do soffrimento da pobre Josepha.

«Não ha perigo, não ha perigo...» repetia a ingleza reparando nas suas caras enfiadas. «Elles não fazem mal; estão presos.»

Agora encontravam-se ao lado da jaula, e as pequenas mergulhavam no interior o olhar avido.

Ao principio não viram coisa alguma.

O solo estava coberto de terra secca e pedregosa, sobre a qual se erguiam, formando pequenas grutas, uns poucos de cacos de vasos quebrados.

Depois, de repente, a Violante deu um grito de surpresa:

«Olha! Olha! Lá está um! Como é feio e exquisito!»

Com effeito era um bicho horroroso que ella apontava. Mettia medo.

Parecia-se vagamente com uma lagosta, mas não tinha mais de uns nove centímetros de comprimento.

A sua côr fazia lembrar o ambar. Os dois braços da frente, grossos, fortissimos e curvos, terminavam n'uma pinça. Não se lhe via a cabeça. A bocca apparecia-lhe logo no principio do thorax, armada de fortes mandibulas.

O corpo cobria-se de placas como se estivesse revestido das diferentes peças de uma armadura antiga, e o abdomen prolongava-se-lhe com um rabo, erguendo-se um pouco e curvando-se para a frente, terminado por uma unha revirada e aguda.



Fig. 5 — Lacrau

Este abdomen parecia feito de fragmentos, collados uns aos outros, toscos, esquinados.

Todo o animal tinha o quer que fosse de planta rara, da familia dos cactos, rugosa, rude, agreste, agressiva, maldosa. Era um monstro.

A Violante pensava com um arrepio de medo, que se as dimensões do lacrau fossem as de um homem, a sua vista bastaria para a matar de pavor.

CAPITULO XVI

Tres familias interessantes.—A Mariasinha e a Violante vêem novas maravilhas.

«Tenho aqui varias familias» dizia a Miss Mac Duff, encantada ao ver a attenção e o interesse com que os visitantes contemplavam os seus favoritos. «Posso-lhes mostrar uma ninhada de quinze dias, outra de oito, e finalmente uma que nasceu hoje mesmo e que ainda está sahindo dos ovos.»

E, no seu enthusiasmo, dava palmadinhas amigaveis nos hombros do sr. Carvalho e da Leonor.

«Seus felizardos!» exclamava ella «Isto é que é ter sorte! Uma ninhada de hoje! nêem todos vêem uma coisa d'estas!»

A Leonor e o marido sorriam; e as pequenas, agora já menos nervosas e habituando-se ao aspecto da gaiola e dos lacraus, observavam-n'os curiosamente.

«Aquelle tem as costas cobertas de um manto branco.» disse a Mariasinha.

«São os filhos.» respondeu a Miss Mac Duff com grande espanto das creanças.

E tirando do bolso um pequeno pincel, levantou a tampa da jaula e principiou a varrer com geito as costas do bicho.

A Violante e a Mariasinha estavam aterradas, porque o lacrau, apenas sentiu que lhe tocavam, principiou a erguer ainda mais o rabo, na ponta do qual brandia a sua terrível arma de combate, e a agitar os braços como um jogador de *box* que se prepara para lutar.

«Não se assustem;» disse a ingleza «o cabo do pincel é comprido e a fera não me póde alcançar.»

Á medida que ella varria, os espectadores viam que effectivamente aquelle revestimento do animal era composto por uma agglomeração de lacrausinhos, já com a forma dos adultos, mas todos brancos ainda e entorpecidos pela sua pouca idade.

Cahiam dos dois lados da mãe e moviam-se lentamente em volta do throno de onde os tinham desalojado, um pouco tontos e desorientados.

E então ella, com os seus formidaveis braços, varria a areia em torno de si, juntando os pequeninos; e depois ficava quieta, enquanto os lacrausinhos tornavam a trepar para cima d'ella, servin-

do-se como de escadas, dos longos braços maternos.

As pequenas estavam divertidíssimas.

«Agora aquella!» disse a Mariasinha apontando um outro habitante da jaula, que parecia estar occupado a comer umas coisitas brancas e pequeninas.

«Aquella, não, coitada!» acudiu a Miss Mac Duff «Aquella está fazendo um trabalho muito difficil e sagrado; não devemos assustal-a.»

E a ingleza explicava:

Era uma femea que tinha posto os seus ovos n'aquella manhã e estava tratando de os quebrar, de os rasgar com as mandibulas, com um geito e cuidado infinitos.

E as pequenas, olhando com attenção, viram que aquella mãe tão feia e que parecia tão desageitada, empregava todos os seus esforços em esbrugar uns grãosinhos brancos do tamanho de bagos de arroz.

Á medida que rasgava com as mandibulas a pellicula tão delicada, surgiam os lacrausinhos perfeitos, que lá estavam dentro todos encolhidos, com o abdomen dobrado sobre o thorax, e os membros todos apertados contra o corpo.

E logo se desenrolavam, se estendiam; principiavam a mexer-se e em breve subiam pelos braços da mãe e installavam-se-lhe nas costas.

«Como é ratão!» exclamou a Violante «Então

estes ovos não levam tempo nenhum a chocar? Apenas são postos, a mãe quebra-os logo e os animaesinhos já lá estão dentro perfeitos?»

E a Violante olhava para o sr. Carvalho perplexa como quem espera a confirmação de uma verdade difficil de acreditar.

Este sorriu.

«Tens razão.» disse elle «Estás pensando nos ovos da louva-a-Deus que levam nove mezes a chocar e que afinal ainda dão as larvas... e nos ovos da cigarra que só depois de tres mezes se abrem para dar sahida ás larvas... As larvas, sempre as larvas que vivem tanto tempo antes de se transformarem no insecto perfeito! E agora assistes a esta coisa extraordinaria: um insecto que põe os ovos e immediatamente os abre para de lá extrahir os filhos já com a sua forma definitiva! É isto o que te espanta, não é verdade, Violante?»

«Pois é...» respondeu a pequena «E ainda outra coisa, sr. Carvalho; é que este bicho pensa nos filhos, gosta d'elles, toma cuidado n'elles como uma cadella ou uma gata, enquanto os outros insectos que eu tenho visto...»

«Não se importam para nada com a sua progeneritura.» concluiu o sr. Carvalho «Tens razão. Mas deixa-me dizer-te... O lacrau, na linguagem da sciencia, não é um insecto.»

«Não é um insecto?!» exclamou a Violante, pasmada «Então o que é?»

«Pertence a uma outra classe. Tu bem vês: todos os insectos teem, como sabes cabeça, thorax e abdomen, seis patas, duas antennas, e quasi sempre dois pares de azas. Além d'isso, põem ovos, de onde sahem as larvas, que se transformam em chrysalidas, para depois apparecer o insecto perfeito. Ora pensa bem... Não é isto que succede com a cigarra, com a louva-a-Deus com o gafanhoto, com o pelopeu, com o bicho da seda, com a abelha?...»

A Violante ia ouvindo tudo isto e acenava com a cabeça affirmativamente; não tirava os olhos dos lacraus.

«Agora repara n'estes» continuou o sr. Carvalho «Repara bem... A cabeça e o thorax formam uma peça só, teem quatro pares de patas, estes braços que nunca viste nos insectos e que talvez estejam no logar das antennas, mas que em todo o caso se não parecem com ellas; e emquanto ao modo como teem os filhos, estás vendo quanto é differente...»

A Mariasinha perguntou:

«Mas então... se não são insectos, o que são?»

«Teem um nome muito arrevezado» disse o sr. Carvalho, sorrindo. «São *arachnideos*. As aranhas tambem não são insectos; são arachnideos como os lacraus.»

As pequenas não cabiam em si de espanto;

então as aranhas não eram insectos?! Mas a Miss Mac Duff cortou esta conversa, chamando a atenção dos visitantes para uma terceira femea coberta de filhos.

Esses já tinham quinze dias. Estavam quasi a desembaraçar-se da protecção da mãe e a procurar vida sósinhos.

«Oh! como são lindos!» exclamaram as pequenas.

Eram maiores do que os outros; tinham quasi um centimetro e meio de comprimento; a barriga e o rabo ligeiramente rosados; os braços pareciam de ambar translucido.

E como se mexiam bem! E como tinham um arsinho esperto e decidido!

«O que é aquillo branco nas costas da mãe, alli perto do principio das patas?» perguntou a Violante. «Parece uma franja. É por alli que elles trepam para cima d'ella... E com que ligeireza!»

«Aquillo é a pelle que elles largaram ha alguns dias e que ficou alli presa» explicou a Miss Mac Duff. «Uma semana depois de nascerem, põem-se de repente muito quietinhos, muito quietinhos... E depois a pelle começa a estalar-lhes pelo corpo todo, e então elles sahem lá de dentro muito mais perfeitos e desembaraçados. E o que é extraordinario é como crescem depressa, apenas se veem livres d'aquella tunica...»

« O que é que elles comem enquanto são assim pequenos ? »

« Nada, minhas meninas, nada... » disse a ingleza.

« Nada ? ».

« Enquanto estão com as mães, nada. Crescem, mudam de pelle, fazem-se assim fortes e bonitos e... não comem nada. »

« A mãe não lhes dá de comer ? coitados ! »

« A mãe agora, n'esta altura, já pouco se importa com elles. E se os pequeninos se chegam para a sua bocarra quando ella está devorando alguma presa, se não tomam cuidado, são engulidos por ella... Mas, não tenham dó d'elles. São uns jejuadores de primeira força, os lacraus ! Experimentei de uma vez até que ponto poderia ir a sua capacidade de abstinencia. Conservei uns poucos n'uma gaiola privados de alimentação. Manti-veram-se esportos, vigorosos, activos como se nada fosse com elles, e só no fim de nove mezes morreram. »

« Nove mezes sem comer !... » exclamaram as pequenas.

Parecia-lhes impossivel ; e olhavam ainda com mais pavor para aquelles bichos perigosos e tão differentes em tudo dos outros que ellas conheciam.

« Quaes são os maridos ? Onde estão ? » perguntou a Violante que achava os lacraus grandes da gaiola todos eguaes.

« Os maridos ? » repetiu a ingleza levantando as sobrancelhas e abrindo muito os olhos. « Os maridos foram comidos pelas noivas, logo depois do casamento ! »

« Como os maridos das louva-a-Deus ! » exclamaram as pequenas.

« Não digo todos » continuou a Miss Mac Duff. « Mas quasi todos. Se não se escapam a tempo. . . são devorados. »

A Mariasinha e a Violante estavam encantadas com tudo que viam e ouviam.

Aquillo ainda lhes parecia mais curioso e divertido do que os outros bichos que tinham observado com o sr. Carvalho.

« Bom. Agora é preciso que venham descansar » declarou a dona da casa. « Depois vou dar um espectáculo a estas meninas. . . »

E todos subiram com ella a escadaria do solar.

CAPITULO XVII

Um palacio encantado.—O circulo de fogo.

A Miss Mac Duff offereceu ás suas visitas, uma merenda deliciosa.

Por dentro, a casa tinha um aspecto bem diferente da ruina exterior.

Moveis de luxo, tapeçarias, quadros e gravuras, tapetes onde os pés se enterravam, criados de libré servindo o chá aromatico e os bôlos e os doces inglezes em porcelanas finas e pratas antigas, um grande piano de cauda onde a Miss Mac Duff tocou tão bem como Santa Cecilia. . .

A Violante e a Mariasinha viam tudo isto com espanto e respeito. Depois das ruinas e da desolação lá de fóra, parecia-lhes que se encontravam n'um palacio encantado ou que estavam sonhando.

A Miss Mac Duff falava de tudo, sabia de tudo. Tinha uma conversa natural, agradável, cheia de graça.

Mostrou o seu museu (como ella dizia, rindo) ás pequenas.

Era uma caixa de vidro onde tinha uma grande quantidade de lacraus embalsamados por ella em varias posições, e tão bem preparados e conservados que pareciam vivos.

«O que estão fazendo estes?» perguntou a Violante apontando para dois lacraus que, virados um para o outro e com as pinças unidas como se estivessem de mãos dadas, tinham as caudas reviradas para cima, tocando uma na outra.

«Estão-se namorando,» respondeu a ingleza.

A pequena poz-se a rir imaginando que a Miss Mac Duff caçoava com ella.

Mas viu-a muito seria.

«Estão-se namorando,» repetiu a dona da casa. «É muito curioso. Olhe, vê este, mais pequeno e delgado? É o macho; o outro, gordo e grande é a femea. O macho encontra a femea e agarra-a com as suas pinças. Repare... entala as pinças d'ella entre as suas como entre dois dedos. As caudas reviram-se, as horriveis caudas, armadas do punhal envenenado, e encostam-se uma á outra com pancadinhas e caricias de ternura. Os braços ora se estendem para deante, ora se afastam para os lados; e n'esta ultima posição, as duas bocarras tão feias, acham-se unidas, e os dois monstros, muito amigos, dão-se beijos, positivamente...»

As pequenas e a Leonor riam.

Mas o sr. Carvalho que ouvia com interesse a descrição da Miss Mac Duff, exclamou :



Fig. 6 — *Lacraus*; macho e femca

« É assim tal qual! Já uma vez vi esta scena alli fóra na jaula. É extraordinario! »

« E depois ? » perguntou a Mariasinha.

« Depois » continuou a ingleza « principia um passeio interminavel, o macho segurando sempre com as suas, as pinças da femea, e recuando, puxando por ella. De vez em quando param e ficam em contemplação um defronte do outro. E isto dura horas; por vezes, mais de um dia. Finalmente casam; e logo a seguir, se o macho não foge a toda a pressa, a femea devora-o. »

As pequenas faziam perguntas sobre perguntas. Achavam aquella historia tão ratona, que se não fosse verem a cara séria do sr. Carvalho, nem sequer acreditariam no que a ingleza lhes contava.

« Será verdade, Miss Mac Duff, » disse a Leonor « que um lacrau mettido n'um circulo de fogo, se desespera e acaba por se suicidar? É uma crença do povo e que tenho ouvido repetir tantas vezes! »

« Não é verdade. Mas o povo tem razão até um certo ponto. Eu prometti um espectáculo a estas meninas... Ora o espectáculo vae ser justamente essa experiencia... »

Sahiram novamente para o pateo; e a ingleza mandou um criado buscar uma porção de brazas que dispoz em circulo sobre uma grande lage.

Depois, tirando da algibeira uma pinça comprida, aproximou-se da jaula e levantou-lhe a tampa.

A Violante e a Mariasinha estavam contentis-



E quando ella agarrou com a pinça n'um lacrau dos maiores
do seu viveiro e o collocou no meio do circulo de fogo . . . (Pag. 162)

simas. Havia muito tempo que não se divertiam tanto.

Seguiam com uma curiosidade apaixonada todos os movimentos da Miss Mac Duff. E não só com curiosidade, como também com uma especie de terror que lhes fazia correr pelas costas uns calafrios de anciedade.

O sr. Carvalho e a Leonor não estavam menos interessados do que as pequenas.

O sol tinha desaparecido, e no poente espalhavam-se umas nuvens de trovoada côr de enxofre, dando ao crepusculo que principiava, um tom livido, espalhando-se pelas ruinas, tornando-as mais desoladas e assustadoras.

A ingleza, com o seu fato verde, a sua cabeça branca, a sua cara comprida e pallida, tinha um aspecto de ser phantastico, de creatura do outro mundo.

E quando ella agarrou com a pinça n'um lacrau dos maiores do seu viveiro e o collocou no meio do circulo de fogo, a claridade rubra das brazas reflectindo-se-lhe nos olhos exquisitos e na bocca delgada que sorria, as pequenas não puderam deixar de a comparar de si para si, com uma feiticeira. . .

O lacrau, apenas sentiu o calor das brazas, quiz fugir; mas esbarrou no fogo. Queimou-se; recuando de um salto, foi dar do outro lado, na barreira inflammada.

O animal perdeu a cabeça. Pulava, corria de um lado para o outro, n'uma agonia, n'um desespero; torcia-se todo; as queimaduras multiplicavam-se causavam-lhe dôres que o convulsionavam.

Ora erguia a cauda curvando-a para a frente como o topo de um baculo, ora a estendia batendo com ella a lage, ora fustigava o ar com a sua arma que de nada lhe servia agora em frente d'aquelle invencível inimigo, o fogo.

As pequenas seguiam a scena, excitadissimas, acompanhavam com o olhar todos os movimentos desordenados do animal, davam gritos de espanto e de medo a cada uma das suas cabriolas de dôr.

« Parece effectivamente que deseja suicidar-se » disse a Leonor. « Olhe como revira a cauda tentando ferir-se com o seu punhal envenenado ! »

Na ponta da unha curva e aguda que lhe terminava o rabo, via-se á claridade vermelha das brazas, uma gotta de veneno.

No meio da solidão do pateo, aquella gente debruçada sobre o estranho espectáculo, fazia lembrar uma scena de bruxedo.

O crepusculo augmentava; e das ruinas coroadas de vegetação, começavam a sahir os morcegos, riscando o ceu em vôos rapidos e silenciosos.

Do alto de uma chaminé meia derrocada, ouvia-se o piar triste e forte de um mocho...

« Prompto! » exclamou de repente o sr. Carvalho. « Feriu-se com certeza... Está morto! »

O lacrau, depois de uma ultima convulsão, estendera a cauda pela lage, deixára cahir os grandes braços, jazia immovel, como privado de vida.

Mas a Miss Mac Duff sorria.

Mandara trazer uma lanterna, regara um pouco de areia ao lado da lage.

Com a pinça, pegou delicadamente no corpo inerte do animal, e collocou-o sobre a areia fresca e humida.

« O que está fazendo, Miss Mac Duff? » perguntou a Leonor.

« Preparando uma resurreição, » respondeu a ingleza.

Com effeito, depois de alguns instantes, o lacrau principiou a agitar-se; moveu as patas lentamente, ergueu a cauda, como que a querer experimentar as forças; e d'ahi a um momento, com geral assombro dos espectadores, apresentou-se vivo e esperto como se nada tivesse sido com elle.

« Já vê que não se suicida » disse a Miss Mac Duff á Leonor, enquanto agarrava novamente no animal com a pinça e o depositava na jaula. « O que faz acreditar ao povo que elle se apunhala de desespero, são as suas convulsões de dôr e de medo em frente do fogo, e depois este

desmaio que parece a morte... Mas nenhum animal é capaz de se suicidar.»

Era já tarde.

Os visitantes despediram-se da ingleza agradecendo-lhe immenso o seu amavel acolhimento, e retomaram o caminho de casa, conversando animadamente sobre os acontecimentos extraordinarios d'aquella tarde.

CAPITULO XVIII

Uma bôa surpresa. — Jornada do Pedro.

Uma hora depois, encontravam-se á entrada da quinta.

O sr. Carvalho ia abrir o portão, quando ouviu o tropel de uma correria pela rua acima do jardim, e um grito de alegria rasgou o silencio da noite.

«Tio Jorge! Tia Leonor!»

Appareceu um vulto por de traz da grade de ferro, um braço puxou com força o batente do portão, e um rapaz alto e magro cujas feições se não distinguiam no escuro, precipitou-se como um doido, abraçando-os a todos n'um impeto de entusiasmo.

«O Pedro!»

«O maluco do Pedro!»

«A estas horas?»

«Como vieste?»

«Porque não avisaste?»

«Como estás crescido!»

As perguntas e as exclamações choviam sobre o rapaz que não sabia para que lado havia de se voltar, nem a quem devia responder.

A Violante, n'aquella confusão, fôra tambem abraçada; mas não conhecia o Pedro, nunca o tinha visto. E agora calava-se, encolhia-se, envergonhada, caminhando de vagar, atraz de todos pela rua abaixo. . .

«Onde está a Violante?» perguntou a Leonor que pensava em todos e em tudo.

E voltando-se, viu a pequena.

«Então o que é isso?» continuou ella «Anda aqui para junto de nós. Estás envergonhada, minha tonta?»

A Violante apressou o passo, contente de ver que a Leonor a não esquecia; aproximou-se da bôa senhora que lhe passou o braço á roda do pescoço e foi assim caminhando com ella.

«É que eu não o conheço. . .» explicou a pequena baixinho.

Mas o Pedro ouviu.

«Isso não faz mal!» disse elle com a sua voz clara e alegre «Faz-se conhecimento n'um instante. E eu sou bom companheiro, não é verdade Mariasinha?»

«Lá isso és.» respondeu logo a Mariasinha «E não imaginas, Violante, como elle brinca, e como é divertido.»

A Violante riu-se. Mas a vergonha não a deixou ainda falar.

Tinham chegado a casa; a ceia estava na meza.

À luz do candieiro a Violante observava o rapaz.

Teria uns treze annos; era alto e delgado, bonito, com os olhos muito pretos e o cabello escuro e encaracolado.

« Mas porque é que os teus paes nos não avisaram da tua chegada? Como é que vieste da estação até aqui! »

« Fui eu que pedi para elles não dizerem nada! » respondeu o Pedro, radiante, mostrando os dentes muito brancos e atirando-se a um prato cheio de carneiro guizado com batatas, que a Leonor acabava de pôr defronte d'elle. « Queria fazer a surpresa. E fiz! E foi bom, não é verdade? »

« Foi muito bom. » respondeu a Leonor, sorrindo « Mas como é que arranjaste para vir aqui ter desde a estação? »

« Logo, logo, apenas me apeei do comboio, fiquei assim um bocado sem saber como havia de governar a minha vida. Aquella estação é um deserto... Era quasi noite; para vir a pé, sósinho, tinha medo de me perder; e arranjar uma cavalgadura e um guia, não era coisa facil. A minha mãe não me queria deixar vir assim, sem avisar, por causa d'isso; mas eu pedi tanto! E depois o meu

pae gosta que eu me costume a ter desembaraço. Afinal lá me deram licença. Fizeram muito bem. Então não me desembaracei ? »

E o Pedro interrompeu-se para dizer :

« Sempre tenho uma fome ! »

Todos riam de o ouvir falar muito depressa, com enthusiasmo, os olhos brilhantes, a bocca cheia. . .

Pegando n'um copo d'agua, bebeu com prazer.

« Isto é que é agua fresquinha, hein, Violante ? Não é como lá em Lisboa. . . Olha, eu vou tratar-te por tu, tal qual como á Mariasinha. Não gosto de cerimoniaas ».

« É melhor » respondeu a Violante, rindo. « Agora já me não importo. . . Já não tenho vergonha ».

« Mas ainda nos não contaste como vieste da estação até aqui » disse o sr. Carvalho.

« Estava eu á porta da estação, do lado da estrada, a dar voltas ao miolo a ver se achava meio de me pôr cá em casa antes da noite, quando vejo approximar-se de mim um rapaz de manta ao hombro e varapau. . . »

« Quem era ? »

« Quem havia de ser ? O Miguel, o roupeiro das cabras. . . Pois o tio Jorge não se lembra, no anno passado, como eu era amigo d'elle, e iamos caçar grillos juntos, e eu até principiei a ensinar-lhe a ler ? »

« É verdade que sim » disse a Leonor. « Nem já me lembrava. O rapaz, depois de tu partires, ficou tão entusiasmado com as tuas lições e com o que tu lhe ensinaste, que não teve descanso, emquanto os paes o não deixaram ir á escola. Apprendeu a ler, a escrever e a contar, n'um instante; é esportissimo. E depois voltou cá para o rebanho porque os paes são pobres e elle não podia estar muito tempo sem ganhar. Mas ficou-lhe a paixão do estudo. O teu tio e eu, emprestamos-lhe de vez em quando alguns livros que elle devora. . . »

« Tudo isso elle me contou pelo caminho » tornou o Pedro. « Tinha ido ver um tio doente a uma povoação que ficava alli para os lados da estação, e voltava n'aquelle momento para a quinta. . . Levou-me ao casebre de uma gente lá sua conhecida onde me emprestaram um burro; e viemos os dois a cavallo pela charneca fóra. Se soubessem como foi divertido! »

« Ainda bem que tudo correu direito e que afinal cá estás, são e salvo » disse o sr. Carvalho. « E agora conta-me: e os exames? »

« Distincto! » respondeu logo o rapaz. « E o meu premio é vir aqui passar as ferias com os tios. E que premio! Como eu gosto d'isto! Estou tão contente! . . . »

E saboreando a sobremeza o Pedro accrescentou com enthusiasmo:

«Ai, que rica ceia, tia Leonor!... Que pena ser noite! Queria ir já por essa charneca fóra...»

«Amanhã» disse o sr. Carvalho. «Amanhã vae-se dar um passeio lindo, para festejar a chegada do Pedro.»

Levantaram-se da meza e foram para a varanda, onde fazia um fresco delicioso.

A lua ia a levantar-se e illuminava os campos.

Ainda conversaram muito; a Violante já estava á vontade com o Pedro como se o conhecesse havia muito tempo.

Ella e a Mariasinha contaram-lhe as suas aventuras com a cigarra, com a louva-a-Deus, e sobretudo com os lacraus da Miss Mac Duff.

«Que pena eu não ter chegado hontem» exclamou o rapaz. «Teria ido com vocês á quinta das Rosas!»

As horas passaram n'um instante; e todos tres cahiram das nuvens quando a Leonor declarou que era tempo de se irem deitar.

CAPITULO XIX

O passeio de barco e o jantar no sobral. — Encontro inesperado.

No dia seguinte ao almoço, o sr. Carvalho disse o passeio que projectara: iriam lá abaixo ao rio e andariam de barco; e depois subiriam a encosta e jantariam no alto do oiteiro, no principio do sobral; um jantar frio que o burro levaria em grandes cestos, nas cangalhas...

As duas pequenas e o Pedro ficaram radiantes com a noticia.

Não se calavam, faziam mil projectos, riam chilreavam...

«O que vae ser o jantar?» perguntou o Pedro.

A Leonor respondeu; ora! o que havia de ser? Croquettes frios, ovos cosidos, frangos assados... E bôlos, e dôces, e fructa...

«Que bom! Que bom!...»

Os pequenos já sentiam crescer-lhes a agua na bocca.

E como se divertiriam no rio! Haviam de remar; e trariam plantas e insectos, muitos insectos!... E apanhariam rãs...

Quasi que não davam tempo á Leonor de fazer os seus preparativos, tão impacientes estavam.

E ás duas horas, apesar do calor, lá partiam todos pela ladeira abaixo, direitos á ribeira.

Remaram, pescaram, apanharam rãs, caçaram insectos; borboletas, libelulas, bezoiros, escaraveiros; colheram nenuphares que se espalmavam sobre a agua.

E riram ás gargalhadas, e cantaram cânticos...

Chegou a hora de jantar sem darem por isso; e apesar da fome, não queriam largar o barco. A Leonor teve um trabalhão para conseguir arrancal-os d'alli, e leval-os pela encosta acima, até ao alto do oiteiro.

Quando chegaram, já lá estava o burro com o jantar.

Oh! que bello jantar, e com que appetite foi devorado!

Depois, jogaram o jogo das escondidas, no que o sr. Carvalho e a Leonor tomaram parte, rindo, correndo, e divertindo-se tal qual como os pequenos.

De uma das vezes o Pedro e a Violante, que-

rendo achar um esconderijo onde ninguem desse com elles, internaram-se mais pelo sobral.

A pouco e pouco deixaram de ouvir as vozes dos seus companheiros, e o grande silencio do campo envolveu-os como se estivessem no fim do mundo.

De repente uma campainha de cobre telintou ao longe; um telintar doce e tranquillo; depois outra, mais perto... E ainda uma terceira.

Estavam rodeados pelo rebanho das cabras.

«Olha o Miguel!» exclamou o Pedro com alegria. E mostrava á Violante o roupeiro estendido no chão, de barriga para baixo, tão occupado a ver qualquer coisa, que nem dava pela presença dos dois pequenos.

«Miguel!» gritou o Pedro.

O roupeiro virou-se bruscamente para traz; e vendo o seu amigo, teve um sorriso de alegria.

«O que estás fazendo?»

«Estava aqui a ver uma coisa...»

E todo bem criado, o Miguel desbarretava-se:

«Tenham os meninos muito boas tardes...»

Os dois pequenos approximaram-se, curiosos; e d'ahi a um instante estendiam-se no chão ao lado do Miguel e absorviam-se no espectáculo do que tanto interessava o roupeiro.

«Foi ella que fez aquella taça?» perguntou a Violante.

«Pois então quem havia de ser, menina?»

«Para que serve?»

«Para lhe pôr os ovos dentro.»

Era uma aranha grande e pançuda, coberta de veludo preto na sua face inferior, sobretudo na barriga, côr de castanha na parte superior do abdomen, e com as patas enfeitadas de aneis cinzentos e brancos. Muito feia, com os seus oito olhos, quatro maiores e quatro mais pequenos, negros e brilhantes, e as suas fortes mandibulas que pareciam as presas de um cão de guarda.

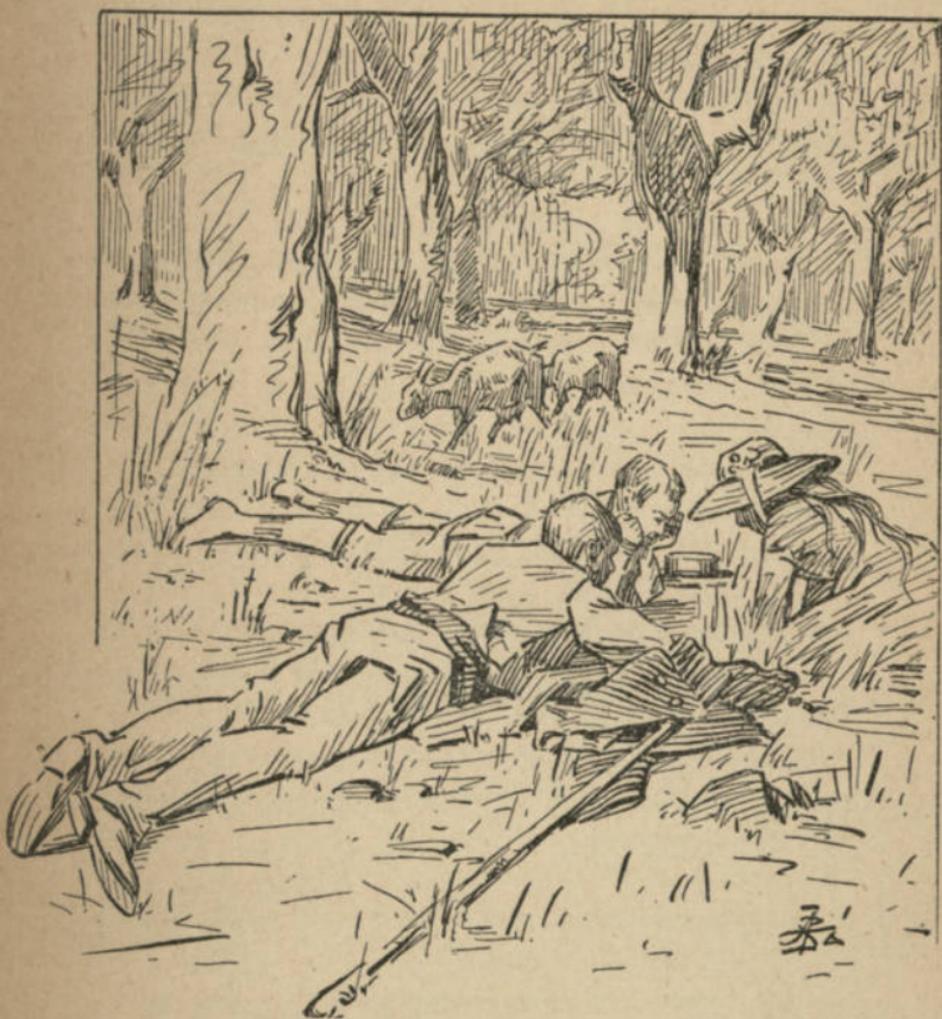
Mas que operaria, que artista de primeira ordem! E como a admiração dos pequenos crescia á medida que a viam avançar na construcção do seu ninho!

O Miguel explicava o trabalho desde o seu principio.

As aranhas da charneca!... Aquillo eram espartas e finas!...

«Nem que tivessem alma christã!...» acrescentava o rapaz contente de poder mostrar aos meninos da cidade, uma coisa maravilhosa que não conheciam e que elle, na sua vida de pastor, por montes e valles, estava tão habituado a ver.

A aranha vivia n'um buraco feito na terra, da grossura de um gargallo de garrafa. Forrava-o, pelo menos na sua parte de cima, de um tecido delicado de fios de seda onde fixava as garras das patas quando queria marinhar cá para cima,



Os dois pequenos aproximaram-se, curiosos; e d'ahi a um instante estendiam-se no chão ao lado do Miguel . . . (Pag. 175)

para se estatelar ao sol como um velho á porta da casa, ou para espreitar a caça...

Aquillo era uma caçadora! Se os meninos soubessem... Atirava-se fosse ao que fosse, mesmo a bichos maiores do que ella.

Ao redor da abertura da toca fazia um muro-sito que ás vezes chegava a ter uma polegada de altura, de pedras pequenas, cascalho miudo, tiras de ervas seccas, restos das victimas que apanhava, barro, tudo cimentado e seguro com fios de seda...

«E para que serve esse muro?» perguntaram os dois pequenos.

«Aquillo é como quem diz um forte onde ella se mette e de onde salta sobre as peças de caça que passam e lhe agradam. Põe-se alli muito quieta, encostada ao parapeito como quem está á janella; e, vae senão quando, se vê um gafanhoto, por exemplo, arma um salto, cahe-lhe em cima, ferra-lhe a dentuça na nuca, e o bicho não diz ai nem ui...»

«E depois?»

«E depois come-o.»

«E elles morrem logo?»

«É logo. Até parece impossivel... Ás vezes bichos grandes e que são mais valentes e rijos do que ella. E se não os apanha d'aquelle primeiro salto, corre atraz d'elles. E se os meninos vissem como se desembaraça a correr! Parece

que aquella grande barriga lhe não peza; eu ao principio até cuidava que era cheia de vento... E não lhe escapam. E tudo lhe serve. Até aranhas da mesma raça, Deus me perdôe... É damnada! Nem admira... se ella até come os machos...»

« Os machos! » exclamou o Pedro.

A Violante açudiu.

« É como a louva-a-Deus e o lacrau, aposto. Casa, e logo a seguir mata e devora o marido, não é verdade, Miguel? »

O rapaz poz-se a rir.

« Saberá a menina que é assim tal qual, sim senhora. Se o macho não abala depressa... era uma vez! »

As tres cabeças inclinaram-se novamente sobre o trabalho da aranha.

« O Miguel falou da dentuça da aranha, » disse a Violante depois de um silencio. « Então a aranha tem dentes? »

« Isto é assim uma maneira de falar, menina. Não são dentes; é assim uma coisa como uma torquez, mas de pontas afiadas como agulhas. Ora repare... »

E o rapaz abriu a navalha, tocou na bocca da aranha que logo abriu as mandibulas aguçadas e rijas, mordendo na lamina com um ranger de metal.

« Isso é que é força! » observou o Pedro, admirado.

« É com esta ferramenta que ella mata a caça e que fura o chão para abrir os covis. Já a tenho visto, quando ella anda a minar, vir cá fóra acarretar a terra que vae cavando. Tral-a agarrada na tal torquez, aos pedacitos. »

« Como é que ella principiou a fazer esta tijela? » perguntou a Violante que não tirava os olhos da aranha.

« Foi assim... » respondeu o Miguel.

E foi contando tudo do seu principio.

A aranha começa por tecer uma especie de rede, rente á terra, e que lhe serve de tapete.

Lá estava a rede... Pois os meninos não a viam, alli no chão, debaixo da tijela? Tinha o tamanho da palma da mão.

D'ahi, no meio, urdia uma toalha redonda, de malha mais apertada... lá estava ella, branca e pouco mais pequena do que uma moeda de cinco tostões.

Da ponta da barriga é que lhe sahia o fio de seda que parecia não ter fim, com que ella fazia aquillo tudo.

E ia dando volta com a barriga, sempre em redor, ora para cima, ora para baixo... E o tecido ficava apertado e rijo que era um regalo... E a tijela crescia e formava-se.

« Como é linda, a tijela! » exclamou a Violante. « Tão branquinha, tão lisa! Parece de setim! Um bicho tão feio e fazer assim uma coisa tão perfeita e tão bonita! »

« Olha, agora parou, » disse o Pedro. « Estará com medo de nós? »

« Não senhor, » respondeu o Miguel. « Ella não se importa. Contanto que não lhe toquem, a gente póde olhar á vontade, que não a estorva. Parou porque vae pôr os ovos. »

O Pedro e a Violante debruçaram-se mais ainda, calados, attentos, para verem bem tudo.

A aranha pôz os ovos todos de uma vez.

Como aquillo era exquisito! Sahiram-lhe de um jacto, pela extremidade do abdomen e encheram a tijela, formando uma esphera que sahia para fóra da cavidade.

Eram gelatinosos, de um amarello pallido.

E a aranha, coitada, nem descançou.

Logo a seguir, recomeçou o seu trabalho de tecedeira.

Voltava-se; e o abdomen ora abaixo ora acima; e a tijela deixava a pouco e pouco de ser tijela e tomava a forma de um globo, encerrando os ovos. . . .

CAPITULO XX

O globo de seda onde se abrigam centenas de vidas.—O sol, chocador de ovos.

« Pedro! Violante! »

Estes dois gritos vindos de longe, fizeram estremecer os dois pequenos, immoveis na sua contemplação e esquecidos do resto do mundo.

Era o sr. Carvalho que os chamava, aproximando-se entre as sombras da matta, acompanhado pela Leonor e pela Mariasinha.

« Oh! tio Jorge! » exclamou o Pedro que se erguera e corria ao encontro dos recém-vindos, córado e com os olhos brilhantes. « Se soubessem! »

« O que foi? Sempre nos pregaram um susto! Ha mais de uma hora que os andamos procurando. »

Mais de uma hora! Os dois pequenos ficaram pasmados.

Como passara o tempo!

E logo contaram tudo, depressa, afim de poderem voltar para junto do Miguel e assistir ao fim da obra maravilhosa da aranha.

Agora mais tres cabeças se inclinavam sobre a grande tecedeira, além das tres que até alli a tinham observado.

O trabalho achava-se quasi no fim.

Era uma bóla de seda branca, macia e resistente, do tamanho de uma cereja não muito grande. A sua parte de baixo estava como embutida na *toalha* sobre a qual fôra principiada a construir.

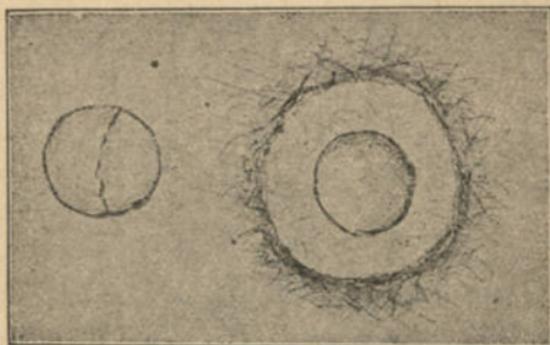


Fig. 7 — Ninho da Lycosa

«E agora,» perguntou a Violante. «O que está ella fazendo?»

E a pequena, n'uma febre de curiosidade, voltava-se, ora para o Miguel, ora para o Pedro, ora para o sr. Carvalho, esperando de qualquer d'elles a explicação dos movimentos diferentes da ara-

nha que terminara a construcção do seu globo de seda.

«Agora» disse o Miguel. «Vae desprender a toalha para embrulhar n'ella a bóla...»

A aranha trabalhava com as patas. Já não tecia.

Arrancava e quebrava os fios que prendiam a toalha do fundo á rede, e puxava-a a pouco e pouco, cobrindo com ella o globo.

Esta parte da tarefa, era-lhe muito penosa.

Tudo aquillo tremia, oscillava, parecia desmôrnar-se, enquanto ella puxava, dando por vezes safanões violentos ao edificio, rebentando os ligamentos, sacudindo os grãos de areia e os detrictos que vinham presos nas malhas.

«Coitada! Como ella trabalha!» disse a Maria-sinha cheia de admiração.

«E com mais proveito do que a louva-a-Deus,» acrescentou a Violante «porque o seu ninho é lindo e o outro não se lhe compara nem em perfeição nem em belleza.»

«Cada um faz o que póde,» observou o sr. Carvalho.

Mas a Violante insistiu :

«É mais bonito o fio de seda branco e brilhante do que o liquido batido que faz uma espuma suja...»

E d'ahi a um instante continuou :

«Como é que a aranha arranja tanta seda? Parece impossivel!»

«Lá isso, menina,» respondeu o Miguel «não admira. Sempre tem uma barriga, que bem póde caber lá dentro toda a seda, e ovos, e tudo. E ainda agora não é nada. Se a menina lhe visse a pança antes d'ella começar a tecer! Até mette medo; e custa a crer como ella, com aquelle tram-bolho, é tão ligeira...»

O Miguel foi interrompido por um assobio agudo e prolongado, que vinha de longe.

O rapaz ergueu-se de um salto.

«Com licença...» disse elle pondo a manta ao hombro e abalando a correr. «É o maioral!»

A Violante olhou para o sr. Carvalho.

«Porque é que elle deitou a fugir? Que asso-bio foi este?»

E a pequena mergulhava a vista pelas profundidades do sobral, um pouco inquieta.

«Não é nada,» disse a Leonor sorrindo ao reparar no susto da pequena. «Aquillo é um signal do maioral para chamar o roupeiro.»

«Quer dizer que precisa d'elle para ir buscar alguma cabra que se afastou para mais longe, ou qualquer outro serviço do rebanho,» acrescentou o sr. Carvalho.

A Mariasinha que estava costumada aquellas coisas, não fez caso; continuava a admirar o trabalho da aranha.

«Como é exquisito!» disse ella. «Aqui está um bicho que mette medo e nojo e que a gente

tem logo vontade de matar apenas vê; e depois de se assistir ao seu trabalho, e de se conhecer um pouco da sua vida, tudo muda. . . »

A pequena interrompeu-se, perplexa. Não achava os termos que lhe traduzissem o pensamento.

A Leonor ajudou-a:

« Quanto mais vaes conhecendo estes pobres bichinhos, mais os aprecias; parecem-te diferentes, não é verdade? como se os visses com outros olhos. É que os olhos da cara são imperfeitos; e para se julgar bem as coisas, precisamos de as ver com os olhos da intelligencia e da alma. Até aqui não vias n'esta aranha, n'esta pobre Lycosa,



Fig. 8—Lycosa

senão um bicho feio e repugnante; agora descobriste n'ella a bôa trabalhadora, a artista que te revela um instincto da perfeição, que parece quasi uma consciencia. Não te agrada mais esta segunda impressão? »

« Muito mais, mãesinha! Como tu entendes tudo bem! »

« Faz sempre a diligencia, minha filha, de achares o lado agradável e util de todos os entes que encontrares; e nunca os julgues segundo a primeira má impressão que te fizerem porque

te enganas com certeza. Em todos, homens, bichos, plantas, ha sempre uma nesgashinha de sol que é preciso descobrir; quando a não descobrimos, não é porque ella não existe; é porque não tivemos geito para a procurar, nem soubemos encontrar-a. . . »

« Olha, Violante, » disse o Pedro que se deitara novamente no chão e examinava a aranha « Olha o que ella está fazendo. »

O animal terminara o seu trabalho; o globo de seda, branco, tão bonito, o cofre precioso que encerrava centenas de vidas, estava prompto.

A pobre aranha, morta de cansaço, esgotada, abraçava com as oito patas e apertava contra o peito o seu thesouro.

Conservava-se immovel.

« É inutil olhar mais tempo, » disse o sr. Carvalho, que se curvara e vira a posição da aranha. « Hoje, ainda que aqui ficassemos até á noite, não veriamos nada mais. »

« Venham cá! Venham cá! . . . » gritou a Leonor, que tendo-se sentado no chão, um pouco distante do logar onde a aranha construiu o seu ninho, acabava de descobrir alli mesmo, ao seu lado, qualquer coisa que lhe prendia o interesse.

Acudiram todos.

« Isto aqui é um mundo de aranhas » continuou ella. « Olhem outra, apresentando o seu

sacrario ao sol para que elle lhe choque os ovos!»

Os pequenos viram um covil do diametro de um gargalo de garrafa como o primeiro que o Miguel lhes mostrara, e rodeado tambem da sua muralha de defeza.

No topo do buraco, exposto aos raios do sol, estava uma *Lycosa* com a cabeça para baixo escondida na toca, e a pança de fóra, segurando com as patas trazeiras e erguendo ao ar o seu globo de seda, que fazia lentamente girar, afim de que o sol o aquecesse por todos os lados.

Os pequenos ficaram assombrados.

« Isto é o mais extraordinario e o mais lindo de tudo que eu tenho visto » exclamou a Maria-sinha enthusiasmada. « Nenhum dos outros bichos que eu conheço, fez á minha vista nada que se lhe compare! »

CAPITULO XXI

A pera encantada. — A fiel guardadora do thesouro.

Mas n'este momento os pequenos ouviram estalar o saibro e o cascalho do chão sob os sapatos grossos do Miguel que voltava a toda a pressa saltando entre o matto.

«Se os meninos querem vêr uma coisa muito linda, venham cá.» disse elle.

E levando-os comsigo, mostrou-lhes a pequena distancia, um pé de esteva bem fornecido de folhagem, formando quasi uma pequena moita.

Os pequenos approximaram-se cautelosamente e olharam para um ramo já secco, designado pelo Miguel.

«O que é?» perguntou o Pedro. «Não vejo nada.»

Então o roupeiro afastou ao de leve as folhas terminaes do ramo, já mortas e um pouco retorcidas, e surgiu uma coisa inesperada.

Era um relicario de ovos que fazia lembrar pela brancura, o ninho de seda que acabavam de ver construir.

Mas tinha uma forma diversa; assemelhava-se a uma pera, cuja parte mais estreita, estivesse virada para baixo.

Uma tampa da mesma seda, de uma alvura mate, tapava o ninho hermeticamente; e do alto da construcção partiam uns fios de prata, que prendendo-se ás folhas pendidas e murchas da esteva, formavam uma especie de gruta onde se via a aranha escondida.

Os trez pequenos soltavam gritos de admiração ao contemplar o animalsinho:

« Como é bonita ! »

« Parece uma joia ! »

« Repara como a pelle é macia e de um amarello de limão ! »

E espreitavam a aranha com mais attenção; descobriam-lhe dos dois lados do peito, bordando-lh'o, uma fitinha verde; cingindo-lhe as patas, tantas pulseiras côr de rosa! E pelas costas uns lindos enfeites de carmim.

« E o ninho? Como é bem feito! Como é branquinho e lindo ! »

« Parece feito de leite. »

O sr. Carvalho, que se approximara tambem com a Leonor, e se debruçava, observando aquella maravilha, disse:



Os pequenos aproximaram-se cautelosamente e olharam para um ramo já secco, designado pelo Miguel (Pag. 191)

«É uma *Thomisus onustus*. Parece impossível!... A criação d'esta aranha, d'esta princeza das aranhas, costuma sahir para fóra do ninho em Julho. Temos aqui uma retardataria; e é uma fortuna, para vocês poderem vêr... uns aeroplanos de fadas.»

O Pedro, a Mariasinha e a Violante, olharam espantados para o sr. Carvalho.

Porque fallava elle de aeroplanos, quando o que viam deante dos olhos, era um bicho que nem azas tem e cujo ninho se fixava alli, á esteva, tão solidamente?

Mas o sr. Carvalho não respondia ás suas perguntas, e tomava um ar mysterioso.

«Vocês bem sabem que não costumo pregar petas...» repetia elle.

E não lhe puderam arrancar mais nada.

«Olha, Pedro,» observou a Violante «vê como a aranha tem a barriga toda engelhadinha. Não é como a outra com a sua pança que mette medo.»

«Se a menina a visse antes d'ella fazer o ninho», respondeu o Miguel «já não dizia isso. Sempre tem um pança cheia, e dura, e grande!... Agora é que está assim engelhadinha porque se esvasiou toda. Olhe a seda que de lá sahiu!... E os ovos! E d'ahi, esta aranha, desde que faz o ninho, encarrapita-se lá em cima d'elle e nunca mais o larga nem para comer. Nunca mais come e vae mirrando, mirrando...»

O sr. Carvalho ouvia o roupeiro e sorria.

« Como tu sabes bem tudo isso, Miguel! » disse elle.

« Então... » respondeu o rapaz, corando, todo envergonhado. « A gente n'alguma coisa se ha-dé entreter, emquanto anda a guardar o gadinho. Eu gosto de vêr os bichos e de saber como elles governam lá a sua vida... »

« Nunca mais comem! » repetia a Mariasinha que era gulosa e tinha sempre um excellente appetite. « Coitadas! »

« É para não largarem o ninho, provavelmente; » acrescentou a Violante. « Estão soffregas. Teem medo que lh'o roubem emquanto vão á caça. »

N'isto, um insecto pequeno passou nas folhas, ao lado do ninho.

O Thomiso avançou direito a elle, levantou uma pata com um gesto ameaçador; e o insecto fugiu a toda a pressa.

« É sempre assim. » disse o Miguel « Só lhes mette medo para os afastar do ninho, mas não é capaz de os comer. Até já lhe tenho trazido abelhas, que é o petisco de que ella mais gosta... Vem logo, levanta a pata para a espantar; e torna a subir lá para o throno... »

« Quando é então que ella come as abelhas? » perguntou o Pedro.

« Ora! isso é antes de fazer o ninho e de pôr

os ovos! Aquillo é manhosa!. . . Esconde-se entre as folhas quando as estevas estão cobertas de flôres e deixa-se alli estar muito quietinha. . . D'ahi chega a abelha que é gulosa d'aquellas flôres; e a outra. . . zás! ferra-lhe a dentuça na nuca, dá cabo d'ella n'um abrir e fechar d'olhos; e depois, toca a chupar-lhe o sangue todo, até que a deixe sequinha, sequinha, que nem um graveto. . . »

O Pedro apanhou do chão um pausito e aproximando-o do Thomiso, tentou desalojar-o da sua cabana, empurrando-o ao de leve e puxando-o com aquella arma improvisada.

A Mariasinha e a Violante seguraram-lhe no braço.

Tinham dó da pobre aranha.

« Vaes assustal-a, e é capaz de abandonar o ninho. »

« Não tem perigo. » disse o sr. Carvalho, sorrindo « Não é verdade Miguel? »

Mas nem foi precisa a resposta do Miguel para as pequenas se convencerem do que o sr. Carvalho affirmava.

A aranha defendia-se com valentia.

Apenas viu o pausito perto de si, agitou-se com um ar de ameaça, fazendo grandes gestos como quem vae dar uma serie de murros; depois, como o Pedro insistisse, diligenciando tiral-a d'alli para fóra, fincou vigorosamente as patas nos fios de seda.

Fazia tanta força e enganchava-se tão bem ao seu thesouro, que o pequeno tinha de tomar a maior cautella para não a ferir.

Finalmente conseguiu arrastal-a para longe do ninho, para uma folha, ao lado; mas logo o animalzinho voltou, correndo quanto podia, marinhand-o a toda a pressa para o seu posto onde se aca-chapou com um ar soffrego de posse e de desafio.

«Deixa-a em paz, coitada!» disse a Leonor ao sobrinho «Já fizestes a tua experiencia; não a atormentes mais.»

O sol agora baixava no horizonte e a sombra estendia-se por todo o chão do sobral.

«O meu pae deu um nome a esta aranha» observou a Mariasinha «E a outra, a que vimos primeiro?»

«É uma Lycosa.»

«Lycosa.» repetiu o Pedro «Vamos ver o que estará fazendo a segunda Lycosa, a que fazia girar o ninho para o aquecer ao sol.»

E os tres pequenos correram para junto do covil da aranha.

Mas não viram coisa alguma.

O animal desaparecera.

«Onde está ella?»

«Sumiu-se...»

«Fugiu.»

O Miguel que os seguira poz-se a rir.

«Já não faz sol;» disse elle «a tarde arrefe-

ceu; e como o frio lhe pôde fazer mal aos ovos, tratou de se esgueirar com o ninho para o fundo do buraco. Mas se os meninos querem tornar a vel-a...»

E o roupeiro pegou n'uma agulha de pinheiro e introduziu-a com geito agitando-a á entrada do covil.

Apenás a retirou, os pequenos viram subir lá do fundo o vulto negro e peludo, e recuaram instinctivamente diante dos oito olhos brilhantes e pretos que luziam no escuro como os de um gato.

Mas a Lycosa não sahiu.

«Vê que não é inimigo que possa atacar, e não passa d'alli.» declarou o Miguel «Se fosse um gafanhoto ou outra presa do seu gosto, saltava logo cá para fóra com o ninho de rojo atraz de si. Esta não é como a outra: não jejua...»

«Meus filhos, está a escurecer» disse a Leonor «e d'aqui até casa, ainda é um bom passeio.»

Dispuzeram-se a partir.

Com grande espanto dos tres pequenos, o sr. Carvalho, ajudado pelo Miguel, principiou a escavar a terra furada pela toca da Lycosa, e não descançou emquanto a não apanhou cá fóra. E então mettu-a no fundo do chapéu e cobriu-a com o lenço.

Depois foi apanhar a primeira que se conservava immovel, sempre abraçada ao seu globo de setim; mettu-a no chapéu de palha da Mariasi-

nha que agora já não precisava d'elle por não fazer sol.

Por ultimo, cortou com a sua navalha o ramo secco de esteva onde se encontrava o Thomiso com o seu ninho, e depositou-o cuidadosamente no fundo do chapéu do Pedro.

Os pequenos estavam cheios de curiosidade, mas elle nunca lhes quiz explicar coisa alguma.

Despediram-se todos do Miguel, que obedecendo a um assobio do maioral, principiava a juntar as cabras para se recolherem, e levando com toda a cautela as tres prisioneiras, tomaram o caminho de casa.



CAPITULO XXII

As surpresas do escriptorio.—Victima do dever

Ao chegarem a casa já encontraram as luzes accesas; e a Leonor mandou logo os pequenos escovar-se e lavar as mãos para virem cear.

O sr. Carvalho com a sua colheita de aranhas, fechou-se no escriptorio e demorou-se lá tanto, que já estavam quasi a levantar-se da meza quando elle chegou á casa de jantar.

«O que estive a fazer, tio Jorge?»

«Onde estão as aranhas?»

«Chegaram vivas?»

«Para que as trouxe?»

«Quando é que podemos vel-as?»

Era um chuveiro de perguntas despenhando-se sobre o sr. Carvalho que ria da curiosidade dos pequenos e fazia umas caras tão ratonas de mysterio, que todos elles desataram ás gargalhadas.



N'essa noite foram deitar-se mais cedo; estavam cançadíssimos e a cair de somno.

Logo pela manhã, no dia seguinte, o Pedro, a Mariasinha e a Violante, encontraram-se na varanda.

«Dormiste bem?» perguntaram as pequenas ao rapaz.

«Tão bem!... Toda a noite sonhei com a Lycosa e com o Thomiso. Eram grandes como pessoas e tinham construído um palácio de prata para onde queriam levar-me...»

A Violante interrompeu a descrição do sonho.

«E se nós fossemos ao escriptorio?» propoz ella.

«São as horas do pae trabalhar,» respondeu a Mariasinha. «E elle não gosta que ninguem lá vá assim de manhã.»

«Mas a gente não faz barulho» insistiu a Violante. «Entramos devagarinho e vamos ao pé da meza, nos bicos dos pés, só para ver se lá estão as aranhas...»

Os olhos pretos do Pedro principiaram a brilhar.

«Vamos,» disse elle. «O tio Jorge não se zanga. Eu sou o mais velho e tomo a responsabilidade.»

E partiu seguido pela Violante que dava saltos, apesar das recommendações do Pedro pedindo-lhe que não fizesse barulho.

A Mariasinha ia mais atraz, cosida com as paredes e com uma cara enfiada, receosa de desgostar o pae.

Mas quando chegaram á porta do escriptorio e ouviram a voz do sr. Carvalho dizendo-lhes que entrassem, o susto da Mariasinha desapareceu.

Era uma voz tão alegre, tão cheia de bom humor! Com aquella voz, o pae não podia estar zangado.

Entraram uns atraz dos outros com umas caras exquisitas onde se lia a curiosidade e a vergonha.

O sr. Carvalho veio ao seu encontro.

« Ora vivam, meus senhores! » disse elle fazendo-lhes um grande cumprimento de troça e sorrindo disfarçadamente. « Que amaveis! Já não podiam com saudades minhas, não é verdade? Apos-to que veem saber como eu passei a noite! »

Os pequenos riam ao abraçal-o; mas espreitavam para cima da meza, tão distrahidos e interessados com o que lá viam, que mal ouviam as palavras do sr. Carvalho.

Afinal o Pedro correu para junto da meza.

« Oh! tio!... O que é isto? »

A Violante e a Mariasinha seguiram-n'o e principiaram os tres a passar uma revista áquella especie de presepio.

Havia um vaso cheio de terra pedregosa como a da charneca e coberta por uma rede de arame; ao centro, tinha um buraco redondo e fundo tal

qual como o covil da *Lycosa*. E, como o sol entrando pela janella toda aberta, inundava a meza, lá estava a segunda *Lycosa*, de cabeça para baixo dentro da tóca, e de abdomen para cima, segurando e dando voltas nas patas trazeiras, ao seu globo de seda branca, cheio de ovos.

« Como ella se costumou á nova casa! Parece que nunca morou senão aqui! » exclamou o Pedro.

« E esta? » perguntou a Violante.

« Essa é a primeira, » respondeu o sr. Carvalho, « a que nós vimos acabar de fazer o ninho e abraçal-o no fim, tão cançada e feliz. »

Estava installada n'um vaso preparado como o outro, mas na terra, o sr. Carvalho não abriera buraco algum e a *Lycosa* passeava de um para outro lado sobre o chão pedregoso, arrastando atraz de si, prezo por fios de seda á extremidade do abdomen, o novello sedoso e branco onde tão cuidadosamente encerrara os ovos.

« Então ella anda agora com o ninho de rojo atraz de si como se fosse um carrinho? » observou a Violante pasmada para aquella equipagem.

« Nem mais nem menos. E isto dura mais de tres semanas. Arrasta atraz de si este fardo mais de tres semanas, com uma paciencia, com uma perseverança! Vae á caça com elle, passa horas com elle no fundo da toca, meditando, immovel, e aproveita as horas do sol para o vir expor aos seus raios como vocês viram. »

« E no fim das tres semanas, tio Jorge? »

« No fim das tres semanas, abre-se uma fenda no sacco e as aranhitas pequenas que estão promptas para nascer, sahem todas por uma vez, a formigar, a formigar... e trepam todas para as costas da mãe onde se agarram o melhor que podem, formando-lhe um manto negro (que assim de repente parece de um tecido pêludo pela quantidade das patinhas tão pequenitas agglomeradas) que dura sete mezes ».

« Sete mezes! » exclamaram os pequenos. « Que calor! E que massada!... Pobre Lycosa! »

« Ella não se queixa. Continua a fazer a sua vida de caçadora e de contemplativa, como se nada fosse com ella. Nem se importa muito com a carga que leva. Se por acaso, ao passar sob um ramo, ao roçar a pança pelas paredes da tôca, algum dos filhos é varrido, arrastado para fóra da plataforma, nem dá por isso; continua a andar. E o pequenito lá se governa, agarra uma das pernas da mãe, marinha por ella acima, installa-se de novo. Às vezes succede que esta mãe encontra outra igualmente carregada do seu fardo vivo. Dá-se uma lucta medonha, qual de baixo, qual de cima, até que a maior, a mais forte, vence e devora em seguida o cadaver da mais fraca. Os araniços abandonam então o cadaver da mãe, trepam para as costas da vencedora, arranjam lo-

gar entrè os filhos legitimos, sobre elles, n'uma segunda camada, se fôr preciso... e lá se criam.»

«Que extraordinario!» repetiam as creanças maravilhadas, com os olhos brilhantes como se ouvissem uma historia de fadas.

«O que é isto?» perguntou o Pedro aproximando-se do angulo da meza que ficava mesmo defronte da janella.

N'esse angulo, o sr. Carvalho atara um ramo de pinheiro de uns dois metros e meio de altura, e junto da sua base, no chão, estava um terceiro vaso cheio de terra onde se encontrava espetado o raminho secco de esteva que abrigava o ninho do Thomiso.

O Pedro, de cocoras, observava este ninho sobre o qual se conservava, immovel, a sua fiel guardadora, emquanto a Violante e a Mariasinha continuavam a olhar para a Lycosa.

«Tio Jorge!» gritou o rapaz de repente «O ninho está coberto de araniços!»

O sr. Carvalho precipitou-se com as duas pequenas; e todos, agachados em torno do vaso, espreitaram o ninho do Thomiso.

«São os araniços que estavam lá dentro dos ovos...»

«Por onde sahiram?»

«Como são pequeninos!»

«Espertos e desembaraçados...»

«Este ninho de Thomiso» disse e sr. Carva-

lho, «que devia já estar vazio ha uns quinze dias, parecia mesmo estar á espera de vocês. E agora, apenas debaixo dos nossos olhos, abre-se e realiza-se o milagre...»

Com effeito os aranhões cobriam ás centenas a pera de seda branca. E a pouco e pouco, n'um grande fervilhar, n'uma azafama, iam trepando pelos fios que sustentavam o docel sob o qual a mãe se abriga, marinhavam para cima das ultimas folhas do ramo de esteva.

Ahi principiaram a largar uns fios de seda tão fininhos, tão delicados, que mal se viam, e a tecer uma larga rede ligeira e transparente, sobre a qual se installaram.

«Como elles sabem trabalhar apenas nascem!» exclamou a Mariasinha, pasmada.

«Ainda não viste nada...» disse o sr. Carvalho. «Ainda não viste os lindos aeroplanos que os vão espalhar pelo mundo, a distancias enormes...»

«Os aeroplanos?!...»

Os pequenos não entendiam; tudo aquillo lhes parecia um sonho.

Mas o sr. Carvalho não quiz dar mais explicações.

Elles veriam, veriam pelos seus olhos...

Não era coisa que se pudesse contar.

«E a mãe?» perguntou a Violante.

«A mãe morreu.»

« Morreu?! Porquê? »

Effectivamente, ao espreitarem por debaixo das folhas, viram o Thomiso resequido e imóvel, agarrado ao seu sacco de seda agora vazio.

Tocaram-lhe; não se mexeu.

Estava morto.

A pobre aranha vivera, vivera, sem comer, sustentada apenas pela febre do dever, esperando a hora de acabar a missão que lhe incumbia.

As paredes do ninho eram duras; os pequeninos não poderiam fural-as; não teriam forças. E quando o momento chegara, quando sentira lá dentro o movimento dos filhos já criados e querendo arrombar a prisão, com as suas fortes presas, rasgara o involucro, abrira a porta... e morrera satisfeita, enquanto a numerosa prole, sem a ver, sem a conhecer, indiferente á sua abnegação e embriagada de ar e de luz, entrava na actividade da vida maravilhosa que a esperava...

CAPITULO XXIII

Confusões da Lycosa. — Os aeroplanos.

« Escusam de olhar mais » disse o sr. Carvalho. « Durante dois dias os aranhaços não passam d'ahi. »

A campainha do almoço veio interrompel-o.

Emquanto estiveram á meza, não se falou senão das aranhas.

« Ha uma outra aranha, chamada em latim *epeira fasciata*, que faz um ninho prodigioso. É de seda, naturalmente, como todos os ninhos de aranhas; mas por dentro é forrado de uma substancia felpuda, um *edredon* espesso e macio, que protege o nucleo central onde se encontram os ovos. Quando chega a hora da liberdade, a mãe já está morta. Esta não é como o Thomiso; não chega a ver os filhos, nem lhes abre a porta do mundo. Como conseguirão os aranhaços romper caminho atravez d'aquellas paredes espessas e duras? Pa-

rece que a dilatação do ar no interior do ninho, sobreaquecido pelos raios do sol na epocha propria, é que vem salvar os prisioneiros. O ovo rebenta, apresentando um rasgão de dentro para fóra por onde se escapa uma parte do feltro interior e que dá sahida aos animaesinhos. . . »

Os pequenos escutavam o sr. Carvalho com um tal interesse, que até se esqueciam de comer.

«Tudo isso é tão maravilhoso,» disse a Leonor ao marido «que a gente pasma. . . Parece que estás contando a historia de algumas sementes encerradas nas suas capsulas, que rebentam por si, na estação propria, deixando-as cahir na terra ou espalhando-as no ar. . . »

«Em muitas coisas os insectos se parecem com as plantas;» respondeu o sr. Carvalho «e tenho pensado varias vezes quanto o seu instincto se assemelha á intelligencia da especie, que preside nos vegetaes, a tantos prodigios.»

Depois do almoço o sr. Carvalho e os tres pequenos, voltaram para o escriptorio.

«Ora muito bem,» disse elle «agora vamos perguntar á *Lycosa* se ella tem realmente um raciocinio que se possa comparar ao nosso, qualquer vislumbre da luz que illumina o cerebro humano, como o seu trabalho tão perfeito nos deixou suspeitar.»

«Vamos perguntar-lhe, tio Jorge?!... Então ella fala?»

E os pequenos puzeram-se a rir.

« Vocês verão. Vamos-lhe perguntar e ella vae responder. Mas desconfio que a sua resposta a vae fazer descer no nosso conceito.»

O Pedro, a Violante e a Mariasinha, gruparam-se em volta do sr. Carvalho, emquanto elle, abrindo uma gaveta, tirava de lá umas rolhas de cortiça que aparava com o canivete e alizava com uma lixa, fabricando assim umas bolinhas do tamanho do globo de seda branca fabricado pelo animalsinho.

« Para que é isso ? » perguntavam as creanças, intrigadas.

« Vocês verão, vocês verão. . . »

E quando acabou de lixar a sua quarta bolinha de cortiça, destapou o vaso onde se encontrava uma das Lycosas, e no chão do qual não abrira covil.

A aranha passeava, arrastando o seu fardo de seda sobre a terra grossa.

O sr. Carvalho, por meio de uma cannetta e de uma pinça, conseguiu, não sem lucta, desprender-lhe do abdomen, o precioso thesouro.

Pegando então delicadamente no globo de seda, misturou-o com as bolinhas de cortiça e espalhou na superficie da terra, as cinco esferas.

« Vamos a ver » disse elle « se a Lycosa escolhe entre estas diferentes bolas e se conhece a sua. . . »

«Que idéa, tio Jorge! As de cortiça não são nada parecidas com a outra...»

«E mesmo que fossem parecidissimas» acudiu a Violante «aposto que ella as não confundia!...»

A aranha ficara doida de inquietação e de desespero. Corria ora n'uma direcção, ora n'outra, á procura da sua riqueza perdida.

De repente esbarrou com uma das bolinhas de cortiça; serenou immediatamente.

Apalpava e remirava com amor o pequeno globo tão differente do seu ninho; prendeu-o á extremidade do abdomen com os fios de seda e retirou-se para um canto, satisfeita, julgando levar atraz de si o deposito sagrado onde se gravavam as centenas de vidas sahidas das suas entranhas.

«Imagina que a bóla de cortiça é o ninho!»

«Que pateta!»

Os pequenos riam da estupidez da Lycosa; e no fundo estavam desapontados. Ao vel-a construir o relicario dos ovos, ao ouvir-lhe a historia, a pouco e pouco tinham feito d'ella uma grande idéa.

E agora!...

O sr. Carvalho tirou-lhe a bóla de cortiça e apresentou-lhe uma de papel, e depois, um novelito de lã.

De cada vez, o mesmo desespero, a mesma

afflicção, a mesma alegria e a mesma pressa em prender a si o falso thesouro.

«Seja o que fôr...» disse o Pedro «contanto que tenha a forma redonda, tudo lhe serve. Que idiota!»

A Violante calava-se. Pensava em tudo que aprendera a respeito do instincto dos insectos, quando estudara a louva-a-Deus com o sr. Carvalho e com a Mariasinha.

N'essa tarde deram a liberdade ás duas Lycosas; foram collocal-as novamente lá no sobral, com os seus ninhos, á entrada das tocas.

O dia seguinte, passaram-n'o os pequenos em leituras, brincadeiras, jogos e passeios.

O tempo voava.

«E os aeroplanos?» perguntou o Pedro ao tio quando se foi deitar.

«Não tenhas pressa. Amanhã.»

Effectivamente, logo depois do almoço, como os pequenos estivessem na varanda preparando-se para jogar uma partida de bilhar chinez, ouviram a voz do sr. Carvalho que os chamava.

Correram ao escriptorio.

«Venham ver, venham ver!...»

Approximaram-se do vaso que estava no chão e onde se conservava espetado o raminho de esteva.

Mas por mais que olhassem para o topo das folhas onde os aranhaços tinham tecido a teia

transparente e leve, não viram nem um dos bichinhos que lá se haviam installado ás centenas na ante-vespera.

«Fugiram todos! Que pena!» exclamou a Mariasinha desolada.

«Procurem melhor... Não estão longe...»

Então o Pedro descobriu-os trepando pelas agulhas do ramo de pinheiro, que atado ao pé da meza, se erguia á altura de mais de dois metros.

Os animaesinhos trepavam, lançando as suas cordas de seda que mal se viam, tão frageis, tão delicadas e brilhantes, e marinavam por ellas com uma habilidade de acrobatas.

«Vão subindo... vão subindo!...» gritava a Violante.

«E que depressa!...»

«E tantos, tantos!...»

De ramada em ramada, de agulha em agulha, lá iam andando, todos envolvidos na luz do sol, brilhantes como pontinhas de lume, ageis, cheios de vida...

Os pequenos estavam encantados.

«Ó tio Jorge!» disse o Pedro, rindo «Isto é muito bonito e interessante, mas não se parece nada com os aeroplanos!...»

«Espera... espera... Não fervas em pouca agua...»

Já alguns aranhões tinham chegado ao topo do ramo.

Os pequenos encarrapitavam-se em cima das cadeiras e da meza para observarem melhor o que se passava.

Apenas viram que não tinham mais por onde trepar, os aranhaços começaram a prender os seus fios de seda ás ultimas agulhas do pinheiro. . .

O Pedro, que entrara no escriptorio atraz de todos, deixara a porta aberta. Estabelecera-se uma corrente de ar muito leve, tão leve que nem quasi se sentia.

O ar, aquecido pelo sol que se reflectia no chão e sobre a meza, elevava-se e era empurrado para fóra da janella pelo ar que vinha da porta aberta.

No topo do ramo de pinheiro, os fios quasi invisiveis, presos ás agulhas, de um lado, e lançados no espaço sem outro apoio, fluctuavam, inclinando-se para a janella; e sobre elles, os aranhaços aventuravam-se, marinhando com o desembaraço de marujos nas cordagens dos navios.

« Olha! » gritou a Violante « lá se desprende um da agulha de pinheiro! Olha, olha. . . como sobe! . . . Lá vae pela janella fóra! . . . »

« Mais dois! » exclamou o Pedro, pasmado.

« Cinco! Dez! . . . Não se podem contar! . . . Que lindo! . . . » dizia a Mariasinha, aos saltos em cima da meza.

Aos vinte, aos trinta, em legiões, os aranhaços partiam agora a cavallo nos seus delicados fios de

prata, que se desprendiam do pinheiro, e levados pela corrente de ar tão ligeira, atravessavam a toalha de sol que os doirava. . .

Eram pequeninos brilhantes, fagulhas, que abalavam, subindo, fugindo para o ar exterior, sumindo-se no azul. . .

O olhar extasiado dos pequenos ainda os seguia um instante lá fóra, no esplendor do dia luminoso, elevando-se, afastando-se, até se perderem aos quatro ventos, espalhados no caminho do seu destino. . .

«Então?» perguntou o sr. Carvalho, radiante. «O que dizem aos meus aeroplanos?»

Os pequenos estavam pasmados, de bocca aberta, deante d'aquelle espectaculo inesperado e estupefaciente.

«Mas para onde vão? O que procuram?»

«Luz, espaço, calor! . . .» respondeu o sr. Carvalho. «Ou, por outra, não procuram nada. É a intelligencia da especie que os leva, como leva as sementes das plantas sobre as azas do vento a dispersarem-se ao longe onde, distantes umas das outras e em terrenos diversos, teem mais probabilidades de vingar, de prosperar, de crescer, de se transformar por seu turno em plantas. . .»

Quando o ultimo aranhão, cavalgando o seu fio encantado, desappareceu pela janella fóra n'uma gloria de luz, perdendo-se no infinito, a Violante perguntou:

« E ós outros? Os filhos da Lycosa? Esses lá, andam em cima da mãe, não são tão habilidosos, não é verdade? »

« Estás enganada; » respondeu o sr. Carvalho « no fim dos sete mezes que vivem sobre as costas da mãe, sem comer, sustentando-se apenas do calor e da luz do sol que os anima, um bello dia abandonam o poiso e trepam, tão bons acrobatas como estes, abalando depois pelo ar fóra, nos seus fios de prata que o vento leva. . . »

CAPITULO XXIV

Os musicos da charneca.—Os amores.—Uma caixinha de surpresa.

Agora os pequenos não falavam senão dos insectos; e apenas o calor diminuia, partiam em expedições pela charneca, trazendo sempre novas capturas; pedindo mais experiencias ao sr. Carvalho, contando as suas observações, fazendo mil perguntas...

Uma tarde, quando todos saham o portão do jardim na direcção do pinhal, encontraram o Miguel que trazia ás costas uma cabra.

Os pequenos correram ao seu encontro.

A cabra partira uma perna ao saltar um valla-do; o maioral já lh'a encanara e o roupeiro vinha trazel-a ao curral.

O rebanho andava alli pertinho...

O Miguel apontava para o alto da collina coberta de pinhal, além do qual se estendia a charneca.

O curral era a dois passos; e d'ahi a um instante o rapaz voltava correndo e apanhava os passeantes que já iam subindo a collina.

«Hoje é que é certo!» gritou-lhe de longe o Pedro. «Vaes caçar grillos commigo.»

«Ai, sr. Pedro! Isso é que não pode ser!»

«Então porquê?»

«Não os ha.»

«Que peta! Da outra vez que eu cá estive, caçámos tantos... E até me fizeste umas poucas de gaiolas!»

«Era n'outro tempo; no mez de S. João! Agora morreram os velhos, os que sabem cantar. E só ha...»

O Miguel interrompeu-se, e abaixando-se, perseguiu um momento entre o matto, um bichito pequeno que saltava com grande desembaraço, escondendo-se aqui e além.

«Ah! maroto!» exclamou elle, agarrando-o afinal.

A Leonor ria; olhando para o animalsito que o roupeiro segurava por uma perna, e que estrebuchava, fazendo esforços para se escapar.

«Falae no mau, apparehae o pau...» disse ella.

Era um grillito novo, negro e lustroso, com uma grande cabeçorra; mas pouco maior do que um feijão.

«Não tem azas» observou a Mariasinha.

«Ainda é novito» explicou o Miguel. «Lá as

azas nunca veem a crescer mais do que isto; são sempre uns farrapitos engelhados que não servem de nada; e as carapaças que lhe crescem por cima d'ellas e com que elle canta, ainda estão pequenas.»

Tinham parado todos e examinavam o bichinho.

«As carapaças de que fala o Miguel» disse o sr. Carvalho «são os elytros, que depois do animal já feito, se tornam de um negro brilhante.»

«Bem sei» acudiu o Pedro, «Cada um dos elytros tem o feitio de uma concha; o direito passa por cima do esquerdo; teem na borda uma especie de serra. E o grillo rapa com a serra de um n'uma certa parte do outro, que é como a pelle esticada de um tambor... e é d'ahi que vem o seu canto.»

A Violante escutava com attenção.

«O grillo é como a cigarra,» concluiu ella quando o Pedro se calou «tambem não canta com a bocca.»

«Mas a cigarra tem a caixa de musica na barriga; e o grillo é nas azas.»

«Já vê, tio Jorge,» continuou o Pedro «que ainda estou lembrado do que me explicou da outra vez a respeito do grillo.»

E voltando-se para o Miguel acrescentou:

«Então agora não ha grillos grandes? Porquê? Então morreram todos?»

« Pode ser que ainda haja um ou outro... mas é uma raridade. »

Os pequenos olharam para o sr. Carvalho como que a pedir-lhe uma explicação.

Tinham chegado ao alto da collina; via-se d'alli a charneca onde andava o maioral com as cabras.

O sr. Carvalho poz-se a rir.

« Vocês não dizem nada, mas estão á espera da historia do grillo, hein? Pois então sentem-se aqui um bocadinho e oiçam. »

Sentaram-se logo todos no tapete formado pelas agulhas seccas de pinheiro.

O Miguel afastou-se um momento, atirou duas pedras para não deixar ir as cábras ao chaparral, e voltou para junto d'elles.

« O grillo é muito interessante » principiou o sr. Carvalho. « É o unico insecto que trata de construir uma casa para toda a vida. Os outros, ou se abrigam debaixo das folhas, ou das pedras, ou n'uma toca abandonada por outro bicho, ou em galerias e cavidades naturaes do terreno. Elle, não. Apenas tem bastante força (em principios de Outubro) mette mãos á obra; e cava com as patinhas, empurra para traz a terra com as pernas trazeiras, transporta por vezes o entulho entre as mandibulas, e assim tendo primeiro escolhido um bom logar n'uma encosta, banhado de sol, bem hygienico, arejado, acaba por abrir um corredor

do diametro de um dedo e do comprimento de um palmo, terminado no fundo por um espaço mais largo e desafogado. As paredes interiores são bem alizadas e limpas. A porta de entrada estende-se uma pequena esplanada, batida e varrida sempre, abrigada por um tufo de erva ou de matto que esconde ao mesmo tempo o covil e o protege contra a chuva e os ardores do sol. É n'esse terreiro que o nosso musico se installa de preferencia para cantar.»

O roupeiro escutava, attento, acenando com a cabeça approvativamente.

«Mas porque é que elles morrem?» perguntou o Pedro que seguia lá a sua idéa.



Fig. 9—Grillo

«Dizem que o grillo canta para chamar a sua companheira;» continuou o sr. Carvalho «não é verdade. O grillo canta a sua felicidade de viver, como a cigarra, a belleza do ceu azul, o brilho do sol, o ar livre e puro, a alegria do trabalho realizado, o conforto da sua habitação tranquilla e solida. E isto dura toda a primavera.»

«E depois?»

«Depois farta-se de solidão, deseja casar; e abandona a casa tão laboriosamente construida,

levado pelo amor, á procura de noiva. Ninguem sabe como dá com ellas. Apesar de mudas, as grillas teem de certo um modo de os chamar, de os attrahir.»

«E de resto, não ha-de ser difficil encontrarem-se.» disse a Leonor, sorrindo «O matto da charneca figura decerto para elles, uma floresta povoada de animação e de vida; deve haver tantas habitações de grillas espalhadas n'essa epocha perto das tocas dos cantores!»

«Seja como fôr, os namorados encontram as noivas. Fazem a sua côrte; e, desejando parecer bem e agradar, puxam com as patas da frente, ora uma antena ora outra, fazendo-a passar pelas mandibulas para as frizar, para as tornar lustrosas. Exhibem as esporas e os galões vermelhos das pernas, dando no ar pequenos coices, com jactancia. Estão tão commovidos em frente das bellas que não podem cantar; as azas fazem apenas um ruido de murmurio que é decerto uma declaração de amor.»

A Leonor e os pequenos riam da descripção do sr. Carvalho, enquanto o Miguel, que não entendia bem, arregalava muito os olhos.

«A noiva finje que não percebe; o namorado tenta cantar. Mas a voz não está segura, tal é a commoção; o canto interrompe-se a cada momento... Finalmente casam. A postura segue-se com pouca demora. E logo veem as brigas entre ca-

saes. A femea joga a pancada com o marido. Se elle se demora até esse momento, ou é morto e principiado a devorar, ou consegue safar-se com algumas patas e as antenas amputadas, os elytros em frangalhos, estropiado... Ainda que se retire a tempo, já não torna a achar o caminho da sua casa e vagueia pelo chão da charneca, sem abrigo, perdido e desamparado, até que encontra uma louva-a-Deus, ou uma Lycosa, ou outro inimigo terrível que dá cabo d'elle. E assim, pouco depois da postura, todos os machos que sahiram da toca, arrebatados de amor, fortes, lustrosos, cheios de illusões, soberbos de energia e sequiosos de aventuras como uns cavalleiros andantes, vão morrendo...»

«Coitados!» suspirou a Mariasinha. «Entre os insectos, os machos não são felizes...»

E a pequena lembrava-se da triste sorte dos maridos da louva-a-Deus, do lacrau, das aranhas...

«Cumprem com o seu destino;» respondeu a Leonor devagarinho «e depois desaparecem de um modo ou de outro. Sem darmos por isso, minha filha, é o que nos succede tambem...»

«O sr. Carvalho disse que as femeas, depois das posturas, matam os maridos e principiam a comê-os;» observou a Violante «mas então os grillos não se sustentam de alface?»

«Os grillos sustentam-se principalmente de

vegetaes, é verdade. Mas uma vez por outra, não desdenham como vês, um alimento mais substancial.»

«E a postura?» acudiu a Violante. «Como é a postura? As grillas fazem ninho como a louva-a-Deus, como as aranhas que vimos no outro dia?»

O sr. Carvalho trocou um olhar com a Leonor e ambos sorriram. Divertia-os o interesse ardente dos pequenos pela vida dos insectos.

«A femea tem um oviducto comprido que enterra no chão a uma profundidade de dois centímetros e ahi, larga os ovos,» respondeu elle. «Mas não todos n'um mesmo ponto; uns aqui, outros mais além, assim vae semeando uma pequena area de terreno. A postura dura vinte e quatro horas. Os ovos são côr de palha e teem o tamanho de meio bago de arroz. Cada grilla põe de quinhentos a seiscentos. Dez dias depois da postura, nascem os animaesinhos. N'uma das extremidades do ovo, que tem a forma de um cylindro, vê-se um vinco circular; é por ahi que elle se abre. O ovo da grilla é uma perfeição. Quando o animal está prompto para sahir, empurra com a cabeça essa extremidade do ovo, que despegando-se, se levanta como a tampa de uma caixa, ficando apenas presa por alguns filamentos que funcionam de charneira...»

«Que engraçado!» exclamou a Violante.

«Deve parecer uma caixinha de surpresa,» acrescentou o Pedro.

E os pequenos pensavam com desgosto que passara o tempo do anno em que se dava este acontecimento. Nada queriam n'este momento, se não assistir ao nascimento dos grillos.

«E é muito facil observal-os,» disse a Leonor. «Mettendo-os debaixo de uma rede de arame, sobre um vaso cheio de terra, aos casaes, em Abril ou Maio, vê-se o namoro, a postura, o nascimento dos pequeninos, tudo.»

«Que pena ser já Agosto!» exclamaram os pequenos, inconsolaveis.



CAPITULO XXV

Os salteadores.—A escravidão

Ha muitas coisas para ver sem ser os grillos,» disse sentenciosamente o Miguel, que durante a ultima parte da conversa, não fazia senão olhar para um carreiro de formigas que atravessava o caminho, um pouco acima do logar onde todos se encontravam sentados.

«Que coisas?» perguntaram os pequenos ainda tristes com o desapontamento de não poderem ter grillos cantores, nem assistir a phase alguma da sua vida tão interessante.

«Aquillo, por exemplo,» acudiu o sr. Carvalho que seguira o olhar do roupeiro e apontava o largo cordão de formigas que se estendia na estrada, de lado a lado.

«São as formigas ruivas!» exclamou a Leonor levantando-se e observando-as. «Oh! que bicho antipathico!»

O Pedro, a Violante e a Mariasinha, tinham-se erguido em tropel e, já esquecidos do seu desgosto, curvaram-se cheios de curiosidade, sobre aquelle exercito em marcha.

« Tambem teem uma historia ? » perguntaram elles.

« E que historia ! . . . » respondeu a Leonor.

Eram umas formigas grandes, de um vermelho acastanhado, *ruivas*, como ella lhes chamava.

Marchavam n'uma columna larga e cerrada como um exercito bem disciplinado.

« Não levam nada na bocca » disse o Miguel.
« Ainda não roubaram. »

« Ainda não roubaram ? ! » perguntaram os tres pequenos que não entendiam.

Agora o regimento ia quasi acabando de atravessar o caminho.

A columna embrenhava-se entre o matto.

« Vamos atraz d'ellas, » disse o sr. Carvalho.
« As suas expedições nunca são muito longinquas. »

Mas n'este momento, notou-se uma certa agitação nas fileiras.

A Leonor correu para deante, chamou os pequenos.

A guarda avançada tinha encontrado um formigueiro ; pararam um momento como consultando-se, e logo se precipitaram pela abertura dentro seguidas pelas companheiras que iam chegando sem fim . . .

« Mas o formigueiro não é d'ellas! » gritou o Pedro muito excitado. « Está cheio de formigas pretas!... »

« Pois já se vê que não é d'ellas, » disse o Miguel. « Isto são umas ladras. Veem roubar as casas das mais e levam tudo que encontram nos celleiros. »

« Estás enganado, Miguel, » interrompeu o sr. Carvalho. « O que ellas furtam não são comedorias... »

Agora, á sahida do formigueiro, appareciam as formigas ruivas que voltavam lá de dentro, cada qual carregada com uma coisita branca, oval, que segurava solidamente entre as mandibulas.

As formigas pretas, mais pequenas, afflictissimas, agarravam-se ás pernas, ao corpo das intrusas, das ladras, mordendo-as, luctando desesperadamente para defenderem o seu bem.

Era uma confusão, uma barafunda de guerra.

Os pequenos estavam muito divertidos e excitados.

« É umã batalha! »

« Olha! As pretas vão vencer! »

« Isso sim! As outras são mais fortes! »

« Como estão todas furiosas! »

O combate não durou muito.

Dentro em pouco as fileiras do exercito invasor principiaram a reformar-se em bôa ordem, e os soldados partiam, n'uma longa columna cerrada

como tinham vindo, levando cada um a sua presa, a tal coisita branca e oval que intrigava os pequenos.

« Mas o que é aquillo que ellas levam ? »

O sr. Carvalho não respondeu.

« Venham, venham... É preciso segui-las, acompanhá-las até casa. Eu depois explico tudo. »

O regimento ia andando, seguindo tal qual o mesmo caminho que tomára á vinda.

« Que voltas tão exquisitas que ellas dão ! » exclamou a Violante. « Parecem patetas ! Então não era melhor cortarem a direito ? »

« Não vês que sahem de casa sem destino ? » respondeu a Leonor. « Vão por ahi fóra á aventura, ora por aqui, ora por alli... »

« Pois sim; mas á volta... »

« Teem de voltar tal qual por onde foram, seguir tal qual o mesmo rasto. Senão, perdem-se. »

« Mas que rasto ? Eu não vejo rasto nenhum. »

« Algumas pessôas imaginam que ellas se guiam pelo olfacto, por qualquer perfume que deixam por onde passam. Guiam-se mas é pela vista e pela memoria. E, como o seu raio visual é muito curto, só pôdem distinguir o cascalho e as ervas muito proximos, e são esses que reteem na memoria para se orientarem na volta. »

A Violante ia fazer mais perguntas.

Mas o sr. Carvalho interrompeu-a.

« Queres ver ? » disse elle.

Abaixou-se, pegou n'uma folha secca, pol-a deante de uma das formigas que logo trepou para cima d'ella, imaginando que era qualquer obstaculo do caminho.

Então o sr. Carvalho collocou a folha com a formiga a uns dois palmos de distancia, á direita da columna.

A formiga desceu da folha, olhou em volta de si, caminhou para um lado, caminhou para o outro, hesitou, acabou por se orientar e juntou-se novamente ao regimento.

O sr. Carvalho repetiu a experiencia com a mesma formiga; mas d'esta vez collocou-a á esquerda.

O animalsinho vagueou para um lado, para o outro, desnortado, perdido...

Andava, parava, erguia a cabeça, agitava as antenas com angustia; por fim tomou uma falsa direcção, afastando-se cada vez mais das companheiras, e desapareceu entre o matto, deixando atraz de si a columna.

«Que exquisito!» exclamaram os pequenos.

O Miguel tambem estava admirado; pensava que as formigas nunca se perdiam.

«E porque achou ella o caminho d'este lado e se desorientou d'aquelle?» perguntou o Pedro.

«Isto quer dizer que o regimento a que ella pertence, tem feito muitas expedições n'aquelle sentido, conhecendo ella portanto bem o terreno.

D'este lado, por qualquer motivo, não tem sido tão explorado, e o campo onde se encontrou era-lhe estranho.»

« Até mette confusão! » resmungou o roupeiro. « Nem que fossem gente... Deus me perdôe! A lembrarem-se assim de tudo!... »

« Prompto! cá está o formigueiro! » exclamou o Pedro que ia adiante.

Com effeito, as primeiras formigas começavam já a entrar em casa, com os seus thesouros roubados.

« Mas este formigueiro tambem não é d'ellas. » gritou a Mariasinha. « Olha! Olha!... Tantas formigas pretas!... »

« São as escravas » disse a Leonor.

« As escravas?!... »

« Sim, as escravas. O que ellas vão buscar aos outros formigueiros, aquellas coisitas brancas que



Fig. 10—Larva de formiga

trazem com tanta soffreguidão, são as larvas de raças trabalhadoras, que assim raptadas, se desenvolvem nas cidades das formigas ruivas, e se encarregam de todos os trabalhos de construcção, de aprovisionamento, de criação de outras larvas roubadas, e até se sujeitam a dar de comer ás guerreiras, ás amazonas que as roubaram e que não tem prestimo senão para combater e piratear.»

« Umas salteadoras, umas cavalonas... » continuou o sr. Carvalho dirigindo-se aos pequenos, que mal podiam acreditar o que estavam ouvindo. « Fortes egoistas, sem nenhum dos sentimentos de ordem, de trabalho, de applicação, que os homens lhes attribuem! »

A Violante pensava no seu sonho, quando a cigarra se queixara da formiga e da injustiça humana.

« E todas são assim? »

« Nenhuma raça é muito sympathica. Todas vivem mais ou menos da pilhagem e da exploração de creaturas mais fracas » respondeu a Leonor. « Ha umas outras que levam os piolhos para as roseiras, installando-os nos pontos onde o pasto é mais abundante, mudando-os de logar, tratando d'elles com mil cuidados, afim de que tenham pasto a fartar; e então vão lá visital-os, quando os veem gordos, chupando-os, pela extremidade do abdomen, alimentando-se á custa d'aquelles rebanhos... »

Os pequenos desataram a rir.

« Os piolhos das roseiras são as suas vaccas leiteiras! » disse o Pedro.

O Miguel estava espantando; passava os dias a observar os insectos e havia tantas coisas que ignorava.

« É que não bastam os olhos da cara... » murmurou a Leonor « para ver certas coisas. »

As formigas ruivas entravam, entravam no formigueiro com as larvas; e as pretas seguiam-n'as n'uma azafama de boas criadas cuidadosas que não querem faltar aos seus deveres.

Quando tornavam a sair, já não traziam nada nas mandíbulas.

«Como aquillo deve ser grande lá por dentro» observou a Violante.

«E onde é que ellas arrumam as larvas?» perguntou a Mariasinha lembrando-se dos cuidados que as abelhas teem com as suas e que ella sabia pelas lições do pae a esse respeito.

«Um formigueiro não é um covil de grillo ou de outro insecto que vive solitario.» explicou o sr. Carvalho «É uma cidade. Ha corredores, quartos que servem de camaras de ar, compartimentos onde se criam as larvas, onde são alimentadas e tratadas como as creancinhas n'uma *crèche*; ás vezes tambem ha celleiros de provisões.»

Os pequenos não se cançavam de fazer perguntas; e o roupeiro arregalava os olhos quanto podia, no seu esforço de não deixar escapar nada sem entender.

A atenção e o interesse eram geraes.

«Cada habitante da cidade tem o seu emprego. As formigas vivem em commum, e formam verdadeiras sociedades como as abelhas e outros insectos. Ha os machos, as femeas e as operarias; n'algumas raças tambem ha as guerreiras, que se

diferençam das outras por terem a cabeça muito maior. As operarias trabalham em todos os serviços, como eu já disse, e fazem n'estas cidades, o mesmo officio dos escravos em Roma; não teem azas, nem sexo; os machos são quasi sempre providos de azas; e as femeas teem umas azas caducas: voam até ao casamento, casam no ar, em pleno azul do ceu como as abelhas, e depois, de volta á terra, ou as azas lhe cahem, ou ellas as cortam com as mandibulas e principiam as posturas. Acaba-se o seu tempo de folia; agora só pensam nas suas obrigações de mães.»



Fig. 11—Obreira, femea e macho, de formiga.

«Meu Deus!» suspirou a Violante «Quando a gente anda pela charneca e vê todos os insectos, mal sabe da vida complicada de cada um... E é tão bonito! É tão bom saber todas estas coisas!»

A Leonor fez-lhe uma festa na cabeça e sorriu devagarinho.

«Tens razão. É bom. E torna-nos melhores, mais indulgentes, abre-nos a intelligencia a comprehensões que nos mostram o mundo sob um aspecto tão diferente!...»

Os pequenos não entenderam bem o que a Leonor queria dizer.

E esperavam que ella lhes explicasse o seu pensamento.

Mas a Leonor calou-se e ficou pensativa com o olhar perdido para o lado da charneca e uma expressão vaga como se estivesse muito longe, muito longe...

CAPITULO XXVI

Fiasco do Miguel.—A maçaroca de perolas

Uma borboleta pesada e feia, passou n'este momento deante da cara do Miguel, n'um vôo irregular e tropego.

O rapaz quiz apanhal-a, mas ella elevou-se a uns dois metros, depois desceu quasi até ao chão, para se erguer novamente a uma pequena altura.

O roupeiro corria atraz d'ella tentando bater-lhe com o carapuço para a atordoar; e os pequenos riam ao ver as suas cabriolas e os seus saltos desordenados.

Quando o rapaz conseguiu apanhal-a, o sr. Carvalho pegou-lhe com geito examinando-a attentamente.

«Que borboleta é esta, tão gorda e desageitada?» perguntou o Pedro. «Faz lembrar uma borboleta de bicho da seda.»

O tio pegou no animalsinho e observou-o.

As azas superiores, cinzentas, listradas de castanho; as inferiores, brancas. O thorax, atarracado e grosso, revestido de pennugem cinzenta; o abdomen de veludo, de um ruivo muito vivo. A ultima parte do abdomen parecia de oiro pallido e, assim de repente, dir-se-hia nú como a superficie de um elytro.

O sr. Carvalho pediu um alfinete á Leonor, e com a ponta rapou de baixo para cima aquella parte doirada do abdomen; e logo se levantou uma quantidade de pequeninas escamas que se soltaram, espalhando-se no ar.

«É uma borboleta da lagarta do pinheiro,» disse o sr. Carvalho.

«Lagartas do pinheiro!» exclamou o Miguel.
«Morreram ha que tempos!»

E o roupeiro apontava para um ramo alto de pinheiro; via-se lá uma especie de sacco amarellado e informe, que parecia chôcho e pedia lamentavelmente como um farrapo.

«Nada morre, Miguel. Vês esta borboleta? Pois sahiu do casulo que a lagarta teceu e onde se embrulhou para se transformar.»

«Ah! sr. Carvalho! Ha tanto tempo que ando em pinhaes e vejo a lagarta... Pois nunca lhe descobri o casulo. Sempre ouvi dizer que a lagarta põe os ovos e morre.»

« A lagarta é a larva; e a larva nunca põe ovos.»

O Miguel abriu muito os olhos.

Não entendia.

O sr. Carvalho continuou:

« Nunca viste o casulo porque a lagarta fabrica-o debaixo da terra, á profundidade de um palmo.»

O Miguel abanou a cabeça e sorriu.

« Então a borboleta fura a terra lá d'essa fundura toda? » perguntou elle, incredulo. « Esfrangalhava-se pelo caminho. Não é nenhum escaravelho.»

« É que a borboleta, depois de sahir do casulo, não fica logo assim. Conserva as azas juntas ao corpo, as antenas espalmadas dos lados da cabeça; e tem na testa uma especie de raspadeiras afiadas e duras com que vae cavando a terra, até chegar cá a cima. E só depois espairose, abre as azas, mostra o aveludado do corpo... »

O Miguel encolheu os hombros.

« Sim senhor, sim senhor... »

Lá de si para si não acreditava; fazia projectos de cavar o chão, de procurar os taes casulos que nunca vira.

« Querem que eu lhes mostre uma coisa bonita? » perguntou o sr. Carvalho aos pequenos que sorriam ao perceber a incredulidade do roupeiro.

E colheu um raminho pequeno de agulhas de pinheiro.

As agulhas de pinheiro nascem aos pares; n'um d'esses pares, o sr. Carvalho apontava um



Fig. 12—Agulhas de pinheiro

anel cylindrico, que não teria mais de uns tres centímetros de altura.

«O que é?» perguntou o Pedro.

«Parece um d'aquelles dedaes que cobrem as avelãs,» disse a Mariasinha, reparando que esta especie de regalo se compunha de escamas muito pequeninas, sobrepostas, brancas n'uma extremidade e castanhas na outra.

O sr. Carvalho chamou o Miguel.

«Anda cá, meu teimoso. Repara bem no que eu vou fazer.»

Tirou da algibeira um estojosinho, abriu-o e

procurando uma pinça muito delgada, arrancou delicadamente uma das escamas que ornavam na sua extremidade, o abdomen da borboleta, e pol-a nas costas da mão da Violante. Depois, com o mesmo cuidado, despegou uma das escamas do anel que encerrava as duas agulhas de pinheiro.

« Repara bem, Miguel; tu tens bons olhos. Não achas que estas duas escamas são parecidas? »

O roupeiro estava perplexo.

« Saberá V. Ex.^a que são eguaes. »

« Pois fica sabendo, meu cabeçudo, que a borboleta põe os ovos, recobrando-os depois com estas escamas que tira da ponta da barriga para que fiquem protegidos. E então? Já vaes acreditando? »

O Miguel calava-se, envergonhado.

« Agora, vê se me atiras cá baixo aquelle sacco. »

E o sr. Carvalho apontava para o ninho de lagartas que se baloiçava no alto do pinheiro.

« Eu posso deital-o a baixo. » respondeu o roupeiro « Mas não se lhe toca. É peçonhento. »

« Não te afflijas. . . »

O rapaz trepou pelo tronco acima, e depois de estar a uma certa altura, ajudado com o varapau que o Pedro lhe passou, despegou o ninho que veio, cahir aos pés dos pequenos.

« É uma coisa nojenta. » declarou a Violante. E era. Amarello, sujo, cheio de agulhas de pinheiro seccas e quebradas, e do escremento das la-

gargas que o tinham habitado, parecia um trapo velho e immundo.

O sr. Carvalho abaixou-se, e servindo-se da sua navalha e de um canivete do Pedro, abriu-o.

Recobria-o uma especie de gaze fina e transparente; e dentro o tecido era solido, espesso como uma camada de algodão em rama.

O sr. Carvalho ia explorando o ninho cuidadosamente e todos se calavam, debruçados á espera.

«Este ninho não foi sempre assim.» disse a Leonor. «Quando estava habitado, era uma coisa branca, pura e linda como os ninhos da *Lycosa* e do *Thomiso*.»

«Cá está o que eu queria!» exclamou o sr. Carvalho.

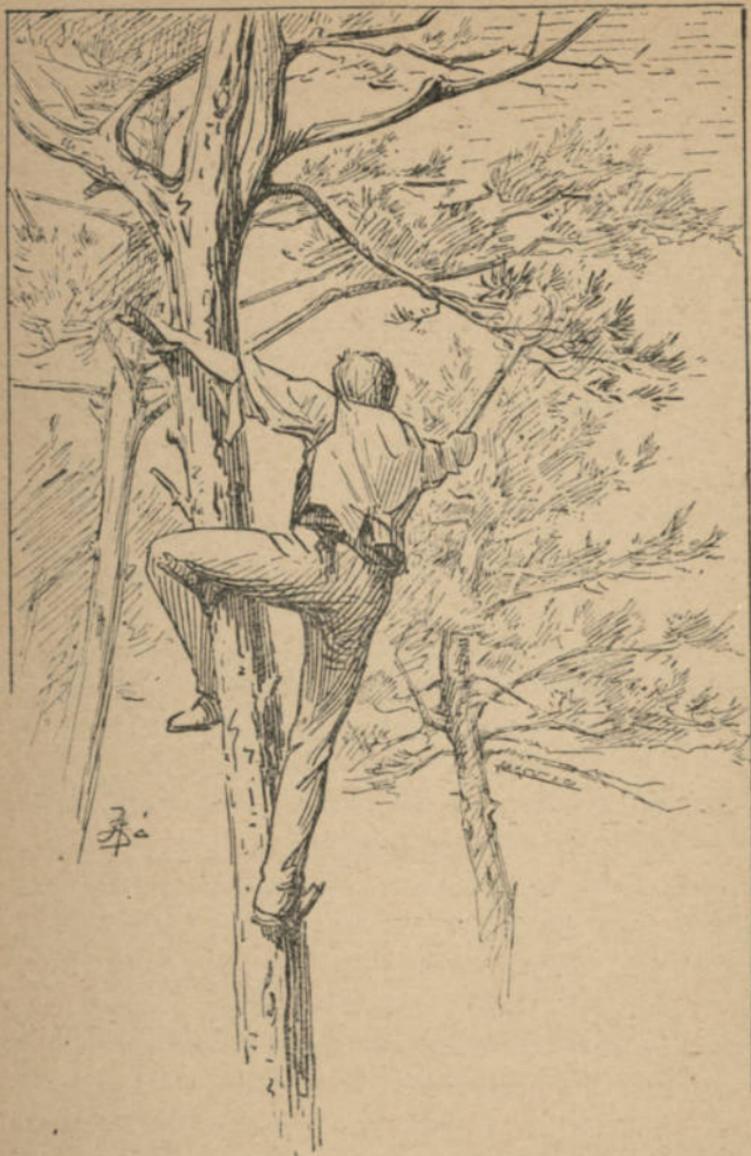
E auxiliando-se novamente com a pinça, pegou n'um casulo de um branco turvo, de uma seda muito fina e do tamanho de uma fava secca.

«Nunca viste um casulo de lagarta de pinheiro?» perguntou elle ao Miguel. «Ahi tens um.»

«Mas o tio Jorge não disse que ellas faziam o casulo na terra?» acudiu o Pedro.

«Pois fazem, em geral; mas ás vezes deixam alguns no ninho, ou n'outro sitio qualquer.»

Com a pinça e com o canivete, o sr. Carvalho abriu o casulo e tirou lá de dentro uma coisa informe que parecia uma mumia.



O rapaz trepou pelo tronco acima, e depois de estar a uma certa altura, ajudado com o varapau que o Pedro lhe passou, despegou o ninho que veio cair aos pés dos pequenos (Pag. 243).

« Isto é a borboleta... Amanhã está igual á que tu ahí tens na mão, Miguel.»

Olhando-se com attenção, bem se via que o sr. Carvalho dizia a verdade.

O Miguel estava tão admirado que nem sabia o que havia de dizer.

« Pois sim senhor, sim senhor... Ora o que a gente ha-de ver!... O que a gente ha-de ver!... » repetia elle, mirando e remirando o bicho.

« O que eu não percebo, meu pae, » disse a Mariasinha « é a postura... »

« Lá vamos. Agora não toquem no ninho nem no casulo. As lagartas de pinheiro estão cobertas de uma pennugem que tem propriedades causticas e que fica agarrada a esta seda. Se cahe na nossa pelle, inflamma-a, faz uma comichão e um ardor como as ortigas, mas muito mais forte. »

A Leonor, ao ouvir a observação da Mariasinha, pegara nas agulhas de pinheiro onde estava a postura, e com a ponta do canivete, ia levantando com muito geito aquella camada de escamas.

« Oh! como é lindo! » gritou a Violante.

« São perolas! »

« Parecem encastoadas por um ourives! »

« Tão branquinhas! Tão eguaes! »

As creanças tinham-se agrupado em torno da Leonor. As exclamações de admiração partiam de todas as boccas.

Por debaixo das escamas, apparecera a postura. Os grãosinhos de esmalte branco, alinhavam-se apertados uns contra os outros, em correntezas longitudinaes, n'uma ordem perfeita, sem perda de espaço, como pequenissimos bagos de milho n'uma maçaroca.

E era realmente lindo de se ver; parecia uma joia, uma coisa delicada e preciosa.

«E d'ahi é que sahem as lagartas,» declarou o Miguel, contente, depois do seu fiasco, de poder mostrar alguma sabedoria.

Os pequenos installaram-se de novo no chão, sentados em volta do sr. Carvalho.

«Conte, meu pae.»

«Conte, tio Jorge.»

Devia ser tão linda a historia d'aquelles bichos que nasciam dentro de perolas!

Esperavam maravilhas.

«Conta-lhes o que nós observámos...» disse a Leonor, sorrindo. «Estão entusiasmados demais pela intelligencia dos insectos. As formigas ruivas acabaram de lhes fazer perder a cabeça. É bom que saibam a vida da proccionaria.»

«A proccionaria?...»

«É a lagarta do pinheiro. Uma lagarta de uma polegada de comprimento, pelluda, sarapintada de vermelho e de cinzento, com uma cabeçorra grande e negra como alcatrão. É o bicho que tece este

sacco, este ninho onde se abriga, fabricando-o com a seda que larga continuamente da bocca. Vive em sociedade, ás centenas...»

Os pequenos cada vez mais avidos da historia, comiam com os olhos a Leonor e o sr. Carvalho.

CAPITULO XXVII

O reino da estupidez.—Conclusão

« Isto succedeu ha muitos annos » principiou o sr. Carvalho. « A Mariasinha era tão pequena que ainda não podia entender estas coisas nem interessar-se por ellas.»

« Por detraz do muro do jardim, alli mesmo pertinho de casa, ha uns pinheiros. . . »

« Bem sei » disse a Violante. « Ao lado da cancella que dá para a ladeira.»

« Isso. Pois a Leonor e eu reparamos, em Dezembro, que havia uns poucos de ninhos de lagartas, nos ramos altos d'esses pinheiros. Eram do tamanho de uma pera franceza, das grandes. Mas depois d'isso, cresceram, cresceram. . .

« Como o jardim assenta n'um socalco de terra que o muro sustenta, muito elevado sobre o declive da collina. . . »

O Pedro interrompeu-o :

«A escadinha de pedra que desce da cancella para a ladeira, tem tantos degraus!...»

«Os ramos dos pinheiros onde se encontravam os ninhos,» continuou o sr. Carvalho «ficavam portanto á altura do muro do jardim. Um d'elles tão perto, que lhe podíamos tocar com a mão.

«Todos os dias, a differentes horas, vinhamos observar o trabalho das lagartas.

«Era muito interessante. Ás dez da manhã saham para uma especie de varanda que tinham construido no topo do ninho e cujo toldo era feito com fios de seda. Ahi descansavam, dormiam a sesta; e á tardinha, perto das sete horas, principiavam a trabalhar. Passeavam em todos os sentidos sobre o ninho, largando sempre o fio de seda, que assim iam tecendo, augmentando o tamanho e a espessura da sua habitação.

«A Leonor e eu seguimos com uma grande attenção este trabalho. Como ellas previam os rigores do inverno, construindo uma casa tão confortavel e bem defendida contra os perigos dos proximos frios, ventanias, chuvas!

«Um dia peguei n'uma tesoura, dei um golpe n'um dos ninhos, de alto a baixo. Queria ver se ellas o concertavam; e mais uma vez a minha experiencia sobre a intelligencia dos insectos, teve um triste resultado.

«Ao verem a enorme brecha que deixava a sua casa aberta a todas as intemperies e destruia

os seus esforços de defeza contra o inverno, ficaram indifferentes. Ellas, que tinham em si tanta seda, tantos materiaes de reconstrucção, nem pensaram em remediar o mal.

«Continuaram os seus passeios, tecendo o veu transparente exterior; e nada mais.»

«Os insectos nunca refazem uma obra já feita» disse a Leonor. «São como as plantas. Às vezes os seus trabalhos, aos quaes parece presidir um raciocinio, enganam-nos, levam-nos a acreditar n'uma intelligencia que não existe.»

Os pequenos escutavam, calados; pensavam na Lycosa e na bola de cortiça; pensavam na historia do pelo-peu...

O sr. Carvalho proseguiu:



Fig. 13—Lagartos do pinheiro e borboleta.

«Esse ninho não resistiu aos rigores do tempo. Ao chegar a invernia, as larvas todas morreram de frio, com a sua habitação inundada pelos aguaceiros...

«Quando acabava o trabalho da tarde que durava umas duas horas, as lagartas iam pastar; afastavam-se dos ninhos em procissão, umas atrás das outras, largando cada qual o seu fio de seda, que assim multiplicado, formava um estreito rasto brilhante, pelo qual se guiavam á volta. E desperjavam-se pelos ramos, roendo as agulhas do pinheiro até que os frios da madrugada as obrigavam a recolher-se.

«A's vezes, algum dos grupos, á volta, enganava-se encontrando um rasto de seda que não conduzia á sua habitação, mas sim á de outro grupo que por alli passara.

«O rasto era seguido, e as intrusas penetravam no ninho alheio onde se installavam sem parecerem perceber o engano e sem que as donas da casa dessem o menor signal de surpresa ou desagrado. O trabalho, as séstas, as saídas em procissão para a pastagem, tudo continuava na mesma, inalteravel, como se coisa alguma anormal tivesse succedido.»

«Durante todo o tempo que observámos as processionarias,» disse a Leonor «nunca assistimos a uma confusão, a uma rixa, a uma lucta, a uma alteração fosse de que ordem fosse, no decorrer

tão regular e monotono da sua vida. Parece que n'aquelles cerebros elementares, não ha lugar para um sentimento, para uma commoção. As pobres larvas são como as folhas das arvores que nascem, crescem, absorvem os alimentos nutritivos do ar, necessarios á existencia da planta, e morrem sem que a grande obra de vida á qual deram o seu indispensavel contingente, tivesse recebido d'ellas a mais leve contribuição de vontade ou de raciocinio.»

Os pequenos estavam muito serios. A Leonor falava mais para si do que para elles; percebiam vagamente que o seu pensamento se elevava acima da triste existencia rudimentar das lagartas de pinheiro. Todos tres muito intelligentes, tentavam comprehendel-a, fazendo esforços nos seus cerebros humanos, tão differentes, tão superiores aos dos insectos.

O sr. Carvalho, depois de um silencio, proseguiu com a sua narrativa:

«Em Fevereiro, as lagartas principiaram a fazer expedições mais longinquas. Formavam-se procissões cujo comprimento variava de tres a doze metros e mais.

«Abandonavam o pinheiro, caminhavam pela terra (levadas talvez já pelo vago instincto de procurarem terreno propicio á sua obra de mina para o mysterio do casulo e da transformação). Se encontravam outro pinheiro, trepavam, pasta-

vam, voltavam para casa ás horas do costume e pelo mesmo caminho marcado pelo rasto de seda.

«Um dia uma procissão seguiu um ramo do pinheiro que tocava no muro do jardim; desceu o muro, subiu para um dos vasos de palmeiras que vocês conhecem.

«O vaso é grande; tem talvez metro e meio de circumferencia.

«A noite estava de luar, e o tempo tão ameno que parecia de verão. A Leonor e eu, que andavamos passeando no jardim, vimos aquillo; e eu tive uma idéa...

«Chegadas ao cimo do vaso, as processionarias seguiam-lhe a borda, provavelmente por gostarem d'aquelle caminho liso, sem obstaculos e horizontal. Deram a volta completa.

«Quando o circulo se fechou, com uma vassoura varri o resto das expedicionarias que ainda iam subindo. Limpei cuidadosamente toda a superficie exterior do vaso afim de que não ficasse nenhum fio conductor... E a Leonor e eu, observámos o que ellas faziam.»

«Adivinhem,» interrompeu a Leonor voltando-se para os pequenos.

O Pedro, a Violante e a Mariasinha, olharam uns para os outros, perplexos.

Não quèriam responder á tóa.

Sentiam agora a sua responsabilidade, uma

especie de orgulho na sua intelligencia. E hesitavam.

«Então?» perguntou o sr. Carvalho. «Pensem. E não julguem as lagartas comparando-as a entes dotados de razão como nós. Vamos a ver...»

O Pedro disse, todo corado:

«Segundo o que o tio Jorge nos contou da estupidez da processionaria, parece-me que vou adivinhar o que ellas fizeram.»

«O que foi?»

«Continuaram a andar á roda, á roda, julgando que avançavam...»

O sr. Carvalho e a Leonor sorriram.

«Nem mais nem menos,» respondeu esta. «Emquanto alli estivemos, andaram sempre á roda do vaso. No dia seguinte de manhã ainda lá andavam. E isto durou... sabem quanto tempo? Oito dias!...»

«Oito dias?!...»

«Felizmente o tempo estava muito ameno e por isso não morreram de frio. Todos estes dias se aguentaram sem comer. Era só andar, indefinidamente, estupidamente, sem o mais leve alvorecer de uma idéa que as livrasse d'aquelle supplicio tão facil de evitar, mesmo ao lado dos pinheiros onde estava a salvação.»

O Miguel escutava com as sobranceiras muito levantadas e os olhos abertos, quasi sem expressão.

Os tres pequenos continuavam muito sérios.

Pensavam em todos os insectos que já tinham estudado com o sr. Carvalho e com a Leonor. Iam-lhes crescendo nos cerebros idéas ainda confusas, mas que não eram só a lembrança dos factos observados.

Era outra coisa: a impressão de terem descoberto um mundo novo...

A Leonor, que parecia adivinhar-lhes os pensamentos, disse devagarinho:

«E o que vocês apprenderam é tão pouco! O seu conhecimento da vida dos insectos é uma nesgashinha de luz apenas visivel no campo tão grande do que ignoram. Ha tantas coisas lindas, surprehendentes, que vocês nem suspeitam, meus filhos!... E abaixo dos insectos, os microbios, outro mundo mais maravilhoso ainda. E as plantas da terra?... E as vegetações do mar?... E todos os animaes que vivem e se agitam sobre o globo, uns tão aperfeiçoados, tão perto já de nós, outros que mal se differencam dos vegetaes... E as rochas, as pedras, a agua... Em volta de nós, tudo, até ao mais leve grão de poeira que dansa n'um raio de sol, tem a sua historia, o seu prodigio para contar...»

«Vamos para casa; está a escurecer e eu preciso de falar ao capataz antes d'elle se ir embora.»

E o sr. Carvalho levantou-se.

Todos se puzeram de pé, dispondo-se a partir.

E então viram que o Miguel adormecera.

Sentado sobre as agulhas de pinheiro que atapetavam a terra, com a cabeça encostada a um tronco, e a borboleta morta na mão, o roupeiro respirava profundamente.

O sr. Carvalho apontou para elle, mostrando-o aos pequenos :

« Vêem? Enquanto vocês, mais instruidos, com a intelligencia mais desenvolvida pelo estudo e pela educação, se interessam pelo que lhes estivemos contando, e tiram um prazer superior das maravilhas que vão descobrindo, o pobre Miguel, tão ignorante, tão atrasado, não vos pode acompanhar. O seu cerebro fez um esforço de comprehensão e de raciocinio a que não está costumado, para o qual não tem preparação, e cançou-se logo.»

A Leonor teve um sorriso triste.

« E a humanidade nunca será feliz, » murmurou ella « enquanto houver entre os homens estas differenças tão grandes de instrucção. É preciso que a luz seja a mesma para todos; cada um olhará então em torno de si e verá tudo conforme a vista que tiver... São vocês, meus filhos, que devem pensar n'estas coisas do futuro, e fazer diligencias para que a luz se espalhe... »

Os pequenos olhavam para ella.

Entendiam vagamente que se esperava d'elles

muito trabalho e muita bondade; mas isso não lhes mettia medo. Pelo contrario.

O coração batia-lhes com mais força, de orgulho, de esperança em coisas que mal se esboçavam ainda nos seus cerebros infantis, mas que lhes pareciam já tão grandes, tão serias e tão lindas !

26 de Julho de 1910.

FIM

INDICE

PREFACIO	PAG. 5
--------------------	-----------

CAPITULO I

Chegada da Violante.— A caça á cigarra.— A cantora que não canta com a bocca e que vê com cinco olhos	11
---	----

CAPITULO II

A fabula da cigarra e da formiga.— A caixa de mu- sica.— A poedeira que põe quatrocentos ovos . .	21
--	----

CAPITULO III

O anão atrevido.— O gymnasta que faz habilidades na ponta da corda.— Os gyrinos.— A mineira .	31
--	----

	PAG.
CAPITULO IV	
Transformação.— O sonho	43
CAPITULO V	
À procura da bondade.— As apparencias enganam. — Habitação dos novos hospedes	55
CAPITULO VI	
Um noivo de triste figura.— As tenazes da louva-a- Deus.— Umas azas que não servem para voar	65
CAPITULO VII	
Um phantasma.— Os cannibaes	73
CAPITULO VIII	
Metamorphoses dos insectos.— Miss Mac Duff e o seu viveiro de feras	83
CAPITULO IX	
Descripção dos insectos.— Uma Barba-Azul	93
CAPITULO X	
Um ninho de espuma.— O sr. Carvalho principia a historia do pelopeu.	101

	PAG.
CAPITULO XI	
O ninho do pelopeu.— A intelligencia dos insectos.	111
CAPITULO XII	
A obra da louva-a-Deus.—O roubo da Josepha Pequena	119
CAPITULO XIII	
As larvas da louva-a-Deus.—A Josepha Pequena é mordida por um lacrau	127
CAPITULO XIV	
Educação da Josepha.— Diferença entre o homem e a louva-a-Deus.	135
CAPITULO XV	
As ruínas da Miss Mac Duff.— Um monstro	141
CAPITULO XVI	
Tres familias interessantes.— A Mariasinha e a Violante vêem novas maravilhas.	149
CAPITULO XVII	
Um palacio encantado.— O circulo de fogo	157
CAPITULO XVIII	
Uma bôa surpresa.— Jornada do Pedro	167

	PAG.
CAPITULO XIX	
O passeio de barco e o jantar no sobral.— Encontro inesperado	173
CAPITULO XX	
O globo de seda onde se abrigam centenas de vidas.— O sol chocador de ovos.	183
CAPITULO XXI	
A pera encantada.— O fiel guardador do thesouro	191
CAPITULO XXII	
As surpresas do escriptorio.— Victima do dever.	201
CAPITULO XXIII	
Confusões da Lycosa. — Os aeroplanos	209
CAPITULO XXIV	
Os musicos da charneca.— Os amores.— Uma caixa-nha de surpresa.	219
CAPITULO XXV	
Os salteadores.— A escravatura.	229

PAG.

CAPITULO XXVI

Fiasco do Miguel.— A maçaroca de perolas 239

CAPITULO XXVII

O reino da estupidez.— Conclusão 249

INDICE DAS ILLUSTRAÇÕES

PAG.

Escondeu-se com a pequena por detraz do tronco da arvore, e immediatamente a cigarra recomeçou a cantar 17

Então pouco e pouco a Violante deixou de entender distinctamente as palavras que elle dizia 47

De repente ouviram um tropel de cavallo, e voltando-se, viram uma amazona que galopava a uma certa distancia, seguida por um creado montado tambem 89

Pegou n'uma lente que estava em cima da meza e deu-a ás pequenas que examinaram com ella o insecto. 103

E quando ella agarrou com a pinça n'um lacrau dos maiores do seu viveiro e o collocou no meio do circulo de fogo... 161

Os dois pequenos approximaram-se, curiosos; e d'ahi

a um instante estendiam-se no chão ao lado do Miguel...	177
Os pequenos approximaram-se cautelosamente e olharam para um ramo já secco, designado pelo Miguel	193
O rapaz trepou pelo tronco acima, e depois de estar a uma certa altura, ajudado com o varapau que o Pedro lhe passou, despegou o ninho que veio cahir aos pés dos pequenos	245

α
66590





LIVRARIA CLASSICA EDITORA

20, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20

LISBOA

JOÃO DA MOTTA PREGO

A Borta do Thomé (Avicultura) Aprovado e classificado em primeiro lugar pela respectiva Comissão Technica em concurso aberto em 22 de Outubro de 1908, e adquirido pelo governo para ser distribuido como premio aos alumnos das escolas primarias. 6.^a edição. 1 vol. 500

A Quinía do Diabo (Avicultura) Aprovado e classificado em primeiro lugar pela respectiva Comissão Technica em concurso aberto em 22 de Outubro de 1908, e adquirido pelo governo para ser distribuido como premio aos alumnos das escolas primarias, e *premiado com medalha de ouro na Exposição de avicultura e apicultura realisada em Lisboa em Maio de 1911*. 5.^a edição. 1 vol. 500

O Padre Roque (Apicultura). *Premiado com medalha de ouro na Exposição de avicultura e apicultura realisada em Lisboa em Maio de 1911*. 1 vol. 600

Os netos do Nicolau (Sericultura). No prélo.

M. DE LOS DOLORES DEL POZO

A Menina católica na familia e na sociedade Tradução de D. Maria da Cunha. 1 vol. cartonado proprio para presente. 300